

# JORNALISMO:

Silêncios,  
censuras  
e potências

Cláudia Lago  
Monica Martinez (orgs.)

apoio:



CAPES

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

## CONSELHO CIENTÍFICO

---

**Antonio Hohlfeldt** (PUC-RS)

**Carlos Franciscato** (UFS)

**Cláudia Lago** (USP)

**Fernando Oliveira Paulino** (UnB)

**Frederico Tavares** (UFOP)

**Josenildo Guerra** (UFS)

**Laura Storch** (UFSM)

**Leonel Aguiar** (PUC-RJ)

**Marta Maia** (UFOP)

**Monica Martinez** (UNISO)

**Sonia Virginia Moreira** (UERJ)

**Suzana Barbosa** (UFBA)

**Giovanna G. Benedetto Flores** (UNISUL)

**Cláudia Quadros** (UFPR)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
BIBLIOTECÁRIA ELIANE LEMOS – CRB: 5866

---

E16

Jornalismo: silêncios, censuras e potências [recurso eletrônico] / [organizadoras] Cláudia Lago, Monica Martinez. 1. ed. – São Paulo, SP : Balão Editorial, 2017. recurso digital; 118 p.

“Trabalhos apresentados no 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (14º SBPJor) realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina, a Unisul, em Palhoça (SC) de 9 a 11 de novembro de 2016.”

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Edition

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-63223-56- 2 (recurso eletrônico)

1. Jornalismo. 2. Jornalismo - Pesquisa. 3. Pesquisa - Metodologia. 4. Livros eletrônicos. I. Lago, Cláudia, 1964-. II. Martinez, Monica, 1966-.

0067/2017 CDD 070.01  
CDU 070

---

# SUMÁRIO

---

<b>UM E-BOOK FEITO DE RAÍZES, ASAS E RAZÕES</b> CLÁUDIA LAGO, MONICA MARTINEZ	<b>5</b>
<b>PREMIADOS PAGF 2016</b>	
<b>NARRATIVAS, RELAÇÕES DE GÊNERO, VISUALIDADES: TEMPOS E ESPAÇOS JORNALÍSTICOS</b> DULCILIA SCHROEDER BUITONI	<b>11</b>
<b>A DOENÇA COMO CONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA NO NOTICIÁRIO DA REVISTA VEJA</b> LUIZ MARCELO ROBALINHO FERRAZ, KÁTIA LERNER	<b>26</b>
<b>JORNALISMO, SOCIEDADE E CRÍTICA: NOVOS CAMINHOS</b> ÁLISSON COELHO	<b>41</b>
<b>A NARRATIVA MULTIMÍDIA NO CIBERJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE “ROTA 66, A CONFISSÃO”</b> GABRIEL RIZZO HOEWELL	<b>56</b>
<b>REDES DE PESQUISA</b>	
<b>REDE DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS (JORTEC)</b> MARCELO TRÄSEL, RAQUEL LONGHI, RODRIGO BOTELHO-FRANCISCO, WALTER TEIXEIRA LIMA JUNIOR	<b>76</b>
<b>RENAMI, UMA NARRATIVA QUE NASCEU, CRESCEU E SE FEZ REDE</b> DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER, FABIANA PICCININ, MARTA MAIA, MONICA MARTINEZ	<b>88</b>
<b>A REDE NACIONAL DE OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA (RENOI) E SUA CONTRIBUIÇÃO À BUSCA POR QUALIDADE NO JORNALISMO</b> JOSENILDO GUERRA, DANILO ROTHBERG, LUIZ EGYPTO	<b>103</b>
<b>REDE TELEJOR: DOZE ANOS DE ENSINO E PESQUISA EM TELEJORNALISMO</b> CRISTIANE FINGER, CÁRLIDA EMERIM	<b>114</b>
<b>A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PESQUISA EM JORNALISMO EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO</b> CARLOS FRANCISCATO, RAFAEL GROHMANN, SÉRGIO GADINI	<b>124</b>

# UM E-BOOK FEITO DE RAÍZES, ASAS E RAZÕES

---

**Cláudia Lago (USP)<sup>1</sup>**  
**Monica Martinez (Uniso)<sup>2</sup>**

O Dalai Lama tem uma frase que nos parece cair bem para esta introdução. Em tradução bem pessoal, seria algo como “dê aos que lhe são caros asas para voar, raízes para voltar e razões para ficar”.

Este livro certamente integra a parte “asas para voar”, pois reúne resultados de trabalhos apresentados e realizados no âmbito do 14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (14º SBPJor) – extremamente importantes, mas que, por não fazerem parte dos trabalhos apresentados regularmente nas Comunicações Coordenadas ou Individuais, não fazem parte dos Anais do evento e acabam não tendo a visibilidade merecida. Uma visibilidade que, quando acionada, amplia a compreensão sobre o campo do Jornalismo, pleno de potencialidades reflexivas na mesma medida da amplitude de seu objeto.

Por conta dessa abrangência, que nos permite transbordar e nos deixar ser transbordados por outros campos, somos incessantemente convidados a testar nossas asas e voar. Basta ver os capítulos escritos pelos ganhadores da 11ª. Edição do Prêmio Agelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo (PAGF). Antes de tudo, cabe aqui uma digressão: o Prêmio AGF foi criado em 2004 pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) para valorizar, de forma individual, as contribuições relevantes para o campo da pesquisa em jornalismo.

Todo ano são montadas três comissões julgadoras, com três integrantes cada, para avaliar os trabalhos de Iniciação Científica e os Trabalhos de Conclusão de Curso, de Mestrado e de Doutorado. Quem indica a comissão julgadora é a coordenação do Prêmio, função que, em 2016, foi desempenhada por Cláudia Quadros (UFPR). Nesse ano, foi com satisfação que tivemos um número recorde

---

1. Presidente da SBPJor para o período de 2015-2017.

2. Professora permanente do Programa de Comunicação e Cultura da Uniso/SP, é diretora científica da SBPJor para o período de 2015-2017.

de submissões: nada menos que 14 teses inscritas na categoria Doutorado (contra 12 em 2015), 24 dissertações na categoria Mestrado (foram 17 em 2015) e 29 trabalhos na categoria TCC/IC (11 em 2015).

A entrega do Prêmio foi realizada na noite de abertura do 14º. Encontro Nacional da SBPJor, dia 9 de novembro, na Unisul, em Palhoça, Santa Catarina. Durante a premiação, Alisson Coelho, orientado pela professora Christa Berger (Unisinos), como é de praxe, só agradeceu. Pela manhã, com mediação de Josenildo Guerra, ele havia apresentado os resultados de sua pesquisa aos participantes do VI Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor). Graças a essa publicação, agora é possível saber mais sobre a dissertação “Jornalismo, sociedade e crítica – potencialidades e transformações”. Ou, como o título que ele deu a esse capítulo, sobre “Jornalismo, Sociedade e Crítica: novos caminhos”.

Na mesma manhã de 9 de novembro, outro ganhador, o agora doutor pela Fundação Oswaldo Cruz, Luiz Marcelo Robalinho Ferraz, compartilhou os resultados de um tema que é caro ao jornalismo atual. Em “Doença, uma noção (também) jornalística: estudo cartográfico do noticiário de capa do semanário de informação *Veja* (1968 -2014)”, ele estuda de forma densa e aprofundada esse paradigma definidor dos humanos contemporâneos: as patologias. Ressalte-se: não a saúde, mas as doenças, com todo seu lastro ligado ao capitalismo e ao consumo, uma tese que foi coorientada pelo professor Patrick Charaudeau, da Universidade Paris-Nord (Paris XIII). Os principais achados podem ser conferidos no capítulo “A doença como construção jornalística no noticiário da revista *Veja*”, redigido a quatro mãos com a orientadora da tese, Kátia Lerner (Fiocruz).

Este livro traz ainda o texto de Gabriel Rizzo Hoewell, agraciado com a premiação Trabalho de Conclusão de Curso/Iniciação Científica, com o texto “A narrativa multimídia no ciberjornalismo: uma análise de “Rota 66, A Confissão”, em que o autor, a partir do campo do jornalismo e do *webdesign* busca entender como a Internet pode contribuir para configurar o que pensa ser um novo formato, o ciberjornalismo. Rizzo defendeu seu trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, orientado por Ana Cláudia Gruszynski e co-orientado por Ana Rosa Bandeira.

## Raízes para ficar

Em um mundo no qual a juventude é um dos valores supremos, o Prêmio AGF dedica um lugar especial à categoria Sênior, que tem por objetivo homenagear um(a) pesquisador(a) com destacada atuação na área, pelo conjunto de sua obra. De acordo com seu regulamento, qualquer associado pode sugerir personagens para essa categoria. Os nomes são avaliados e escolhidos posteriormente pelo Conselho Científico e pela Diretoria Executiva da entidade. Em 2016, a homenageada pelo trabalho de uma vida junto ao campo do Jornalismo foi Dulcília Buitoni, então professora aposentada da ECA (Escola de Comunicações e Artes) da Universidade de São Paulo, onde construiu a maior parte da sua trajetória e, desde 2017, professora permanente do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), onde continua contribuindo para o jornalismo. Na noite do dia 9, Buitoni fez um discurso memorável sobre sua trajetória acadêmica, que se funde com a criação do campo. O início, com os doutorandos sendo orientados por profissionais da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) da Universidade de São Paulo. O pé no jornalismo e no ensino, até descolar das redações para lançar voo no mundo acadêmico em franco processo de configuração. “Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira”, sua tese defendida em 1980, segue sendo um dos clássicos dos estudos que mesclam gênero e jornalismo.

Muitos estudiosos de Jornalismo e Comunicação, em geral, argumentam que nosso campo é jovem. Bem, nesse meio século já há muitas pesquisas e histórias. Essa premiação e seu registro (o site da entidade traz a listagem dos ganhadores dos anos anteriores por meio do link <http://sbpjour.org.br/sbpjour/premio-agf>) fazem parte do esforço da SBPJor para preservar a memória dos estudos em jornalismo, para que as gerações futuras não percam tempo criando rodas já inventadas.

## Razões para voltar

O que faz um(a) pesquisador(a) retornar, ano após ano, a uma conferência num universo de encontros às vezes efêmeros, nos quais os profissionais podem se sentir tentados a dar uma rasante para apresentar seus trabalhos e voltar, o quanto antes, para seus postos de trabalho?

Há várias razões e, certamente, uma delas é a seriedade com que os trabalhos são selecionados para estimular o diálogo. Contudo, temos absoluta confiança de que uma das mais poderosas razões para voltar envolve os afetos. O termo não é empregado, aqui, apenas na esfera dos sentimentos, embora também estejam incluídos. Mas, sobretudo, na dimensão das emoções que mobilizam, afetam e tocam, fazendo pensar não só com o intelecto, mas com o corpo inteiro.

Nesse sentido, apresentar um trabalho é muito mais do que chegar com uma fórmula pronta para resolver, com dignidade, os 15 minutos de fala. É ter abertura para entender que sempre se tratam de trabalhos em progresso, que sempre há espaço para ouvir a fala do outro e incorporar melhorias que sequer haviam sido vistas. É entender que, às vezes, esse aprimoramento não é desencadeado pela fala de um decano, mas do frescor da visão de um jovem e talentoso pesquisador. É respeitar uma visão dissonante, mesmo se não for endossá-la, simplesmente porque outros têm direito de pensar, sentir e ser diferente. É experimentar o mesmo frio na barriga que sentiu meses, anos ou décadas atrás ao se expor na frente de um grupo, pelo simples motivo de que se é o único a estar na direção diferente.

Felizmente, nos últimos anos, a vida solitária do pesquisador tem se aberto aos afetos das redes. Em inglês, esse tipo de rede é descrito como *network*, algo associado ao trabalho. Nesse âmbito, o português é imbatível. Numa mesma palavra, rede, temos tanto o trabalho, o *homo faber*, quanto o *ludens*, o que tem o corpo embalado criativamente pelo balanço da rede. É nesse suave aconchego que gestamos as quatro redes de pesquisa ligadas à SBPJor: Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec); a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami); a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoj); e a Rede de Pesquisa em Telejornalismo (Telejor).

Os capítulos escritos pelos coordenadores atuais das quatro redes são uma tentativa de registrar o seu momento fundante, seus avanços, suas paralizações, seus retrocessos, seus desafios, suas visões de futuro. Bons profissionais que são, todos foram muito elegantes em minimizar os problemas que envolvem a pesquisa coletiva em nosso campo. Com nossa forte tradição ensaística, o fato é que estamos deixando de engatinhar para dar os primeiros, mas sólidos, passos nessa área. A modéstia fez calar a dificuldade em levantar financiamento, em en-

contrar um ponto comum entre tantos interesses diferentes, em vencer as metas produtivistas contemporâneas que, não raro, resultam na questionável ciência “salame”, no qual os resultados de pesquisa são fatiados em várias publicações. Sem mencionar o desafio de simplesmente encontrar tempo para tanta atividade – em geral roubado da vida pessoal e familiar.

Mas o fato é que, apesar de tudo, as quatro redes ligadas à SBPJor têm resultados concretos para mostrar, que se expressam no número de seus participantes, na geração de conhecimento, nos inúmeros livros publicados, nas relações com outros grupos de pesquisa nacionais e internacionais, na incursão por searas ainda praticamente virgens – como a pesquisa aplicada –, entre outros. Sim, depois de 15 anos de nossa fundação, em 2004, a SBPJor orgulha-se de propiciar um espaço fértil para o diálogo e para o rufar das asas de sua comunidade. Apesar de (ou talvez por conta de) tantos obstáculos – de crises de modelo de gestão a crises políticas –, o fato é que nossos pesquisadores ainda encontram motivos para exercitar as asas e voar. É o que os textos das Redes demonstram.

Da mesma forma, o texto final do livro, “A institucionalização da Pesquisa em Jornalismo”, escrito a seis mãos por Carlos Franciscato, Rafael Grohmann e Sérgio Gadini, apresenta os caminhos da institucionalização de nosso campo, passando por fatos marcantes, como a constituição da SBPJor em 2003, e pela realização dos Seminários de Pós-Graduação em Jornalismo, que desde 2013 fazem parte também dos Encontros Nacionais da entidade. Mais do que relatar os caminhos dos Seminários, o texto fala da pesquisa em Jornalismo contextualizando-a em relação aos cursos de graduação e ao próprio desenvolvimento do campo.

Esperamos que os trabalhos reunidos neste livro deem conta da amplitude e ramificações do 14º SBPJor que, graças ao apoio e suporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agora está disponível em formato de e-book, com livre acesso a pesquisadores interessados na área e nos temas.

Desejamos boa leitura!

**Cláudia Lago e Monica Martínez**  
**Outono de 2017**

# PREMIADOS PAGF 2016

---

# NARRATIVAS, RELAÇÕES DE GÊNERO, VISUALIDADES: TEMPOS E ESPAÇOS JORNALÍSTICOS

---

**Dulcilia Schroeder Buitoni<sup>1</sup>**

## 1. Linguagens: um oceano

LÍNGUA. LINGUAGENS. A forma humana de se comunicar. O verbo, os sujeitos, os objetos. Leitora de livros, jornais, revistas, quadrinhos, receitas, folhetos. Lia de tudo: infância e adolescência muito letradas e muito escritas. E o poder das imagens – fotografia, artes plásticas, cinema. Televisão bem menos – os pais eram contra.

ENSAIO poderia ser uma forma privilegiada de se escrever ciência nas áreas das humanidades. A estrutura do artigo científico das ciências duras muitas vezes atrai normatização excessiva. Ao longo da vida acadêmica, tentei outras maneiras de discorrer sobre teorias, apresentar ou orientar trabalhos de pesquisa. Por que um audiovisual não pode ser uma dissertação? Se trabalhamos com comunicação, por que não podemos fazer experimentos?

TEMAS foram se encadeando. Narrativa, mulher, criança, imagem, documentário. E experimento escrever texto acadêmico de forma não convencional, como fiz, muitos anos atrás, na tese de livre-docência. Tento reviver nestas linhas parte desta escrita.

NO CURSO CLÁSSICO, mais paixão pela literatura. A vontade de fazer jornalismo. Entrei no curso de Direito da USP em 1966; mas não era esse o caminho. 1967: vestibular para a primeira turma de Jornalismo da Universidade de São Paulo. A escola que se iniciava, Escola de Comunicações Culturais, transformou-se depois na Escola de Comunicações e Artes – ECA.

O MUNDO DA COMUNICAÇÃO. O mundão das palavras, das fotos, das imagens em movimento. O mundo do áudio, da música, da arte. A matéria

---

1. Professora permanente do Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da ESPM/SP, livre-docente e titular de Jornalismo pela ECA-USP, professora de PPGCOM da ECA (1981 a 2005), professora de PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero (2006 a 2015).

de Língua Portuguesa era muito mais que língua, era um curso de Linguística e Semiologia. Mais tarde, a disciplina Semiologia, de filiação francesa, foi substituída pela Semiótica. O professor Isidoro Blikstein reforçou o amor às letras e acrescentou as imagens cinematográficas com a exibição e a leitura de filmes “solares” como *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos, e *Nuit et brouillard*, um inquietante documentário de Alain Resnais sobre campos de concentração. Fabiano andando na caatinga; sulcos esculpidos pelas unhas de prisioneiros judeus nos tetos das câmaras de gás. Angústias e aflições humanas. Uma maneira muito concreta e muito emocionante de trabalhar com a linguagem.

O FOTOFILME de Marcelo Tassara, *A João Guimarães Rosa*, uma animação de fotos de Maureen Bissiliat com narração em *off* de trechos de *Grande Sertão: Veredas*, trouxe novas formas de se fazer cinema, narrativa conduzida por fotografias em movimento. Foi uma das primeiras produções do curso de Cinema da ECA.

OS OLHOS se abriam, fascinados. E o mergulho na literatura latino-americana, conduzido por Eduardo Peñuela Canizal. Nas trilhas do mistério das palavras, das imagens verbais prenunciando o caminho visual, Peñuela nos encantava com a alternância de narradores em *A morte de Artemio Cruz*, do mexicano Carlos Fuentes, romance que se tornou seminal em minhas fontes narrativas.

A POETA e professora de Filosofia Lupe Cotrim introduziu Marcuse, Foucault e Merleau-Ponty. Fenomenologia, existencialismo, marxismo; mas talvez o que mais identificava o nosso curso era a maré estruturalista, começando com Lévi-Strauss e passando por Umberto Eco e Roland Barthes, entre outros. Edgar Morin e Marshall McLuhan pontificavam sobre comunicação. Visitantes estrangeiros como Abraham Moles e Roberto Rossellini aumentavam nosso entusiasmo pela comunicação e pelas artes.

FOTOGRAFIA, fotojornalismo: começava a paixão pelas mãos e pelos olhares de Thomas Farkas e a produção das primeiras imagens jornalísticas que foram publicadas num jornal impresso do curso. Na Agência Universitária de Notícias (AUN), os primeiros textos jornalísticos foram se configurando.

NARRATIVA, antropologia, escrita jornalística, cinema, teatro, diálogo com as artes plásticas, o curso de Jornalismo na ECA articulava diferentes lin-

guagens. Nessa época, provavelmente o autor mais lido, entendido e aplicado por mim foi Roland Barthes: “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; não há em parte alguma povo algum sem narrativa” (BARTHES, 1971, p. 18). Na abertura desse texto em que resume as teorias correntes na época, o autor francês continua: “frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida” (BARTHES, p. 18).

ESTUDANTE AINDA, rápida passagem pelo sensacionalista *Notícias Populares* e depois o estágio que definiria a opção pelo jornalismo de revistas. Éramos três estudantes selecionados pela Editora Abril; eu fui encaminhada para a revista *Intervalo*, semanário sobre televisão. No entanto, apesar da pouca familiaridade com o assunto, a experiência em *Intervalo* foi de grande aprendizado, pois o diretor era o jornalista Milton Coelho da Graça, que acumulava a direção da revista *Realidade*.

## 2. O conto brasileiro virou fotonovela estrangeira

NA EDITORA ABRIL, a surpresa com a enorme tiragem da revista feminina *Capricho*, de fotonovelas, que desde a década de 1950 vinha ultrapassando 500 mil exemplares por edição (suplantada apenas pelo *Pato Donald*). Em 1970, revistas como *Veja* e *Claudia* tinham tiragens bem menores. O fato de superar todas as outras publicações da editora com mais conteúdo jornalístico despertou a vontade de entender esse fenômeno.

A RECÊM-FORMADA em Jornalismo foi selecionada para a pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP. Orientador: João Alexandre Barbosa, brilhante professor e crítico e literário, apesar da pouca idade, 34 anos. O encantamento com as aulas de Antonio Candido (foco narrativo e as principais teorias da literatura), Boris Schnaiderman (os formalistas russos), Walnice Nogueira Galvão (Euclides da Cunha). A narrativa fazia mais e mais parte da minha vida como pesquisadora acadêmica e como jornalista.

O PROJETO DE MESTRADO era sobre o conto brasileiro, tendo como foco os contos enviados a um famoso concurso literário – Fundepar –, do estado do Paraná. Comecei a analisar centenas de originais que concorreram ao prêmio Fundepar, mas não encontrava nenhum eixo de análise. Foi então que conversas com João Alexandre, especialista em João Cabral de Melo Neto e Mallarmé, resultaram na mudança da pesquisa, que analisaria a narrativa das fotonovelas.

NA DISSERTAÇÃO *O quadrado amoroso: algumas considerações sobre a narrativa de fotonovela*, foram levantadas características dessa literatura romântica, em fotos quadrinizadas, encenadas por atores. No caso da *Capricho*, a grande maioria era de fotonovelas italianas traduzidas, com raras exceções de uma ou outra produção brasileira. Inicialmente, a fotonovela foi um subproduto da indústria cinematográfica; um diretor italiano percebeu que os folhetos de divulgação dos filmes a serem exibidos em cidades do interior exerciam grande atração entre o público. A sinopse, acompanhada de algumas fotos, havia se transformado em sucesso editorial. Assim, ele passou a produzir fotonovelas para serem publicadas em revistas. Além disso, as primeiras fotonovelas publicadas eram formadas por fotogramas de filmes comerciais, com inserção de balões com os diálogos.

MELODRAMA, romantismo facilitado, as fotonovelas costumavam ser bastante convencionais; mas seu sucesso estava relacionado a ser uma literatura amorosa visual, numa época em que as telenovelas ainda se iniciavam e não havia transmissão em cadeia nacional. No final da década de 1970, com o crescimento das telenovelas, as fotonovelas começaram a decair, para sumirem das revistas em meados de 1980.

BARTHES e Vladimir Propp foram fundamentais no Mestrado. O autor russo, que estudou contos fantásticos, forneceu uma chave conceitual que utilizo até hoje. Das ações/funções da narrativa por ele listadas, a função dano (ou carência) desempenha o papel de desencadeadora das sequências de uma história. O dano pede novas ações – provas ou lutas – para que finalmente seja reparado. No caso da carência, o encaminhamento é para que seja suprida. O dano desencadeador da narrativa está presente na maioria dos relatos humanos. Que é a

notícia ou a reportagem senão o acontecer e o desenrolar do dano? No entanto, nas matérias jornalísticas, a recomposição do dano geralmente se localiza em termos de uma finalidade a ser buscada. Ela está apenas no horizonte da pulsão de noticiar. Por isso, as denúncias; a notícia boa é uma exceção que muitas vezes vira rótulo a ser destacado em meio a tanta “notícia ruim”.

FILMES e telenovelas também se desenvolvem por causa de danos. Ao se dividirem em capítulos, as telenovelas precisam criar grandes e pequenas situações de dano para serem resolvidas no capítulo ou nas semanas seguinte. Hoje, as maledicências nas redes sociais e as *fake news* valem-se bastante da função dano.

SIMONE DE BEAUVOIR, a socióloga e militante francesa Évelyne Sullerot, algumas feministas norte-americanas, a bibliografia sobre imprensa feminina era bastante escassa e já renunciava a vontade de continuar a analisar esse manancial no Doutorado. João Alexandre continuou a me orientar e aí já nos encaminhamos diretamente para o estudo da imagem da mulher na imprensa feminina brasileira.

PRETENDIA examinar as primeiras publicações femininas do século XIX e ir até o final da década de 1970. A pesquisa das revistas mais antigas recorreu a bibliotecas públicas paulistanas e a coleções particulares; porém não pude chegar a um levantamento exaustivo pela dificuldade de encontrar o material. Foi possível classificar as duas tendências predominantes das revistas femininas brasileiras no século XIX: uma tradicional que não permitia liberdade de ação fora do lar e engrandecia as virtudes domésticas e as qualidades “femininas”, e outra progressista, com menos publicações, que defendia os direitos das mulheres, dando grande ênfase à educação. Já no século XX, foram encontradas imagens que caracterizavam cada uma das décadas.

A TESE *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira* foi defendida em 1980, perante à banca composta por João Alexandre Barbosa, Antonio Candido, José Marques de Melo, Ecléa Bosi e Walnice Galvão, mestres para toda a vida. No Doutorado, a análise verbo-visual teve influências de Roland Barthes, Roman Jakobson, Eliseo Verón, Umberto Eco, Michelle Mattelart. O estruturalismo compunha o grande quadro de fundo.

### 3. As mulheres fazendo gênero

OS ESTUDOS de gênero e comunicação exigem uma análise relacional a partir da desigualdade da representação entre o homem e a mulher que a mídia fazia e ainda faz. O feminismo dos anos 1970 provocou desenvolvimentos críticos em vários campos da ciência. Considerar sexo como uma construção social e corporal da mulher (e do homem) implica em uma crítica feminista da ciência. A tese foi transformada em livro e publicada pela editora Loyola no ano seguinte, 1981. Em 1985, a socióloga e professora da USP Eva Blay criou um núcleo que reunia pesquisadores que trabalhavam com questões de gênero: o NEMGE, Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, do qual participei desde sua fundação, tendo sido mais tarde coordenadora durante quase dois anos. O NEMGE exerceu um papel de articulador e realizador de pesquisas, promotor de oficinas e cursos e estimulador de políticas públicas dentro e fora da universidade. O grupo permanece até hoje, com desdobramentos nas redes sociais<sup>2</sup>.

NOS ANOS 1990, as idas à Facultad de Ciencias de la Comunicación da Universidad Autònoma de Barcelona (UAB) me aproximaram de pesquisadoras que desenvolviam trabalho sobre gênero, como Rosa Franquet, Amparo Moreno Sardà, que apontava o arquétipo viril como o protagonista da história, e Juana Gallego, que em 1990 escreveu um livro também chamado *Mujeres de Papel. De '¡Hola!' a 'Vogue': la prensa femenina en la actualidad*. Detalhe: Juana Gallego não conhecia o meu livro.

EDUCAÇÃO, comunicação, arte e vida social são espaços em que as aprendizagens de “masculino” e “feminino” se processam cotidianamente, contribuindo para a atribuição de características específicas a homens e mulheres, ao mesmo tempo em que a heterossexualidade é colocada como modelo dominante. Atualmente, esse padrão dominante sofre contestações e movimentos LGBT militam pela causa da diversidade; imprensa, rádio e TV estão mais abertas às representações e as redes sociais vêm sendo veículos de luta e de disseminação de direitos, alguns deles já conquistados em lei.

---

2. Conferir: <<https://nemge.wordpress.com>> e <[www.facebook.com/naocalausp](http://www.facebook.com/naocalausp)>.

*MULHER DE PAPEL*, o livro, estava completamente esgotado. Finalmente nos anos 2000 voltei a pesquisar as duas últimas décadas do século XX porque queria incluir as imagens de mulher produzidas pela imprensa feminina nesse período de grandes transformações. E então, em 2006, a editora Summus publicou a segunda edição, revista e ampliada.

A DOCÊNCIA na pós-graduação em Comunicação da ECA sempre teve a imagem presente. As primeiras disciplinas foram relacionadas com meu doutorado sobre a imprensa feminina. História, narrativa, imagens de mulher. A primeira dissertação orientada, defendida em 1985 por Silvia Galant, analisava o Suplemento Feminino do jornal *O Estado de S. Paulo*. Com o título de *Mãe, obrigada*, já introduzia a criança como tema.

PARALELAMENTE, desenvolvia um projeto de pesquisa sobre as relações do jornalismo com o real; havia também a proposta de realizar um livro-reportagem como exemplificação da reflexão teórica empreendida. As imagens ganhavam cada vez mais espaço na graduação e na pós-graduação. Alunos de Cinema começavam a frequentar minhas aulas em busca de reflexões sobre a fenomenologia das imagens. Documentário era matéria privilegiada. Dava a liberdade para os alunos de pós entregarem trabalhos com material fotográfico ou de vídeo por eles produzidos.

ASSIM, unindo teoria e prática, a tese de livre-docência ia sendo construída. Apresentei o conceito de texto-documentário: como trabalhar o verbal e o visual para representar o mundo? Como trabalhar um verbal com qualidades imagéticas? As imagens que sempre me acompanharam tomavam mais e mais espaço.

A INSPIRAÇÃO de documentários como *Ó xente pois não* (1973), de Joaquim Assis, com falas de camponeses nordestinos não sincronizadas com as imagens da comunidade onde viviam, e *Chapeleiros* (1983), de Adrian Cooper, que mostra o funcionamento de uma fábrica de chapéus sem o acompanhamento de nenhuma voz *off* ou diálogos, somente com o ruído do som ambiente direto. Esses dois filmes foram examinados nas aulas de pós-graduação como exemplos de outras formas jornalísticas e documentais possíveis. Todas as teses do cine-olho de Dziga Vertov casavam-se com a proposta de trabalhar com as relações entre

o jornalismo e o real ajudadas por textos de Eisenstein, Merleau-Ponty e Gaston Bachelard, com sua poética do espaço.

UM LIVRO-REPORTAGEM sobre uma escola de educação infantil procurava concretizar as propostas da reflexão teórica contida na primeira parte da tese de livre-docência *Texto-documentário: espaço e sentidos* (1986). Meu lado de pesquisadora participante havia colhido entrevistas e realizado dias e mais dias de observação na escola de educação infantil Te-Arte, em São Paulo. Esse texto era acompanhado de fotografias de Vera Simonetti Racy, então minha orientanda de mestrado. Reforçando as ideias de Paulo Freire, autor que acompanhava há anos, o contato com essa pedagogia que chamei de “orgânica” transformava a minha atuação como mãe e me tornava uma militante pela educação da criança de 0 a 7 anos. Essa grande reportagem foi publicada em livro pela editora Brasiliense em 1988: *Quintal mágico: educação arte na pré-escola*. Baseado nessa edição, foi publicada uma nova versão revista e bastante ampliada: *De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte* (2006).

#### 4. Imagens e complexidades

UM DIVISOR de águas foi minha ida à Universidad Autònoma de Barcelona, em fevereiro de 1993, para dar aulas de pós-graduação na Facultad de Ciencias de la Comunicación, no âmbito do convênio USP/UAB. Propus um curso sobre narrativas jornalísticas televisivas. Fiz parte da primeira dupla de professores da ECA que foram selecionados para irem a Barcelona. Entrei em contato com uma universidade relativamente nova, fundada em 1967, após o franquismo – daí o nome de “autônoma”, relacionado às divisões do estado espanhol em comunidades autônomas. De estrutura organizacional mais democrática – um aluno participa do comitê executivo que dirige a faculdade, formado por sete ou oito pessoas –, num prédio de arquitetura contemporânea, bons laboratórios, excelente biblioteca, contato com grupos de pesquisa, professores e alunos motivados, a instituição me ofereceu uma experiência plena.

MINHAS DISCIPLINAS de pós-graduação no PPGCOM da ECA-USP focavam visualidades: fotografias, vídeos, matérias de telejornalismo, documentários. Interessava-me predominantemente a construção de imagens para uso

referencial; mesmo assim sempre acreditei que a introdução de elementos considerados como artísticos não iria descaracterizar a vocação documental. Pelo contrário, o documental poderia ser realçado, provocando, inclusive, reflexão e mais conhecimento. Dialogava com autores como Philippe Dubois, Vilém Flusser, Lucia Santaella e Arlindo Machado. Orientei dissertações e teses que trabalhavam com imagens estáticas ou em movimento, algumas tentando inovações no formato de apresentação.

NO ANO 2000, Josep M. Català veio dar um seminário de pós-graduação pelo convênio USP/Universidad Autònoma de Barcelona. Nessa época, eu coordenava o convênio e assisti a todas as suas aulas. Català, graduado em História, com Mestrado em Cinema nos Estados Unidos e Doutorado em Comunicação, trazia resultados de anos de pesquisa sobre a fenomenologia das imagens e estava preparando o texto do seu livro *La imagen compleja*, que seria lançado em 2005 e hoje já é um clássico em teorias da imagem. Iniciavam-se então atividades colaborativas que resultaram em artigos, seminários conjuntos, reuniões de grupos de pesquisa e envios de alunos à UAB.

IMAGEM COMPLEXA é um conceito fundamental da obra de Català, conceito construído em uma espécie de tratado sobre a natureza da imagem desenvolvido em mais de 700 páginas. Partindo da ideia de cultura visual, Català descreve o interior das imagens e apresenta as ferramentas para a compreensão da complexidade visual. Assim, enquanto a imagem científica e racional é transparente, mimética e ilustrativa, a imagem complexa, que transitou pela arte e pela subjetividade é opaca, propõe interpretações e provoca reflexões. Frente à imagem racional, somos espectadores passivos. A imagem complexa é interativa. Não é muito fácil resumir a densidade do pensamento de Català a respeito da imagem complexa; porém quis apontar os elementos com os quais é possível refletir sobre as visualidades contemporâneas e também aplicar na sua produção. A imagem complexa consiste em um poderoso instrumento de pesquisa, particularmente efetivo para a compreensão das imagens digitais contemporâneas, que circulam por diferentes mídias, plataformas e suportes.

A FORMA INTERFACE está também apresentada nesse livro. Para Català, a interface é um dispositivo que procura nos fazer conscientes da multiplicida-

de dos significados e também permite que nos comuniquemos emocionalmente com eles. Não se trata da simples interface homem vs. máquina já praticada a todo o momento. Trata-se da interface visual que permite o trânsito entre imagens e que opera um modelo mental que permite o conhecimento. Català coloca a interface no espaço epistemológico das ciências da comunicação; a imagem interface é um modelo de cognição. Ele aprofunda a reflexão em um livro específico, *La imagen interfaz* (2010), em que deseja que trabalhemos “uma metaciência preparada para a complexidade do real” (CATALÀ, 2010, p. 374). A concepção da forma interface está diretamente relacionada ao desenvolvimento da tecnologia: “à medida que as técnicas relacionadas com o computador vão se impondo em todos os campos do saber, se faz cada vez mais evidente a importância do modo visual de compreensão e representação do conhecimento” (CATALÀ, 2010, p. 374).

ESCREVER sobre fotografia, um desejo acalentado ao longo dos anos. A realização veio com o convite para um livro de uma coleção de comunicação da editora Saraiva. As ideias e as referências foram se articulando e *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem* foi publicado em 2011. Considerei que a motivação primeira das fotos documentais ou jornalísticas é sua qualidade indicial. Muitos questionam a indicialidade da fotografia, argumentando que se trata de uma representação, envolvendo diferentes graus de manipulação. Sei que a fotografia é uma representação; mesmo assim, acredito que o jornalismo usa imagens referenciais porque uma foto conserva, no imaginário social, um rastro, um índice da cena fotografada. As questões do real e da evidência nunca podem ser descartadas quando se trata de imagens fotográficas figurativas.

EMBRIÃO NARRATIVO é um conceito por mim trabalhado na observação de elementos que acrescentariam características jornalísticas a uma foto. O embrião narrativo possibilita imaginar um antes e um depois na cena capturada; ou ainda representa um estímulo para contar uma narrativa a partir de uma foto estática. O embrião narrativo “apresenta uma narratividade latente” (BUITONI, 2011, p. 58). O livro *Fotografia e jornalismo* remete a autores como o sempre presente Barthes, Philippe Dubois e autores brasileiros como Arlindo Machado. O fotógrafo e professor Joan Fontcuberta foi uma fonte de inspiração com suas

reflexões e performances que jogam com a veracidade e a falsidade das imagens fotográficas.

IMAGEM TRANSITIVA, conceituação que venho formulando, apresenta conexões com as ideias de Català sobre interface. Considero que uma imagem é transitiva quando permite ou pede relação com outras imagens. Não precisa ter movimento; mesmo uma imagem estática pode nos conduzir a outras. A imagem transitiva é uma imagem essencialmente digital. Não é apenas instrumental; como um espaço potencial, leva a mais sentidos. Há mais de dez anos, o jornal argentino *Clarín* produzia webdocumentários com linguagens inovadoras. Um exemplo de imagem transitiva é o documentário *Borges en Clarín*, assim como dois outros sobre a guerra das Malvinas. Infelizmente, nos dias atuais, essa produção de vanguarda foi descontinuada.

PERMANECI NA ECA até 2005; em 2006, fui participar do projeto de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, projeto aprovado e iniciado no mesmo ano. Trabalhei com imagens e narrativas; além de disciplinas sobre perspectivas do jornalismo na sociedade midiática e sobre poéticas e estéticas contemporâneas, propus uma disciplina sobre estudos visuais e comunicação. Durante esse período (2006-2015), contribuí para a implantação e a consolidação do programa. O grupo de pesquisa por mim coordenado, Comunicação e Cultura Visual, trouxe por duas vezes Català para proferir aula magna, palestras, seminários, no PPGCOM da Cásper Líbero, e também em eventos nos programas de Comunicação e Semiótica da PUC-SP e Tecnologias da Inteligência e Design Digital, também da PUC-SP, e em palestras no PPGCOM da ECA-USP.

## 5. Jornalismo, cultura visual e mundo digital

A POSSIBILIDADE de germinação entre Arte e Jornalismo sempre esteve nos meus pensares acadêmicos e práticos, assim como a possibilidade de o Jornalismo interagir com a Antropologia, a História, a Literatura, o Cinema. Para mim, Jornalismo e Comunicação pedem pesquisas interdisciplinares e multidisciplinares.

FOTOS documentais das cidades, mapas, infografias, imagens fixas e imagens em movimento na televisão, no webjornalismo; fotos no Facebook, Tumblr

e Twitter, imagens do cinema, imagens das artes em suportes físicos ou virtuais, transmídia: diferentes apresentações e suportes provocam diferentes formas de percepção, de operação e de circulação. As imagens contemporâneas são imagens em mutação e em trânsito.

AS IMAGENS são formas de mediação intelectual e sensível com o mundo. Mas será que a ecologia imagética atual permite conhecimento? As questões de representação e de verossimilhança continuam a preocupar todos os que se debruçam sobre as imagens em vertiginosa circulação por inúmeros suportes e cada vez mais dotadas de mobilidade e portabilidade.

A DIGITALIZAÇÃO da cultura alterou as formas de buscar, apurar, armazenar, produzir e distribuir as informações. Jornalismo de dados parece um caminho promissor, que ainda permite trabalho autoral: alguém que investigue e processe montanhas de dados para construir retratos de situações que interferem na vida das pessoas, dos países, do mundo. Todavia, esse tipo de jornalismo que nasce dos números parece se distanciar das narrativas que nos tocam.

JORNALISMO hoje: a derrama. As redes sociais disputam o papel de emisoras e de autoras. As autorias se dispersam. Mais autores, mais atores. As mídias tradicionais estão sendo obrigadas a participar das redes sociais; as redes sociais usam os conteúdos das mídias produtoras sem ter o trabalho de produzir matérias jornalísticas. Uma palavra é monetização. Como monetizar materiais que as pessoas pensam estar consumindo de graça?

MAIS PESSOAS podem ser emissoras de mensagens de grande alcance. Há blogs feministas, revistas feministas digitais. Mais vozes. Convivem o relato diário íntimo com os textos integrais de decretos-lei e decisões judiciais, *fake news*, reportagens investigativas, fofocas, reportagens autorais como as de Eliane Brum.

CHARGES, memes, humor, montagens perversas, foto-galerias convencionais, alguns webdocumentários excelentes, vídeos, reprises de programas televisivos e muitos trânsitos descartáveis. As imagens utilizam pouco de suas possibilidades de produzir conhecimento. Em menos de 20 anos as plataformas de mídias sociais e as companhias de tecnologia transformaram radicalmente o fazer jornalístico. Se os algoritmos do Facebook privilegiam as histórias que

são lidas e replicadas por mais pessoas, caminha-se para edições hegemônicas. O alternativo, os relatos não disseminados por muitos usuários não conseguem penetrar na lógica automática do algoritmo. Importa o viral. Se viraliza, vale dinheiro na espiral do mercado.

OS GRANDES JORNAIS estão reféns das normas de “estilo” das plataformas sociais. As teorias clássicas do jornalismo podem ser compatíveis com essa ecologia que segue regras de marketing? Fala-se em jornalista como curador de conteúdo. Mas só isso basta para uma atuação consciente e cidadã? As redes sociais são organismos vivos de limites inapreensíveis e ao mesmo tempo redundantes. Vivemos a normatização dos módulos pré-fabricados das novas plataformas que induzem a produzir jornalismo de fácil consumo. Estaríamos convivendo com muitos centros com a diversidade ou apenas com os temas mais virais e as edições automáticas? Criticávamos a cultura de massa, mas a aparente liberdade de muitas vozes já não está previamente condicionada? Temos uma enciclopédia infinita ao nosso dispor; mas o que fazemos com ela? Como refletir e agir nessa profusão mensageira? Pedindo mais narrativas, mais imagens complexas, mais interfaces, mais imagens transitivas? Terminava meu primeiro *Mulher de Papel* em 1980 com “rasgar o papel e descobrir a pessoa: veremos o dia?”.

AGORA a pergunta se repete: veremos os dias em que as vozes e as imagens promovam diálogos e conhecimento para todas as relações de gênero, para todas as classes, diálogos entre culturas, mentes e corações?

### Referências<sup>3</sup>

- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARTHES, R. *A Câmara Clara*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. GREIMAS, A. J. e outros. *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. v. 1. e v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

---

3.Nem todas as obras aqui reunidas foram citadas diretamente no texto; porém são muito presentes em minha produção.

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUITONI, Dulcilia S. *De Volta ao Quintal Mágico: a educação infantil na Te-Arte*. São Paulo: Ágora, 2006.
- BUITONI, Dulcilia S. *Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.
- BUITONI, Dulcilia S. *Imprensa Feminina*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BUITONI, Dulcilia S. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- BUITONI, Dulcilia S. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2009.
- BUITONI, Dulcilia S. *Texto-documentário: espaço e sentidos*. Tese de livre-docência em Jornalismo. São Paulo: ECA-USP. 1986.
- BUITONI, Dulcilia S. *Quintal Mágico: educação arte na pré-escola*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CATALÀ, Josep M. *La gran espiral: capitalismo y paranoia*. Vitoria-Gasteiz: Sans Soleil Ediciones, 2016.
- CATALÀ, Josep M. *La imagen compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*. Barcelona: UAB, Servei de Publicacions, 2005.
- DOMÈNECH, Josep M. *Català. El murmullo de las imágenes*. Santander: Shangrila, 2012.
- DOMÈNECH, Josep M. *Català. La imagen interfaz: representación audiovisual y conocimiento en la era de la complejidad*. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2010.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, Vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico*. Campinas: Papirus, 1994.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- FONTCUBERTA, Joan. *La cámara de pandora: la fotografía después de la fotografía*. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

- GALLEGO, J.; ALTÉS, E.; MELÚS, E.; SORIANO, J.; CANTÓN, M. J. *La prensa por dentro. Producción informativa y transmisión de estereotipos de género*. Barcelona: Frontera, 2002.
- GALLEGO, Juana. *Mujeres de papel. De '¡Hola!' a 'Vogue': la prensa femenina en la actualidad*. Barcelona: Icaria: 1990.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MACHADO, Arlindo. *A Ilusão Especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MATTELART, Michelle. *La cultura de la opresión femenina*. Mexico: Nueva Era, 1977.
- MANOVICH, Lev. *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- MANOVICH, Lev. *El software toma el mando*. Barcelona: Editorial UOC, 2013.
- ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PROPP, Vladimir JA. *Morfología del cuento*. Buenos Aires: Juan Goyanarte, 1092.
- SANTAELLA, Lucia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Experimento, 1992.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, W. *Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal. Aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2001.
- SCOLARI, Carlos A. *Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan*. Barcelona: Deusto, 2013.
- SULLEROT, Évelyne. *La presse féminine*. Paris: A. Colin, 1963.
- VERÓN, Eliseo. *Comunicación de masas y producción de ideología: acerca de la constitución del discurso burgués en la prensa semanal*. Revista Latinoamericana de Sociología. N. 1. Buenos Aires: Paidós, 1974.
- VERTOV, Dziga. *Nascimento do cine-olho (1924)*. In: XAVIER, Ismail. *A Experiência do Cinema*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

# A DOENÇA COMO CONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA NO NOTICIÁRIO DA REVISTA *VEJA*<sup>4</sup>

**Luiz Marcelo Robalinho Ferraz<sup>5</sup>**  
**Kátia Lerner<sup>6</sup>**

## 1. A doença como elemento constitutivo da saúde

A proposta deste trabalho é analisar a noção de doença construída pelo jornalismo de revista no contexto brasileiro. Nosso objeto empírico é a revista *Veja*, da qual analisamos o noticiário de capa das edições 1 (11 set. 1968) a 2.406 (31 dez. 2014). Primeiro e mais antigo semanário de informação no Brasil e segundo no mundo, a *Veja* tem uma circulação média semanal de 1.028.513 exemplares. Entre os assuntos de maior interesse, saúde apareceu em segundo lugar nas pesquisas com leitores em 2012 (89%) e 2014 (88,5%), além de estar inserida em outras temáticas (ABRIL, 2014). Como meio que permite mais tempo na apuração e sendo mais especializado que outros veículos, a revista trabalha com o acontecimento pela lógica do esclarecimento a partir de diferentes ângulos mais aprofundados, auxiliando na reflexão sobre os fatos numa temporalidade mais alongada (SCHWAAB, 2013).

Consideramos o jornalismo um espaço discursivo bem particular, no qual os veículos de comunicação relatam os fatos no espaço público, selecionando e construindo os acontecimentos por meio de um contrato de comunicação. Contrato esse que busca informar a sociedade e garantir a legitimidade democrática do seu trabalho, numa visada também econômica, implicando na sobrevivência

---

4. Este artigo deriva da tese de doutorado de Luiz Marcelo Robalinho Ferraz, defendida na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Kátia Lerner, e financiada pelas bolsas do Programa Nota 10 da Faperj e da Capes – Processo nº: 99999.014278/2013-08.

5. Doutor em Informação e Comunicação em Saúde pela Fiocruz, com estágio sanduíche pela *Université Paris XIII*. Atua como professor substituto da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marcelo.robalinho@gmail.com.

6. Doutora em Sociologia e Antropologia, com Pós-doutorado em Comunicação, pela UFRJ. Pesquisadora, professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) da Fiocruz. E-mail: katia.lerner@icict.fiocruz.br.

diante da concorrência (CHARAUDEAU, 2006, 2009). Perpassada por discursos de outros domínios, a produção jornalística não significa uma mera reprodução do real. Pelo contrário, produz os seus discursos a partir de um entrelaçamento de diferentes vozes para o estabelecimento da sua voz sob a pretensa ideia de objetividade, neutralidade e imparcialidade do relato.

É uma peculiaridade discursiva do campo que confere autoridade institucional distinta dentre os demais agentes sociais no contrato firmado com o seu público a fim de assegurar a credibilidade. Por isso, a menção às preposições “em” e “por” no primeiro parágrafo é intencional, tendo em vista que o jornalismo não apenas reflete as representações correntes na sociedade, bem como mesmo constrói as suas próprias representações, num permanente jogo de reflexão e refração a partir dos sentidos produzidos através de seus relatos.

É aí, nesse interstício, que se funda o conhecimento de segunda ordem do jornalismo. Não produzindo o conhecimento primário sobre a doença, ele se arvora do conhecimento de outras esferas, sobretudo da medicina e da ciência, para produzir sentidos particulares sobre o tema. Sendo assim, o conhecimento construído pelo jornalismo é baseado no relato tanto da investigação sistemática e rigorosa da Academia quanto da vivência do cotidiano de outros envolvidos, sem a preocupação com o rigor acadêmico, além da própria experiência acumulada pela esfera conforme regras profissionais. Nesse sentido, consideramos o jornalismo inserido num campo de práticas, em que o fazer dos veículos instituiu olhares específicos sobre a doença, através de rotinas e protocolos na construção da notícia. É essa construção que buscamos desvendar para compreender o que é doença para a imprensa na sociedade atual, atravessada pela lógica do risco, do cuidado crônico e da medicalização.

Tomamos o século XIX como o ponto de convergência para discutir as bases modernas da doença e do jornalismo. Da parte da doença, o surgimento da medicina anatomoclínica marcou o ponto de passagem para as condições de produção do conceito. Fundada sobre um novo olhar médico, de caráter mais analítico e científico, a materialidade da doença passou a ser um conjunto de sinais e sintomas identificáveis no corpo do doente, a partir de uma observação esquadrinhada na abertura dos cadáveres e na prática clínica (FOUCAULT, 2006).

A autópsia e a observação junto ao leito do paciente se atrelaram ao desenvolvimento de técnicas de exame que formaram as bases da anatomoclínica (ADAM; HERZLICH, 2001). As contribuições influenciaram o modelo biomédico em vigor. Na interface entre a biologia e a medicina, a biomedicina considera a doença um objeto concreto, observável através de sinais e sintomas previamente estabelecidos, mais importando a doença em si que o doente para diagnosticar a patologia e determinar o melhor tratamento.

Do século XX em diante, a saúde se tornou valiosa e cara, se consolidando como um direito (ADAM; HERZLICH, 2001; MOULIN, 2009), a doença se tornou um elemento cada vez mais constitutivo da saúde. Ao menos simbolicamente, no contexto medicalizante em que vivemos, é revelador o poder disciplinar da medicina pela transformação de questões da vida em problemas médicos e da expansão das intervenções farmacológicas. Assim, o consumo de medicamentos seria apenas um dos principais aspectos da medicalização. Mas não o único, considerando o conceito mais amplo, já que envolve a ampliação do poder da medicina e seu sofisticado aparato tecnológico na cultura ocidental para explicar os fenômenos de saúde e tornar as pessoas cada vez mais dependentes do saber médico a respeito de como cuidar de si (ZOLA, 1972; ILLICH, 1975; CONRAD, 1992, 2007; CONRAD; SCHNEIDER, 1980; CLARKE *et al.*, 2003; BORSCH-JACOBSEN, 2013; VAZ, PORTUGAL, 2012).

Partimos do princípio de que a doença é uma amálgama de aspectos que extrapolam o estado biológico. Abrangem também questões sociais e culturais (MORRIS, 1998; ADAM; HERZLICH, 2001; ALMEIDA FILHO, 2011; CZERESNIA; MACIEL; OVIEDO, 2013), nas quais o jornalismo se insere, contribuindo para difundir o assunto para uma ampla audiência da população e construir discursos tidos como verdadeiros e merecedores de crédito na sociedade através da medicina e da ciência.

Na discussão sobre a doença, é preciso abordar a saúde pela imbricada relação entre ambos. Longe de considerá-los duplos opostos, saúde e doença são aspectos da vida interligados e observáveis em graus diversos em cada pessoa, sendo a doença uma alteração da saúde, “ou quem sabe um elemento constitutivo desta” (MOULIN, 2009, p. 17). É a partir da doença que a saúde se caracteriza,

bem como o próprio ser humano no que ele tem de frágil diante da experiência da vida. A preponderância da biomedicina e sua produção discursiva, sobretudo com a medicina anatomoclínica, é um dos principais fatores de consolidação dessa oposição saúde-doença.

O caráter idealizante e utópico da definição de saúde proposta pela Organização Mundial de Saúde (2006, p. 1, tradução nossa)<sup>1</sup>, como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consistindo somente da ausência de uma doença ou enfermidade” ampliou a ideia de saúde, promovendo uma concepção positiva. Sem a devida problematização sobre o real significado, a definição se tornou tão abrangente quanto imprecisa, sendo difícil de delimitar o que seria um “estado de completo bem-estar físico, mental e social” e tudo aquilo que não é doença.

Por estarem implicadas à ideia de vida e morte, além de considerações biológicas, éticas, religiosas, políticas e sociais, a saúde e a doença se tornam noções complexas, múltiplas e ambíguas, apresentando uma linha de partilha vaga em função das variações existentes. O fato de alguém estar em “boa saúde” exige um conjunto de considerações que incluem julgamentos de valor em relação à época e cultura, contendo ainda elementos explicativos e avaliativos de médicos e não profissionais (ANKENY, 2014). Ambas as noções também apresentam valores distintos para as questões física e mental, entre diferentes indivíduos ou mesmo entre o indivíduo e a população como um todo.

## 2. As configurações do jornalismo moderno

No jornalismo, o século XIX marcou o momento de expansão e profissionalização do campo, no qual a informação foi enquadrada no formato de notícia e depois considerada produto. Fase da industrialização e consolidação do capitalismo, na qual se implantava a ideia do jornalismo como negócio e os jornais eram vistos como empresa, observaram-se o reconhecimento, a estruturação e a regularização da profissão de jornalista e uma maior independência na cobertura. Seguindo a concepção positivista de buscar conhecer o objeto “tal qual ele é”,

---

1. “Health is a state of complete physical, mental and social well-being and not merely the absence of disease or infirmity.”

comprovado por meio de métodos científicos válidos, o jornalismo criou a norma da objetividade para dar conta desse ideal em bases racionalistas. Predominante nos Estados Unidos, de onde foi “exportada” para o Brasil, a objetividade representa “um ideal moral, um conjunto de práticas de reportagem e de edição, e um padrão de redação noticiosa a ser seguido” (SCHUDSON, 2014, p. 137).

Na esteira da objetividade, a imparcialidade surgiu nos anos 20 do século XX. Junto com as normas de sinceridade, verdade e precisão, esse princípio foi valorizado no Brasil. Resposta ao jornalismo partidário praticado no século XIX, a imparcialidade está ligada à objetividade (SCHUDSON, 2014). Tinha a pretensão de tornar o texto isento de opinião e não tendencioso, de certo modo mais confiável. Com o tempo, ambas se consolidaram como regras jornalísticas buscadas dentro de um código moral, sendo incluído com o passar do tempo nos manuais de jornalismo. A intenção foi conferir fidelidade à narrativa e legitimidade junto ao público.

Há de se considerar os desafios da construção do relato, subjetivo por natureza, já que requer o enquadramento de certos aspectos do fato noticiado em detrimento de outros. Para Pena (2015, p. 50), a objetividade é mal interpretada hoje, ao ser contraposta à ideia de subjetividade. Essa é inerente ao trabalho jornalístico, já que “os fatos são subjetivos, ou seja, construídos a partir da mediação de um indivíduo, que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais ou organizacionais e outras idiossincrasias”. Para fugirem da subjetividade, os jornalistas teriam buscado um método que tivesse um pouco do espírito e rigor científicos prezados em plena época positivista.

Ancorada na norma da objetividade, a imprensa adquiriu o “direito legítimo e dever cidadão”, pelo papel de informar à sociedade. Tudo em nome da credibilidade, principal capital simbólico do jornalismo. Porém, a busca pela verdade dos fatos não é uma tarefa assim tão simples quanto parece, tendo em vista que o verdadeiro e o falso extrapolam a problemática linguística. Para Charaudeau (2006, p. 88, grifos do autor):

[...] acham-se no domínio linguístico [sic] noções como as de *significar o verdadeiro* ou *significar o falso*, isto é, produzir um valor de verdadeiro

ou de falso por meio do discurso. A verdade, sob esse ponto de vista, avalia-se através de um dizer, logo, é uma questão que pode ser tratada segundo determinadas oposições: o verdadeiro seria dizer o que é *exato*/o falso seria dizer o *erro*; o verdadeiro seria *o que aconteceu*/o falso seria inventar *o que não aconteceu*; o verdadeiro seria dizer *a intenção oculta*/o falso seria  *mascarar a intenção* (mentira ou segredo); enfim, o verdadeiro seria fornecer *a prova* das explicações/o falso seria fornecer explicações *sem prova*.

“Dizer o exato” significa fazer coincidir o que foi dito com o fato ocorrido, que pode ser verificado durante a ocorrência desse fato ou por um saber cientificamente comprovado em experiências. “Dizer o erro” representa a impossibilidade de comprovar a coincidência entre o que foi dito e o fato. O jornalismo trabalha sempre para produzir *valor de verdadeiro* ao reconstituir os fatos, revelar o oculto, denunciar e fornecer explicações e provas. Como efeito de sentido, o *verdadeiro* e o *valor de falso* são interpolados para legitimar os discursos, a fim de fazer crer que o que está sendo dito é autêntico, fiel à realidade e o veículo, fonte de credibilidade.

“Dizer o que aconteceu” revela a diferença entre os tempos do dito e do fato, levando os veículos a trabalharem simbolicamente a veracidade da reconstituição. “Dizer a intenção” instaura uma relação de transparência por relacionar o dito ao pensado. A mentira ou segredo, por sua vez, leva à revelação da intenção oculta, enquanto “fornecer a prova” aponta as razões dos fatos e de seus efeitos. “Esse domínio da verdade é, pois, o do raciocínio, o da possibilidade de remontar ou descer no encadeamento causal, e assegurar sua validade através das provas mais incontestáveis possíveis” (CHARAUDEAU, 2006, p. 90).

O texto jornalístico insere o público em um contrato de comunicação implícito que extrapola a norma da objetividade, “alcançando os ideais de equilíbrio, pluralidade, abrangência temática e responsabilidade no trato da informação” (BENETTI, 2007, p. 3). O contrato pressupõe um “acordo” no ato de comunicação entre os sujeitos numa determinada prática social, fazendo com que se reconheçam no nível das competências linguageiras (CHARAUDEAU,

2006, 2009). No jornalismo, os interlocutores são o veículo e o público. Aliado à neutralidade e imparcialidade que predominam alegoricamente no discurso, os meios advogaram para si a credibilidade como principal capital simbólico, através da ideia de verdade dos relatos produzidos (RIBEIRO, 2005).

Para Benetti (2013, p. 48), a credibilidade é uma qualidade reconhecida pelo outro: “É preciso que os atributos sejam construídos fora do enunciador, embora sejam convenientemente replicados por ele”. No contrato, fala-se da atualidade, do que geralmente acabou de ocorrer, gerando uma ideia de presentificação. A finalidade de fazer conhecer os eventos do mundo (atualidade) à sociedade confere ao jornalismo uma legitimidade de falar em nome do processo democrático. Está ligado à factualidade (falar sobre os fatos) e à explicação (explicar causas e efeitos). As normas contribuem para a construção dessa concepção de verdade.

### 3. A presença da doença na *Veja*

No começo do século XXI, a saúde ocupava a segunda colocação nos assuntos de interesse dos leitores de jornais norte-americanos, ao lado de alimentação, habitação, turismo e moda, bem como se observava um aumento de interesse também no Brasil e na Espanha (TABAKMAN, 2013). Para nós, a saúde se converteu num dos *temas de longa duração* dos semanários de informação. Base do jornalismo de revista (BENETTI, 2013), eles costumam ser retomados a partir de certos fatos e eventos. São os *meta-acontecimentos*, fatos e eventos que funcionam como pretextos para novas abordagens dos *temas de longa duração* para atrair a atenção do leitor.

Sob a lógica do risco, do cuidado crônico e da medicalização, o noticiário passou a recomendar à população, num tom normativo, que cuidassem da saúde e do corpo, adotando práticas ditas “seguras” para se salvaguardar da possibilidade de adoecer no futuro. Os fatores de risco – características do indivíduo ou do ambiente onde vive que aumentam as chances de vir a adoecer (CASTIEL; GUILAM; FERREIRA, 2010) – tornaram-se um elemento capital na produção de sentidos no noticiário sobre saúde e doença pela potencialidade que a exposição a certo hábito representa.

Na análise das 4.531 manchetes principais e secundárias de capa publicadas entre as edições 1 (11 set. 1968) e 2.406 (31 dez. 2014) da *Veja*, os textos sobre saúde e doença apareceram em quinto lugar na cobertura geral da revista, atrás das temáticas “Brasil”, “Internacional”, “Economia e Negócios” e “Cultura”. Foram publicados 401 textos, considerando todas as seções, além de “Medicina” (presente desde 1968), “Saúde” (criada em 1983) e de subseções específicas, como “Câncer”, “Longevidade” e “Dieta” (nomeadas a partir de 1996). Desse total, 343 fizeram referência a doenças (86%) de forma restrita, como uma menção dentro de outro assunto, ou mais amplamente, como foco da reportagem.

O **Gráfico 1** aponta o crescimento da doença no noticiário de 1995 a 2014, com as manchetes variando de 7 (mínimo) a 24 (máximo) e uma média de 12,5 títulos por ano.

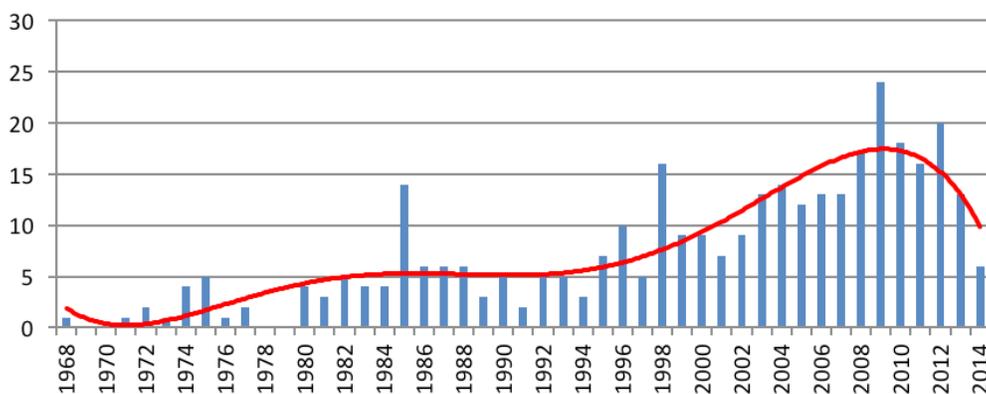


Gráfico 1 – Total de manchetes com referência à doença por ano – *Veja*, 1968-2014

Esse aumento ocorreu após um período de estabilidade nos números, com modificação das manchetes entre 0 (mínimo) e 6 (máximo) e uma média de 2,6 chamadas anuais<sup>2</sup>. Assemelha-se ao destaque dado à saúde no noticiário no mesmo período, momento em que o espaço dedicado à saúde pessoal cresceu no mundo e no Brasil, atraindo a atenção do público (TABAKMAN, 2013). Apesar

2. Desconsideramos o ano de 1985 por concentrar grande número de textos – um valor acima do normal – sobre a doença e a morte do Presidente da República Tancredo Neves, morto às vésperas de tomar posse.

da redução em 2013 (13) e 2014 (6), não podemos confirmar a tendência de queda, visto que seria necessária a análise dos anos subsequentes para confirmar essa diminuição.

Não é de estranhar a referência cada vez maior à doença no noticiário. No contexto de medicalização, em que fenômenos antes considerados comuns da natureza humana são interpretados pela medicina como doenças (CONRAD, 1992; 2007; CONRAD; SCHNEIDER, 1980; ZOLA, 1972; CLARKE *et al.*, 2003), os indivíduos se tornam mais doentes ou potencialmente doentes, singularizando a experiência da doença, sobretudo na mídia, em que a saúde ocupa os assuntos de maior interesse.

Mesmo saudável, o sujeito é “convidado” a mudar ou manter o seu estilo de vida no presente, inclusive pelo consumo de medicamentos, levando autores a denominarem a medicalização em farmacêuticalização ou farmacologização. A ampliação crescente da indústria farmacêutica tornou-a um agente político-econômico influente nos processos contemporâneos de subjetivação do que é considerado normal e patológico (BORSCH-JACOBSEN, 2013; WILLIAMS *et al.*, 2011; CAMARGO JUNIOR, 2013; VAZ; PORTUGAL, 2012). Consumidos para evitar a ocorrência de uma doença, os remédios contribuem por tornar a intervenção à saúde, antes comum com o aparecimento de sintomas, agora permanente durante a vida. A ênfase que a *Veja* dá aos remédios é indicadora disso. Por meio da abordagem sobre prevenção e tratamento, a doença vai se inserindo mais nas pautas.

No tipo de manchete, 217 das 343 reportagens sobre doenças apresentaram títulos principais (63%) e 126, secundários (37%). Os percentuais foram iguais aos textos com ligação à saúde e de dez pontos percentuais acima em relação ao noticiário geral (53% principais e 47% secundárias). Isso tem a ver com o maior apelo da doença, sobretudo quando vinculada à ideia de risco, apontando para a importância singular adquirida no noticiário. Com maior potencial de atrair o leitor, o enfoque é mais comum nas semanas que não têm um fato de destaque no país, já que a política editorial da revista prioriza a cobertura política, concentrada na editoria “Brasil”, onde detectamos maior número de manchetes na análise da cobertura geral.

Na *Veja*, o câncer foi a doença mais noticiada no grupo das crônicas (163).

No grupo das infecciosas, o HIV/aids foi a que mais apareceu (56). A ampla difusão de notícias tornou a aids a primeira doença midiática, em grande parte pelo fato de os veículos terem anunciado o seu surgimento, acompanhado de perto a sua evolução e operado “a passagem das informações sobre a doença do domínio médico e científico para o registro social” (SPINK *et al.*, 2001, p. 852). Entre os transtornos mentais, a depressão foi mais noticiada (89), ganhando relevância entre 1996 a 2014, concentrando 87% das menções quando se tornou pauta importante e passou a ser mencionada como mal instrumentalizado por discursos da medicina, da psicanálise, da psiquiatria e das terapias alternativas (SAINT CLAIR, 2012).

Mesmo sendo moléstias de grupos distintos, a cronicidade é a característica que aproxima essas três doenças na noção construída pela *Veja*, por serem potencialmente tratáveis. Delas, o câncer surgiu primeiro no noticiário na edição 239. Na década de 1970, as neoplasias foram pouco abordadas, em função do contexto da cobertura na época, que buscava enfatizar mais as falhas e as carências do sistema de saúde. Nos primeiros 21 anos, a tendência do noticiário revelou-se estatisticamente baixa e relativamente indefinida, com uma média anual de manchetes de 1,47.

A mudança ocorreu de 1995 a 2010, quando as reportagens anuais variaram entre 4 (mínimo) e 13 (máximo). Isso se explica pela maior recorrência do câncer como tema principal de capa, relacionando-o ao apelo dos casos novos, às mortes e às vitórias da medicina e da ciência no tratamento. Mesmo não sendo um fato em si, os números se converteram em elementos desencadeadores das reportagens, podendo relacioná-los à magnitude da doença como valor-notícia (GALTUNG; RUGE, 1965; SODRÉ, 2009). Foram acompanhados pelo anúncio de tratamentos para combater a doença, uma forma de alertar para a gravidade (atrair a atenção) e oferecer a solução (sugerir a terapêutica).

O HIV/aids surgiu no noticiário depois. No início, a identidade dos famosos foi o primeiro fato que tornou a aids um acontecimento jornalístico digno de capa. *Veja* oscilou a produção de capa, geralmente, entre nenhum e três textos por ano, com picos de quatro em três momentos. A primeira fase, em 1985, foi de “descoberta” da doença, quando se enfatizou o medo e as incertezas de uma

patologia pouco conhecida que ocasionava mortes em todos os infectados. Em 1996 e 2009, houve momentos de alta, porém os textos a mencionavam de forma transversal, dentro de outro assunto. A morte aparecia como mote dos enunciados de capa e das reportagens até o fim dos anos 80. Em 2009, a abordagem ao HIV/aids ficou mais reduzida.

No noticiário de capa, a depressão veio por último, sendo assunto principal na edição 1591. Antes, veio associada a outras doenças, inclusive ao câncer e à aids. Em geral, as reportagens ressaltaram o benefício da medicação para controlar a doença ou prometer a cura. O período de 2002 a 2013 foi o mais significativo. Com textos anuais entre 4 (mínimo) e 9 (máximo), a doença surgiu como tema principal ou diretamente ligado ao tema principal, numa média de dois textos por ano.

A análise das diferentes temporalidades na cobertura da *Veja* sobre o câncer, o HIV e a depressão indicou as mudanças ocorridas com os discursos da revista. Do aspecto social, ressaltando as questões estruturantes relacionadas aos determinantes da doença, o noticiário foi cedendo espaço para o aspecto individual, responsabilizando o sujeito pela sua saúde e convidando-o a adotar novos hábitos. Numa sociedade que valoriza a felicidade, a ênfase aos remédios é uma forma de valorizar o retorno da qualidade de vida perdida com a doença.

#### 4. Algumas considerações

O jornalismo se coloca ao lado de outras instâncias, como a medicina e a ciência, contribuindo para construir a ideia do que vem a ser doença hoje: uma experiência cada vez mais crônica e medicalizada por remédios e estilos de vida, metaforizados à condição de medicamentos. Mesmo não possuindo um saber primário, produtor do conhecimento científico sobre o patológico, o jornalismo constrói o seu conhecimento na interseção de conhecimentos de várias esferas, indo do leigo ao científico.

Nesse entremeio, o jornalismo se coloca como uma praça pública (FAUSTO NETO, 1999), fazendo as diferentes vozes convocadas a falarem sobre a convergência dos assuntos. Colocando-se como detentor de um saber específico, o jornalismo constrói o seu discurso apresentando soluções práticas para assegu-

rar a qualidade de vida perdida, simbolicamente, com a experiência da doença – seja de forma temporária ou permanente ou até mesmo como alternativa para prolongar a vida e prevenir da morte.

Tendo a doença significados particulares segundo a cultura e a história de cada povo e época, analisá-la na perspectiva do jornalismo é se debruçar sobre parte importante do processo de construção sociocultural acerca do patológico. Este trabalho representa um pequeno fragmento da problematização da categoria doença na sua relação com o jornalismo para compreensão de parte dos sentidos produzidos na atualidade. Que os resultados e as reflexões possam instigar outras problematizações e sejam úteis na realização de novas pesquisas na comunicação e na saúde, levando-se em conta os diferentes contextos que envolvem a questão.

## Referências

- ABRIL. Departamento de Pesquisa e Inteligência de Mercado. *Dossiê do leitor Veja*. São Paulo, set. 2014.
- ADAM, P.; HERZLICH, C. *Sociologia da doença e da medicina*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, SP: Edusc, 2001.
- ALMEIDA FILHO, N. de. *O que é saúde?* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. (Coleção Temas em Saúde).
- ANKENY, R. A. Maladie et santé: concepts et représentations. In: FANTINI, B.; LAMBRICHS, L. L. (sous la direction de). *Histoire de la pensée médicale contemporaine: évolutions, découvertes, controverses*. Paris: Éditions du Seuil, 2014. pp. 11-24.
- BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. *Líbero*, São Paulo, n. 20, pp. 37-46, dez. 2007.
- \_\_\_\_\_. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHWAAB, R. (orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013, pp. 44-57.
- BORCH-JACOBSEN, M. *La fabrique des folies: de la psychanalyse au psychopharmaceutique*. Auxerre Cedex : Éditions Sciences Humaines: 2013, pp.298-321.
- CAMARGO JÚNIOR; K. R. de. Medicalização, farmacologização e imperialis-

- mo sanitário. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, pp. 844-846, mai. 2013.
- CASTIEL, L. D., GUILAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S. *Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CLARKE, A. *et al.* Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness and U.S. Biomedicine. *American Sociological Review*. v. 68, pp. 161-194. apr. 2003.
- CONRAD, P. Medicalization and social control. *Annual Review of Sociology*. Estados Unidos, v. 18, pp. 209-32, aug. 1992.
- \_\_\_\_\_. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2007.
- CONRAD, P.; SCHNEIDER, J. W. *Deviance and medicalization: from badness to sickness*. Philadelphia: Temple University Press, 1980.
- CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M. G. de S.; OVIEDO, R. A. M. *Os sentidos da saúde e da doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. (Coleção Temas em Saúde).
- FAUSTO NETO, *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a aids*. São Paulo: Hacker Editores, 1999.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- GALTUNG, J.; RUGE M. H. The structure of foreign news. *Journal of Peace Research*. Noruega, v. 1, pp. 64-90, 1965.
- ILLICH, I. *Medical nemesis: the expropriation of health*. London: Calder and Boyars, 1975.
- JURBERG, C. *et al.* Perfis das notícias sobre câncer no Correio da Manhã e no The New York Times nos anos 1931-1932 e 1948-1949. *Revista Brasileira de Cancerologia*. Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, pp. 143-152, abr.-mai.-jun. 2012.
- MORRIS, D. B. *Doença e cultura na era pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.;

- VIGARELLO, G. (orgs.). *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 3, 2009, pp. 15-82.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Basic documents*. 45. ed., Supplement, October 2006. Disponível em: <[www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf)>. Acesso em: 26 jun. 2015.
- PENA, F. *Teoria do jornalismo*. 3. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2015.
- RIBEIRO, A. P. G. A mídia e o lugar da história. In: HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. (orgs.). *Mídia, memória e celebridades*. 2. ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005. pp. 105-129.
- SAINT CLAIR, E. T. *A depressão como atualidade midiática no Brasil contemporâneo: fazendo o arquivo falar (1970-2010)*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- SCHUDSON, M. A norma da objetividade no jornalismo americano. Tradução de Simone do Vale. In: SACRAMENTO, I.; MATHEUS, L. C. (orgs.). *História da comunicação: experiências e perspectivas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014, pp. 137-162.
- SCHWAAB, R. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: TAVARES, F. de M. B.; SCHWAAB, R. (orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013, pp. 58-75.
- SODRÉ, M. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SPINK, M. P. *et al.* A construção da Aids-notícia. *Caderno de Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, pp. 851-62. jul./ago. 2001.
- TABAKMAN, R. *A saúde na mídia: medicina para jornalistas, jornalismo para médicos*. Tradução de Lizandra Magon de Almeida. São Paulo: Summus Editorial, 2013.
- WILLIAMS, S. J. ; MARTIN, P.; GABE, J. The pharmaceuticalisation of society? A framework for analysis. *Sociology of Health and Illness*. Leeds, Inglaterra, v. 33, n. 5, pp. 710-725, jul. 2011.
- VAZ, P.; PORTUGAL, D. A felicidade segundo a razão farmacêutica: subjetividade, tecnologia e consumo de medicamentos na cultura contemporânea.

In: RIBEIRO, A. P. G.; FREIRE FILHO, J.; HERSCHMANN, M. (Orgs.).  
*Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo.*  
Guararema, SP: Anadarco, 2013, pp. 87-113.

ZOLA, I. K. Medicine as an institution of social control. *The Sociological Review*.  
Keele, Inglaterra, v. 20, n. 4, pp. 487-504, nov. 1972.

# JORNALISMO, SOCIEDADE E CRÍTICA: NOVOS CAMINHOS

---

**Álison Coelho** (Unisinos)<sup>3</sup>

## 1. Novos fluxos críticos, novo jornalismo

Um colunista demitido, um editor-executivo no meio de bombas de gás lacrimogênio, a tatuagem de uma apresentadora de televisão. Situações tão distintas no cotidiano de uma redação, que aparentemente têm pouca relação entre si, mas que se transformaram em motivo de debate em algumas das maiores redações do Brasil. Os leitores desses jornais não sabiam, mas foram eles que motivaram tais discussões.

Os processos sociais que desencadearam diferentes reflexões entre os profissionais da *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Zero Hora* não são exclusividade das três publicações na sua relação com a sociedade. Insatisfeitos com decisões tomadas pelas redações, os leitores foram às redes sociais para criticar os jornais. Os três casos, sobre os quais falo a seguir, foram observados durante a pesquisa realizada no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

O objetivo era identificar as marcas do que José Luiz Braga (2006) chama de comentário social dentro da redação, e quais consequências essa participação crítica da sociedade trazia à prática jornalística. As informações foram levantadas a partir de um método que se valeu de aportes de três metodologias distintas. O de abertura foi a entrevista com lideranças das redações – a Unisinos possui comitê de ética que, consultado pela orientadora do trabalho, informou que, uma vez que haviam sido obtidos os consentimentos prévios dos entrevistados de que seus nomes seriam registrados, não havia necessidade de aprovação. Em

---

3. Jornalista graduado pela Universidade Feevale, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e doutorando do mesmo programa. Vencedor do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo 2016 na categoria Mestrado. E-mail: alissonjornal@gmail.com.

seguida, foi realizado um trabalho de inspiração etnográfica, com observação das rotinas dos jornais durante três dias.

O método de fechamento da análise foi o esquadramento de casos singulares com o resultado dessa crítica nas páginas do jornal. Em cada publicação foram escolhidos casos de análise, como os três citados na abertura deste capítulo.

Interessa, especificamente, discutir as potencialidades do que Braga (2006) chama de crítica social da mídia, a formação de um sistema crítico interpretativo na sociedade e, mais fortemente, qual o papel que esse leitor crítico ocupará, em relação aos produtos da mídia, dentro do jornalismo. Isso a partir de uma visão “de dentro para fora”, no caso, observando a circulação dessa crítica nas redações.

## 2. Fluxos que se alteram

As novas tecnologias alteraram significativamente a sociedade e as relações que se estabelecem nela, em especial na comunicação. O que se pode observar dentro das redações é que as relações de troca entre a sociedade e sua mídia se ampliaram. Como toda a relação em que há contato próximo, os atritos fazem parte do processo.

Para diferentes pontos de vista, as novas tecnologias constituíram uma verdadeira revolução na sociedade (CASTELLS, 2003). Essas modificações têm alterado fundamentalmente a prática do jornalismo e como o público se relaciona com os meios de comunicação.

A Internet, a partir das redes sociais, se constituiu em um espaço permanente de troca de opiniões. Discutindo o conceito histórico de esfera pública estabelecido por Habermas, Luís Mauro Sá Martino (2014) situa a rede como uma reconfiguração dessa esfera, e lembra que, desde o conceito habermasiano, ela é formada nos espaços públicos de discussão, com a imprensa ocupando um papel de destaque ao tornar públicas ideias e problemas que serão discutidos pela sociedade.

Ainda em 1997, Eliseo Verón já pensava a comunicação para além de relações lineares de causa e efeito. Para o autor argentino, o fluxo da comunicação pode ser pensado como uma formação de circuitos de retornos. Ela é então vista

como amplo processo de interfaces, em que os atores têm seus papéis modificados em diferentes momentos dessa dinâmica.

Essa perspectiva dá base à ideia de uma comunicação circular formada por sucessivos *feedbacks*, mudando a dinâmica das relações em diferentes níveis. É nesse caldo circular que se insere o que aqui vamos chamar de comentário social sobre a mídia.

Tais junções circulatórias não deixam de ser novas formas de situar os receptores junto ao âmbito do próprio sistema de produção tecno-discursiva das mídias. Não mais mantidos a distância, os receptores se tornam em co-operadores destes processos, passando a integrar a própria cena produtiva midiática, nos seus mais variados formatos e gêneros. A complexificação tecnológica expõe o trabalho da circulação, muda os ambientes, e as temporalidades, as práticas sociais e discursividades, o status dos sujeitos (produtores e receptores), as lógicas de contatos entre eles e os modos de envio e reenvio de discursos entre eles, diluindo fronteiras outrora cristalizadas. (FAUSTO NETO, 2005, p. 13).

A partir do momento em que se pensa a comunicação a partir de fluxos e circuitos, é preciso reposicionar os processos do jornalismo, repensando a cadeia que se articula na construção da notícia. Braga (2012) observa, em uma perspectiva que ajuda a entender esses circuitos e dá base a esse estudo, que se pensarmos a circulação da comunicação na sociedade, em uma visão abrangente, percebemos que o produto da mídia de massas não é o ponto de partida desses fluxos. Assim, a notícia, no caso do jornalismo, se tornaria o ponto de chegada de “uma série de processos, de expectativas, de interesses e de ações que resultam em sua composição como um objeto para circular – e que, por sua vez, realimenta o fluxo da circulação” (BRAGA, 2012, p. 9).

A noção de circuitos que atuam na comunicação não surge a partir da popularização das redes, mas sem dúvida é expandida por essa nova realidade. Nesse contexto, a circulação é, então, “lugar no qual produtores e receptores se encontram em jogos complexos de oferta e reconhecimento” (FAUSTO NETO, 2010, p. 2).

Essa circulação complexificada é o ambiente onde hoje majoritariamente circula com mais força o comentário crítico sobre a mídia. Nesse sentido, Braga afirma que:

Quando se trata de valores simbólicos e da produção e da recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. [...] *O sistema de circulação interacional* é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. (BRAGA, 2006, p. 28 grifo do autor).

Se antes o jornalismo se outorgava como enunciador dos acontecimentos, a partir das perspectivas de uma circulação mais abrangente, e com a proliferação das redes, hoje a notícia pode circular primeiro pela Internet. Essa descentralização por si só levou o jornalismo a um momento de questionamento de suas práticas.

Para Ramonet, o comentário da sociedade ecoado pelas redes deve gerar uma mudança de comportamento nas redações, que já não podem mais escapar de “submeter-se ao veredito da internet”. Com isso, o autor vê nas redes uma esperança de democratização da informação.

[A informação] convertida en algo inmaterial, ahora toma la forma de un fluido que circula en segmentos abiertos por la red casi a la velocidad de la luz... Las redes sociales y la *web* 2.0 permiten a los web-actores completar cada noticia añadiendo un matiz, um comentário, una cita, una foto o un vídeo, en lo que podría llamarse un trabajo de inteligencia colectiva o de “alquimia de las multitudes” en progreso constante. (RAMONET, 2011, p. 13).

Braga (2006) afirma que esse comentário posto em circulação pode ser pensado como um sistema para além da ideia de produção e recepção, o Sistema de Resposta Social. Ele entra em operação no momento em que os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nela. Uma das características desse comentário, dessas respostas, é o seu caráter diferido e difuso na sociedade.

Não se trata de ações sociais formalmente concertadas, e sim de processos que, independentemente de sua origem, autoria e instituição, realizam no contexto social uma mesma funcionalidade sistêmica, com similaridades básicas de comportamento e resultados. [...] fazem circular ideias, informações, reações e interpretações sobre a mídia e seus produtos e processos – de produzir respostas. (BRAGA, 2006, p. 30).

Mais do que o teor dessas respostas e as expectativas de quem as divulga, interessa aqui observar de que forma elas são recebidas nas redações. Se é certo que esse comentário crítico existe, as formas como ele chega ao jornalismo e até mesmo sua afetação nas práticas instituídas nas redações ainda são incertas. Para tentar entender de que forma se dá esse processo, foram visitadas as redações dos jornais *O Globo* (Rio de Janeiro-RJ), *Correio Braziliense* (Brasília-DF), *Folha de S.Paulo* (São Paulo-SP) e *Zero Hora* (Porto Alegre-RS).

### 3. Um editor entre bombas

Os protestos de 2013 foram uma oportunidade para analisar esses processos críticos. Em todo o país, entre as muitas instituições questionadas nas ruas estava a imprensa. *O Globo* vinha sendo particularmente alvo das manifestações. Assim como outras empresas de comunicação, o jornal mantém uma equipe de análise de redes sociais. Um dos objetivos é aferir como o jornal é percebido na Internet, o que se diz sobre ele. Esses dados são diariamente repassados aos editores e discutidos nas reuniões realizadas todas as manhãs.

Na redação, foram entrevistados profissionais que faziam essa análise. Eles não serão identificados. A entrevista principal, foi realizada com o editor-executivo Pedro Doria, em 13 de outubro de 2013.

Segundo Doria, uma capa em especial gerou revolta. Publicada em 16 de agosto de 2013, a capa de *O Globo* estampava como manchete: “Duzentos param o Rio por sete horas”. A matéria tratava de um protesto contra a composição da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que investigava o transporte coletivo na cidade.

Após publicar no Facebook a capa do dia, o núcleo de monitoramento de

redes sociais de *O Globo* passou a perceber um aumento das críticas ao jornal. Essa situação gerou uma conversa entre os editores, para avaliar a cobertura das manifestações. A visão dos leitores era de que a capa de *O Globo* criminalizava uma manifestação que pedia por mais rigor na apuração dos contratos de prestação do serviço de transporte público.

Esse *feedback*, evidentemente, gera casos concretos. Por exemplo, a gente começou a ser muito criticado por causa da nossa cobertura dos protestos. Diziam que a gente pegava leve com a PM e duro com os manifestantes. Então ao mesmo tempo em que estamos recebendo esse tipo de crítica, nós chegamos nos nossos repórteres para ver o que está acontecendo. Na última segunda-feira, teve a última grande manifestação [07/10/2013] e a gente decidiu... Nós tomamos na redação uma decisão. Vamos juntos nós para a rua para fazer a cobertura com o repórter. (DORIA, 2013).

A partir das críticas que vinham recebendo, os editores resolveram ir até as ruas no dia de um protesto para avaliar a situação. O próprio Pedro Doria, editor-executivo, acompanhou os repórteres Emanuel Alencar, Ruben Berta e Gustavo Goulart na cobertura de um protesto dos professores por melhores salários e condições de trabalho no dia seguinte.

No dia seguinte às manifestações, a capa de *O Globo* trazia o protesto como manchete e foto principal, com uma chamada para o texto de Pedro Doria. Em artigo opinativo, o editor conta o que teria visto em meio à multidão. Na opinião dele, a cobertura que vinha sendo feita pelo jornal estava “equilibrada, mostrando o que estava acontecendo nas ruas”, e que “não havia motivo para uma mudança de linha editorial”.

Na semana seguinte, na qual esta pesquisa foi desenvolvida na redação, a decisão de um editor executivo acompanhar a cobertura repercutia entre os repórteres. Mais do que reafirmar a posição editorial do jornal, a decisão reforçou a eles o peso que a empresa vinha dando às manifestações dos leitores nas redes sociais.

#### 4. O colunista demitido

Em meados do mês de outubro de 2014, quando estive na redação, a *Folha de S.Paulo* viveu momentos de questionamento público. O pedido de demissão do colunista Xico Sá vinha repercutindo na Internet, depois que o escritor e jornalista anunciou publicamente os motivos de seu desligamento. Em pleno período eleitoral, Sá escreveu uma coluna questionando a cobertura da imprensa, e abrindo seu voto na então candidata Dilma Rousseff (PT).

A justificativa da *Folha* era de que Sá contrariava uma orientação do jornal prevista no Manual de Redação. O colunista estaria fazendo “proselitismo político”, o que era contra as normas do jornal. Após ouvir as sugestões da secretaria de redação, Xico Sá escolheu não alterar sua coluna, e nem mesmo mudá-la de espaço. Por fim, pediu sua demissão.

Após o pedido, o colunista lançou uma saraivada de críticas ao jornalismo tradicional através de sua conta no Twitter. Conhecido nacionalmente, Sá teve seus posts circulados por uma grande quantidade de pessoas nos dias que se seguiram. Desde o domingo, dia que o pedido de demissão se tornou público, até a quinta-feira em que entrevistei o editor da *Folha*, as críticas ao jornal pela saída de Sá estiveram todos os dias nos relatórios que a equipe de mídias sociais repassa aos editores. O caso vinha gerando constrangimento público à *Folha*.

Além das mensagens nas redes sociais, o acontecimento gerou uma série de críticas enviadas diretamente à ombudsman da *Folha de S.Paulo*, Vera Guimarães. A questão levantada por Sá, de que outros colunistas faziam proselitismo político sem declarar abertamente seu voto, foi levantada pelos leitores. “Poucos minutos de pesquisa revelarão dezenas de colunistas fazendo o mesmo em seus espaços cotidianamente. Meu Deus, a *Folha* publica semanalmente Janio de Freitas e Reinaldo Azevedo!”, escreveu o leitor Marcel Davi de Melo, sintetizando o tom dos protestos<sup>1</sup>.

Na *Folha*, foram entrevistados o editor de mídias sociais, Ygor Sales, e a então ombudsman Vera Guimarães, que preparava a sua coluna sobre o tema.

---

1. Crítica publicada pela ombudsman em sua coluna do domingo seguinte à nossa entrevista, no dia 19/10/2014. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/colunas/veraguimaraesmartins/2014/10/1534725-o-voto-so-nao-diz-o-nome.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/colunas/veraguimaraesmartins/2014/10/1534725-o-voto-so-nao-diz-o-nome.shtml)>. Acesso em: 13 dez. 2014.

Ainda durante a entrevista, ela ressaltou que entendia os questionamentos dos leitores:

A discussão sobre o que é proselitismo ou não é a discussão sobre liberdade de expressão... *mezzo a mezzo*, porque “ah, você tem liberdade para dizer o que você quiser” – e é verdade, os caras escrevem o que querem – mas você diz pra ele “não, declarar o seu voto não”. E aí eu passo meses falando mal de um determinado candidato sem nunca dizer “vou votar no adversário dele”, mas não precisa. Então eu acho que é um assunto bom para ser discutido, independentemente de qualquer outra coisa. (GUIMARÃES, 2014).

O volume de críticas, e a pertinência dessas manifestações, foram decisivas para que o caso fosse discutido na coluna da ombudsman. Nela, Vera Guimarães faz uma crítica à *Folha de S.Paulo* pelo episódio. “E soa contraditório que um jornal que se orgulha de pôr em prática a mais ampla liberdade de opinião tente enquadrar o pleno exercício dessa liberdade no capítulo final da saga eleitoral. É mais ou menos como tentar passar a tranca depois que a porta foi arrombada.”<sup>2</sup>

A repercussão do caso causou constrangimentos dentro da redação. O *Painel do Leitor* publicou um grande volume de manifestações. A maioria delas contrárias à posição adotada pelo jornal. “A *Folha* despeja sobre nós dezenas de columnistas que fazem ataques raivosos ao PT. Por que Xico Sá foi censurado ao declarar voto em Dilma? Essa é a pluralidade da *Folha*? Os leitores exigem explicação” (*Painel do Leitor*, 15 de outubro de 2014).

Mesmo assim, em nenhum momento a *Folha* falou institucionalmente sobre o caso. Excetuando-se as manifestações da ombudsman, e os textos publicados no *Painel do Leitor*, o jornal manteve o silêncio sobre o ocorrido. A *Folha* evitou dar satisfações ao leitor. Fica claro que o jornal evitou esse diálogo, usando um subterfúgio para dar resposta aos comentários críticos.

---

2. Idem.

O caso *Folha* mostra a dificuldade que os jornais têm de manter um diálogo com seus leitores. Mesmo que recebam o comentário social, e que esse comentário gere afetações concretas na redação, as empresas não abrem espaço em suas páginas para dar um retorno aos leitores.

## 5. A tatuagem da Poliana

Nos dias em que passei pela redação de *Zero Hora*, um debate era recorrente no Facebook do jornal. As críticas eram sobre matérias publicadas em *Zero Hora* típicas do jornalismo de celebridades. Caracterizado como jornal de referência, *Zero Hora* tradicionalmente não cobria assuntos relacionados ao mundo dos famosos. Na publicação, entrevistei a editora-chefe digital, Barbara Nickel, além de profissionais do setor de monitoramento de redes.

Na semana em que aconteceu tal entrevista na redação uma das discussões sobre famosos envolviam, naquele momento, a nova apresentadora do *Fantástico*, programa da Rede Globo, Poliana Abritta. Ela havia estreado no dominical no dia anterior e os telespectadores haviam notado uma tatuagem na perna da apresentadora. A repercussão nas redes sociais sobre a tatuagem de Poliana Abritta virou notícia no site de *Zero Hora*: “Tatuagem de Poliana Abritta rouba a cena no *Fantástico*”<sup>3</sup>. Em cinco parágrafos a “notícia” fala sobre a estreia da jornalista no programa, e “discute” o que seria a figura da tatuagem.

Observei, durante os dias de pesquisa, que *Zero Hora* vinha priorizando publicar em sua página no Facebook matérias de celebridades. A postagem com a chamada para a matéria sobre a apresentadora do *Fantástico* ainda incentivava os leitores a discutir qual era a tatuagem. Entre as reações dos leitores, no entanto, boa parte era críticas àquele conteúdo:

Camila Caetano: Zero Hora está de parabéns pelas relevantes reportagens publicadas...

Plínio Velozo Chaves: Jornalismo fútil da ZH.

---

3. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2014/11/tatuagem-de-poliana-abritta-rouba-a-cena-no-fantastico-4634689.html>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Mabus Porto: alguém q perde tempo pra ler e comentar uma notícia irrelevante vem aqui criticar essa notícia? q incoerência kkk

Camila Caetano: perceba que a crítica serve para construção mesmo que advinda de um ato de incoerência

Mille Sarrazin: Qndo eu comentei com meu marido sobre esse tipo de notícias no ZH ele não acreditou!!! A reação dele: — Que merda é essa! Kkkk...

Andréa Ferretto: hahahahhaa.... que reportagem, hein??? faltou assunto na redação? Não assisto globo, então tanto faz....

Andrónico Maciel de Carvalho: Tantas coisas mais importantes para falarem, vão falar da tatuagem de uma péssima repórter?”<sup>4</sup> (Novembro de 2014)

Dentro da redação, no entanto, as críticas a esse tipo de conteúdo pareciam naturalizadas. Por mais que isso parecesse passar despercebido pelas equipes de monitoramento, a editora citou esses casos como uma discussão frequente, e afirmou que eles são ouvidos e levados a sério.

Um tipo de discussão que a gente tem frequentemente, e hoje esse tipo de discussão é ouvido mais e levado mais a sério do que era antes. Por exemplo, ao postar conteúdos da *Zero Hora* nas redes sociais, as pessoas reagem de maneira diferentes e algumas vezes as pessoas dizem “crianças morrendo de fome na África e vocês falando sobre isso”. As pessoas acharem irrelevantes aqueles assuntos que estamos tratando. Às vezes é uma matéria de agência, mas não importa. As pessoas falam, “tal coisa acontecendo no país e vocês dando que a Renata Vasconcelos vai assumir a bancada do *Jornal Nacional*”. “Essa notícia mudou a minha vida”, comentário que as pessoas fazem frequentemente. (NICKEL, 2014).

---

4. Posts na linha do tempo da página de *Zero Hora* no Facebook.

## 6. Apontamentos sobre a crítica social na redação

Para além dos limites e potencialidades da relação da crítica social com os meios de comunicação, o estudo buscou traçar um caminho desses processos dentro dos jornais. É certo que, em maior ou menor grau, essas respostas acompanham o jornalismo desde que ele se transformou em um importante agente social, mas a constatação básica, e óbvia, é de que a Internet se tornou o canal de interação por excelência nos últimos anos.

A partir da observação dos fluxos da crítica social nas redações é possível identificar quatro momentos do comentário social dentro dos jornais, o que tem-se chamado de *Circulação Responsiva*. Durante as entrevistas, houve uma preocupação na exploração do funcionamento desses momentos como forma de se criar um panorama geral da atuação das respostas da sociedade no jornalismo na busca por regularidades no tratamento dessas críticas, com o objetivo de visualizar a construção do sistema crítico dentro do ambiente da produção de notícias.

Esses quatro momentos foram divididos entre a *recepção* da crítica, a *seleção* dos comentários, a *circulação* na redação dessas respostas e, por fim, as *afetações* que a crítica social da mídia gera na prática jornalística. É importante reforçar que, apesar do uso do termo *recepção*, ele não é pensado nos moldes do que se pensava ser a *recepção* dos produtos dos meios de comunicação de massas, mas apenas com a ideia de chegada.

Outro ponto a ser destacado é que o modelo não é linear. Esses processos se confundem, sem um ordenamento específico. Nas observações também é possível visualizar a existência da circulação da crítica à parte dos processos implementados pelos jornais, chegando diretamente aos repórteres ou por meios diferentes daqueles pensados pelas empresas jornalísticas. Essas críticas, no entanto, se confundem no momento em que passam a habitar as redações, integrando um mesmo fluxo.

Esse diálogo, no entanto, ainda não é um processo orgânico, implementado de forma consolidada nas redações. Uma das primeiras dificuldades na relação entre o jornal e a crítica que vem de fora diz respeito às lideranças da redação. O acolhimento ao comentário social sobre os processos do jornalismo está ligado ao perfil do profissional que cotidianamente lidera as equipes.

Fica claro também que o tratamento do comentário crítico está ligado aos projetos mercadológicos dos jornais. Um primeiro fator que se destaca nesse sentido, e que acaba sendo um potencializador da circulação dessa crítica na redação, é uma preocupação comum da empresa capitalista: Como sou percebido pelo mercado? Nesse contexto, o leitor é visto como um consumidor, e a crítica aos processos das redações acaba se tornando uma crise a ser gerida.

Do ponto de vista macro, ao pensar a crítica social pelo contexto da organização da empresa jornalística, as limitações impostas por sua configuração começam pela falta de uma política de acolhimento que não seja de uma liderança específica, mas que esteja disseminada no cotidiano da redação. Com isso, faltam processos mais articulados que integrem todas as equipes nesse diálogo, e que criem uma cultura de troca mais direta com a sociedade, mesmo com a rotatividade de profissionais nos jornais.

Em *O Globo*, a *circulação* da crítica foi, em parte, transformada em processo na redação. Diariamente, as equipes que fazem o monitoramento das redes geram relatórios que são repassados aos editores. No entanto, repórteres com os quais tivemos contato afirmam que fica a cargo do editor de área repassar às suas equipes o que foi visto no monitoramento, e isso acontece de acordo com seu perfil. Na *Folha*, os relatórios são produzidos a partir de casos específicos, que chamam mais atenção da equipe de monitoramento. Em *Zero Hora*, apesar da recepção e seleção das críticas, a circulação é difusa, sem um processo definido.

A abertura dos jornais ao comentário externo também precisa ultrapassar o limite do discurso. Em sua entrevista, em diferentes momentos, Doria afirma que o jornal está atento e reage a isso. No entanto, em outras oportunidades transparece uma diretriz repassada aos repórteres de não se pautarem pela crítica do leitor. É certo que, por diferentes motivos, as empresas estão se abrindo ao comentário social crítico, mas ainda assim, seguem lógicas próprias.

Dentro das redações o comentário social sobre a mídia vive em um jogo constante de resistência e acolhimento. Seu fluxo na redação ainda não se naturalizou como componente orgânico dos processos jornalísticos. Por essa incompletude, o movimento de abertura ou fechamento ainda depende de diferentes fatores.

A resistência e o acolhimento estão presentes a partir do momento em

que os comentários são *seleccionados*. A tendência das equipes é acreditar que a quantidade irá suprir a diversidade de manifestações. Em um movimento que até pode ser visto como natural, as críticas normalmente não são analisadas em sua especificidade, mas pela repercussão que causam nas redes.

Parte da resistência das redações está intimamente ligada ao saber instituído, próprio do campo de jornalismo, que não prevê a crítica dos leitores como fator ativo nos processos de produção. Situar o comentário social como componente do processo de construção da notícia, criando a cultura do acolhimento a essa forma de participação externa, ainda é um desafio imposto às redações pelo comportamento dos leitores.

Na busca por identificar o que os editores acolhiam, e a quais comentários os profissionais resistiam, foi encontrado nas equipes de monitoramento a vontade de acolher o que o jornal presume ser o seu leitor. Um leitor imaginado com o qual a publicação busca estabelecer os seus contratos de comunicação (CHARAUDEAU, 2007), e que tem sua imagem construída historicamente por cada jornal.

Nesse contexto, o jornalismo limita as suas trocas com a sociedade com uma avaliação dos leitores. Essa avaliação, feita na correria do cotidiano das equipes, é bastante rasa. Seu maior problema é excluir agentes importantes para a sociedade. Ainda que nesses grupos não existam assinantes do jornal, eles se preocupam com a qualidade do produto midiático por terem compreensão da importância do jornalismo na construção da realidade. Excluí-lo dessa troca é empobrecedor para o próprio jornal, e conseqüentemente, para os leitores.

## 7. Considerações

É na perspectiva de perder ao menos parte da credibilidade construída – seu maior capital – que os jornais se abrem ao diálogo com a sociedade. A circulação, em quantidade significativa, de comentários que questionam suas práticas mobiliza as redações a estabelecer uma dialogia, mesmo que com agentes que não sejam aqueles com os quais as empresas querem dialogar.

O comentário social sobre a mídia é um fenômeno estabelecido nas últimas décadas que cresceu exponencialmente nos últimos anos. Sua existência é

percebida como fato consumado para as redações. As resistências, no entanto, se dão na busca pelo controle desse jogo caracterizado por avanços e recuos.

No fluxo das redes, os jornais não têm como manter algum controle sobre as emissões dos comentários críticos. Por outro lado, dentro das redações, procuram se cercar de critérios que aparentemente lhe são válidos para acolher parte dessa crítica. Nisso conseguem manter a autoridade sobre o processo produtivo, ainda que existam afetações do comentário social na prática jornalística.

Existe ainda um comportamento de resistência que tenta diminuir o fluxo do comentário crítico passando a impressão da não afetação, como mostra o caso relatado na *Folha de S.Paulo*. Os gestores da redação em nenhum momento tornam público que estão fazendo algo em relação aos comentários. Mesmo afirmando diretamente durante as entrevistas que o jornal faz algo com essa crítica que vem da sociedade, nas páginas dos jornais isso não transparece com clareza.

Isso fica claro quando, após ir a uma manifestação motivado pelos comentários nas redes sociais sobre a cobertura de *O Globo*, Pedro Doria escreve uma coluna não dando uma resposta clara às críticas, mas sim, justificando o viés da cobertura. Com isso, ele busca dar uma satisfação a quem questionava as matérias do jornal, sem que diga isso claramente. Nesse caso, admitir que a coluna era uma resposta seria fomentar ainda mais o diálogo com os críticos, algo que, ao que parece, o jornal ainda não está disposto a fazer.

Por outro lado, o “simples” fato de refletir sobre as suas práticas já é, em si, um fator de melhora do serviço prestado à sociedade. A discussão de práticas historicamente constituídas pode avançar na dissolução de vícios historicamente constituídos. Essa é a primeira afetação, e para a pesquisa, fundamental. A segunda é fazer com que os jornais estejam nas redes. Em muitos casos, esses profissionais respondem diretamente aos leitores em seus perfis oficiais no Facebook e no Twitter. É a imposição de um diálogo que solidifica o comportamento, por parte dos participantes, de interagir com seu jornal, estabelecendo um hábito. Correções de erros, mudanças de abordagens de coberturas, discussões sobre procedimentos internos cristalizados são a afetação final, aquela que diretamente age sobre o jornalismo.

## Referências

- ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da Notícia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. – (Coleção Clássicos da Comunicação Social).
- BRAGA, José Luis. *A sociedade enfrenta a sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- \_\_\_\_\_. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jeder; e JACKS, Nilda (orgs.). *Mediação e Mídiação*. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, pp. 31-52, 2012.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Editora Paz e terra S/A, 1999 v.1.
- COELHO, Álisson. *Jornalismo, Sociedade e Crítica – Potencialidades e Transformações*. Florianópolis: Insular, 2017.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- FAUSTO NETO, Antônio. A circulação além das bordas. In: *Mediatización, Sociedad y Sentido. Diálogos Brasil y Argentina*. Rosário: UNR, 2010.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RAMONET, Ignacio. *La explosión del periodismo*. Madrid: Clave Intelectual, 2011.

# A NARRATIVA MULTIMÍDIA NO CIBERJORNALISMO: UMA ANÁLISE DE “ROTA 66, A CONFISSÃO”

---

**Gabriel Rizzo Hoewell<sup>1</sup>**

## 1. Introdução

A modificação nos papéis de produtor e consumidor, a aproximação entre áudio, vídeo, texto e imagem, o acesso a bancos de dados e a leitura não linear são algumas das consequências da Internet que alteraram o fazer jornalístico. É preciso compreender essas mudanças, em um período em que o jornalismo, de certo modo, reinventa-se, acionando tradição e inovação.

Canavilhas *et al* (2014) apontam multimídia, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória, instantaneidade e ubiquidade como características definidoras do ciberjornalismo. A aplicação desses elementos na prática pode ser fundamental para renovar uma profissão que se vê perdida pela revolução tecnológica e pelas limitações do mercado. A busca constante por um jornalismo que chegue mais perto do ideal quase utópico que se estabelece para a profissão pode passar por um jornalismo contextualizado (PAVLIK, 2001) que alimente pressupostos como os apontados por Kunzlik (1997), com a ideia de jornalismo de desenvolvimento.

A presente pesquisa agrupa os campos do jornalismo e do *webdesign* para entender como a Internet contribui para a constituição de um jornalismo que se configura de fato como um novo formato: o ciberjornalismo. Para isso, entende-se ser necessário que ele explore as possibilidades que o meio oferece, o que só se dá com eficiência se estiver unido a um design que proporcione uma boa experiência para o usuário, aliando elementos intrínsecos à Internet. Mas como isso vem se dando na produção brasileira dos veículos atualmente?

Dada a amplitude da questão, tomamos como objeto de estudo a reportagem especial multimídia “Rota 66, a confissão”, realizada para o site do *O Estado*

---

1. Mestrando do PPGCOM – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e membro do Laboratório de Edição, Cultura e Design (LEAD). E-mail: gabrielrh@hotmail.com.

de S. Paulo, publicada no dia 25 de abril de 2015. Nosso objetivo é verificar de que modo os elementos característicos do ciberjornalismo estão presentes na reportagem, para, assim, analisar e discutir como as potencialidades da Internet estão sendo incorporadas a um produto jornalístico especialmente desenvolvido para publicação na *web*.

O artigo é um recorte da pesquisa realizada em 2015 como trabalho de conclusão de curso no âmbito da Graduação, tendo recebido, em 2016, o Prêmio Adelfo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo como Melhor Trabalho de Conclusão de Curso. Orientou a pesquisa a docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPG-COM-UFRGS), a professora doutora Ana Cláudia Gruszynski, com coorientação de Ana Bandeira, professora dos cursos de Design Gráfico e Digital da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e doutoranda do PPGCOM-UFRGS. Algumas das reflexões deste trabalho continuam sendo desenvolvidas, agora no âmbito do Mestrado, ainda na UFRGS, também sob orientação da doutora Gruszynski.

## 2. O jornalismo contextualizado na *web*

Desde seus primórdios, as premissas ideológicas nas práticas jornalísticas são fundamentadas em complexas relações econômicas e políticas. Não bastasse isso, muito da cultura profissional construída estabelece desafios para a área. A obsessão pelo ineditismo e pelo “furo” podem causar obstáculos à procura (ou ao respeito) pela verdade – já *per se* uma noção bastante ambígua –, dificultando o processo de apuração. Os acontecimentos estão na pauta, pois em tese são inéditos, mas a raiz dos seus problemas é pouco discutida (TRAQUINA, 2008).

A Internet emerge oferecendo possibilidades para esse jornalismo se reestruturar – ao mesmo tempo em que acentua muitos de seus problemas. Se a obsessão pelo tempo está mais forte do que nunca, outros valores podem ser mais bem explorados. É inegável a relevância da instantaneidade e da atualização contínua para a sociedade, já que o jornalismo deve cumprir sua função de produzir a “vivência social do momento presente” (FRANCISCATO, 2005, p. 15). Mas a democracia não se sustenta só com “*foregrounds*”; precisa de “*backgrounds*” (TRAQUINA, 2008).

Nesse contexto, Pavlik (2001) vê emergir um “jornalismo contextualizado”, capaz de ampliar a cidadania e a democracia, com informações mais completas, que reflitam as nuances de uma sociedade plural. Ele se diferencia por ter “notícias ubíquas, acesso global à informação, relatos instantâneos, interatividade, conteúdo multimídia e extrema customização do conteúdo” (PAVLIK, 2001, p. 11, tradução nossa). Tal visão de jornalismo assemelha-se ao que Kunczik (1997) chama de jornalismo de desenvolvimento, que assume o papel de mediador, ao proclamar publicamente os pontos de vista de vários grupos de interesse, produzindo “a integração das partes heterogêneas num complexo sistema social” (KUNCZIK, 1997, p. 345). Dessa forma, o jornalismo assumiria sua função pública, proporcionando cidadania por meio da informação concisa e capacitando a população a formular juízos e tomar decisões adequadas.

Trata-se, porém, de uma promessa e não de algo determinado pela mera existência da tecnologia. Muitos pesquisadores “duvidam que as tecnologias digitais tenham provocado mudanças profundas na concepção de jornalismo a ponto de alterar valores consagrados” (DEL BIANCO, 2008, p. 1). Seu uso parece estar aquém do seu potencial de trazer mais clareza e profundidade à informação. Entrevistado uma década depois por Zamith (2011), Pavlik mantém sua definição de jornalismo contextualizado, mas vê sua previsão só parcialmente confirmada: “Alguns jornalistas e algumas organizações jornalísticas têm utilizado as ferramentas das mídias digitais e em rede para colocar histórias num contexto elevado [...], contudo, na generalidade, este potencial continua por cumprir” (PAVLIK *apud* ZAMITH, 2011, p. 231). A falta de estrutura institucional para a produção diária impediria a consolidação do jornalismo contextualizado. Para Machado (*apud* ZAMITH, 2011), essa lógica vai contra o que a sociedade demanda – um jornalismo mais imediatista e menos interpretativo. Zamith conclui que, com pouca receita, as redações são pequenas e focadas na instantaneidade e em narrativas clássicas, com pouco hipertexto e multimídia. Assim, muitos veículos mantêm a lógica tradicional, fechados a contribuições e diferentes mídias.

Este artigo propõe entender como a reportagem pode, na *web*, apropriar-se de elementos que potencializem sua narrativa. Martínez Albertos (1983) define reportagem como relato jornalístico descritivo ou narrativo de estilo literário

“em que se intenta explicar como se sucederam feitos atuais ou recentes” (1962<sup>1</sup> apud MARTÍNEZ ALBERTOS, 1983, p. 314, tradução nossa). Para o autor, a distinção entre o que ele denomina “informação” e reportagem é o caráter mais literário e artístico da segunda, ainda que a objetividade esteja aparente. Marques de Melo (2003, p. 66) descreve a reportagem como “o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística”. São características da reportagem, para Sodré e Ferrari (1986), a forma narrativa, com texto impressionista e relato humanizado, mas com a manutenção da objetividade dos fatos. Cabe aqui entender como o formato pode se valer de elementos próprios da Internet para se reinventar.

### 3. O ciberjornalismo e suas características

A definição de uma nova prática jornalística passa pelo aproveitamento de características tecnológicas ofertadas pela *web*. Conforme apontado por Canavilhas *et al* (2014), são elementos do ciberjornalismo: a multimídia, a hipertextualidade, a interatividade, a memória, a personalização, a instantaneidade/atualização contínua e a ubiquidade. Destes, nos interessam os quatro primeiros, visto que, em uma etapa de pré-análise, foram identificados na reportagem estudada.

A multimídia “refere-se à convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico” (PALACIOS, 2002, p. 3). Tal processo é impulsionado pela possibilidade de digitalização das informações para que elas convirjam para uma mesma plataforma.

A hipertextualidade é a base da *web* e leva o leitor a notícias relacionadas publicadas no mesmo portal ou em outros sites, a vídeos e áudios: novos conteúdos e formatos. O hipertexto está ligado à leitura não linear, característica revolucionária da Internet. Dois elementos básicos compõem o hipertexto: os blocos informativos (nós) e as hiperligações (links) (CANAVILHAS, 2014). São as relações entre eles que compõem um hipertexto.

---

1. MARTÍNEZ ALBERTOS, J. L. *Guiones de clase de Redacción Periodística*. Pamplona, 1962.

A interatividade é outra característica fundamental e pressupõe a participação ativa do leitor na construção da reportagem. Para Amaral (2005, p. 138), “a definição exata de interactividade é ‘tipo de relação com uma máquina que implica uma reciprocidade das trocas’”. A base de sua aplicação no jornalismo é o hipertexto.

A memória não é elemento exclusivo do ciberjornalismo, visto que já havia em outras mídias, mas na *web* se intensifica, sendo mais viável técnica e economicamente. As possibilidades da memória agora são oferecidas não só para o jornalista, mas também para o usuário, que pode acessar o arquivo a qualquer momento, por meio de motores de busca baseados em palavras-chaves e datas (PALACIOS, 2002).

Percebe-se, assim, que o ciberjornalismo se diferencia por componentes tecnológicos e cabe a ele utilizar aquilo que lhe é próprio para propor uma nova linguagem. Fala-se aqui de um ideal, mas é evidente que nem todo site faz uso de todas as ferramentas que a Internet oferece. Aqui, interessa a capacidade de exploração dessas potencialidades pelos meios jornalísticos, por isso precisamos entender como elas se aplicam ao campo.

Masip, Micó e Teixeira (2011) elencam sete modalidades multimídia, cabendo destacar cinco delas, que estão presentes no objeto: fotografia (individual ou galeria); vídeo; áudio; infografia; gráficos e mapas estáticos. Estas podem ser analisadas de acordo com a quantidade, a utilidade, a localização e o grau de elaboração.

Barbosa e Mielniczuk (2011) propõem uma ferramenta de análise de qualidade da *hipertextualidade*. Entre os itens a serem avaliados, cabe ressaltar a classificação da ligação estabelecida pelos links – de acordo com a fonte produtora da informação e com o destino ao qual eles remetem.

No que diz respeito à interatividade, pode ser classificada em diversos níveis (SCHWINGEL, 2008) e ser entendida como seletiva ou comunicativa (ROST, 2006). Meso *et al* (2011) analisam 17 possibilidades de interatividade no ciberjornalismo, estas mais relacionadas com a interatividade comunicativa. Destacamos as possibilidades de construção da matéria, via jornalismo participativo, de comentários e de compartilhamento, além da usabilidade e da acessibilidade.

Quanto à aplicação da memória no ciberjornalismo, esta é avaliada por Palacios e Ribas (2011) em dois aspectos. Aspectos estáticos da memória são os que possibilitam a recuperação de informações produzidas, e aspectos dinâmicos referem-se à recuperação histórica, ampliação e contextualização.

Mesmo com isso em mente, não se pode analisar de que modo tais elementos se apresentam ao leitor sem levar em conta o *webdesign*. Como qualquer produto, sites podem empoderar ou frustrar os usuários; simplificar ou complicar suas vidas; e afastar ou aproximar-se das pessoas (GARRETT, 2011, p. 3). A definição sobre de qual lado estará o site passa especialmente por um design adequado.

Com o objetivo de traçar linhas orientadoras para um design eficiente, Garrett (2011) indica cinco planos para otimizar a experiência do usuário: estratégia, escopo, estrutura, esqueleto e superfície. Destes, esta pesquisa aprofundou-se nos três últimos, devido à impossibilidade de se ter acesso a informações que indiquem precisamente como estratégia e escopo foram definidos em nosso objeto. Como Garrett (2011) pondera, os dois primeiros pontos referem-se mais à etapa abstrata de planejamento do site, não sendo possível, a partir do elemento concreto do qual aqui se dispõe (a reportagem), analisá-los com a clareza necessária.

No plano da estrutura, define-se uma sequência de apresentação de opções aos usuários. Aqui, pensa-se em respostas consistentes do sistema às ações. Modelos aos quais os usuários já estão acostumados podem facilitar a adaptação ao site. Não menos importante é estruturar esquemas de navegação que permitam uma experiência que eduque, informe e atraia. Classifica-se a estrutura de acordo com a relação estabelecida entre os nós, ou grupos de informação, que pode ser, segundo Garrett (2011): hierárquica, matrix, orgânica ou sequencial.

O plano do esqueleto coloca no papel aquilo que foi estruturado anteriormente, dispondo os elementos na página. Aqui se deve permitir que o usuário note o que é importante e consiga entender onde está e para onde pode ir, estando claras as relações entre os elementos e as relações entre os conteúdos e a página que o usuário enxerga no momento. O autor estabelece seis tipos de navegação: global, local, suplementar, contextual, de cortesia e remota.

Por último, no plano da superfície o usuário tem a experiência sensorial com o produto finalizado – um conjunto de páginas com imagens, textos, vídeos e áudios. Aqui se determina como os sentidos se manifestarão ao abrir o site. Em especial a visão, mas também a audição, devem ser pensados. Quando se fala em agradar a visão, não se pode pensar somente em estética, mas também em funcionalidade. Um dos pontos fundamentais é se perguntar para onde o olho vai logo ao se deparar com a página. No design bem-sucedido, o olhar fluirá suavemente e indicará possibilidades a se seguir sem sobrecarregar-se, sendo, para isso, importantes o contraste e a uniformidade.

Construído esse quadro teórico, fundamentam-se as bases para a análise de “Rota 66, a confissão”. Com isso, acredita-se ser possível entender quais diferenciais a Internet possibilita para a criação de uma reportagem, como esses são explorados e de que maneira são apresentados para o usuário.

#### 4. “Rota 66: a confissão”: uma ciber-reportagem

A reportagem “Rota 66, a confissão” foi realizada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* para a seção de infográficos do seu site, sendo publicada em 25 de abril de 2015, às 19h. Desenvolvida para a Internet (e depois adaptada para o impresso), com uma narrativa possível exclusivamente no meio, a reportagem reconstitui a morte de três jovens por policiais militares da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), ocorrida 40 anos antes e tornada notória no livro-reportagem de Caco Barcellos, “Rota 66: A história da polícia que mata”, de 1992. Além da reconstituição do caso, o trabalho do *Estadão* atualiza os acontecimentos, trazendo o inédito depoimento de Erasmo Dias, secretário de Segurança Pública do *Estado de São Paulo* na época.

O material foi produzido por uma equipe de 29 profissionais, alguns tendo exercido mais de uma função durante a produção. Eles se dividiram em reportagem (2 pessoas), edição de texto (2), produção de imagens (4), edição de imagens (2), arte e vídeos (2), fotos e iconografia (15), pesquisa de imagens (4), acervo (1), direção de arte (1), edição de arte (1), infografia (1), *webdesign* (4) e edição

---

2. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/especiais/rota-66-confissao>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

final (2). O trabalho conjunto possibilitou uma narrativa multimídia com vídeos, áudio, fotos, mapa e infográficos.

Para a análise dessa reportagem, usou-se como bases os trabalhos de Garrett (2011) e Palacios *et al* (2011) e traçou-se um roteiro para o levantamento de dados junto ao objeto, que inicia por uma abordagem quantitativa (Quadro 1 e Quadro 2), seguida por uma avaliação qualitativa.

## ANÁLISE QUANTITATIVA DOS PLANOS

PLANO DA ESTRUTURA		PLANO DA SUPERFÍCIE																																													
<p style="text-align: center;">QUANTIDADE DE NÓS</p> <hr/>		<p style="text-align: center;">GRID</p> <hr/>																																													
Introdução	05	<p><i>Elementos recorrentes em posições fixas</i></p>	<table border="1"> <thead> <tr> <th>ELEMENTO</th> <th>POSIÇÃO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Títulos</td> <td>Centralizados</td> </tr> <tr> <td>Subtítulo e linhas de apoio</td> <td>Centralizados</td> </tr> <tr> <td>Blocos de texto</td> <td>Centralizados</td> </tr> <tr> <td>Capítulos de vídeos</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Galerias</td> <td>Atravessa a página</td> </tr> <tr> <td>Destques</td> <td>Centralizados</td> </tr> <tr> <td>Links "Próximo capítulo"</td> <td>Centralizados</td> </tr> </tbody> </table>	ELEMENTO	POSIÇÃO	Títulos	Centralizados	Subtítulo e linhas de apoio	Centralizados	Blocos de texto	Centralizados	Capítulos de vídeos	À direita	Galerias	Atravessa a página	Destques	Centralizados	Links "Próximo capítulo"	Centralizados																												
ELEMENTO	POSIÇÃO																																														
Títulos	Centralizados																																														
Subtítulo e linhas de apoio	Centralizados																																														
Blocos de texto	Centralizados																																														
Capítulos de vídeos	À direita																																														
Galerias	Atravessa a página																																														
Destques	Centralizados																																														
Links "Próximo capítulo"	Centralizados																																														
Cap. 1	13	<p><i>Elementos em posições variáveis</i></p>	<table border="1"> <tbody> <tr> <td>Imagem (recorte jornal)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Foto (Chiquinho)</td> <td>À esquerda</td> </tr> <tr> <td>Foto (Paulistano)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Foto (José Noronha Neto)</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Foto (Iara Jamra)</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Foto (José com cachorra)</td> <td>Centralizada</td> </tr> <tr> <td>Foto (Conte Lopes)</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Foto (Celso Vendramini)</td> <td>À esquerda</td> </tr> <tr> <td>Mapa</td> <td>Centralizado</td> </tr> <tr> <td>Foto (fusca azul)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Infográfico (balística)</td> <td>Centralizado</td> </tr> <tr> <td>Foto (Lygia Queiroz)</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Foto (Azevedo Marques)</td> <td>À direita</td> </tr> <tr> <td>Infográfico (armas)</td> <td>Centralizado</td> </tr> <tr> <td>Foto (Ernesto Geisel)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Foto (Erasmus Dias)</td> <td>Centralizada</td> </tr> <tr> <td>Box 1</td> <td>À direita, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Box 2</td> <td>À direita, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Foto (Salvador D'Aquino)</td> <td>À esquerda</td> </tr> <tr> <td>Foto (carro da Rota)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Foto (Dias com fuzil)</td> <td>À esquerda, invadindo</td> </tr> <tr> <td>Video (íntegra)</td> <td>Centralizado</td> </tr> </tbody> </table>	Imagem (recorte jornal)	À esquerda, invadindo	Foto (Chiquinho)	À esquerda	Foto (Paulistano)	À esquerda, invadindo	Foto (José Noronha Neto)	À direita	Foto (Iara Jamra)	À direita	Foto (José com cachorra)	Centralizada	Foto (Conte Lopes)	À direita	Foto (Celso Vendramini)	À esquerda	Mapa	Centralizado	Foto (fusca azul)	À esquerda, invadindo	Infográfico (balística)	Centralizado	Foto (Lygia Queiroz)	À direita	Foto (Azevedo Marques)	À direita	Infográfico (armas)	Centralizado	Foto (Ernesto Geisel)	À esquerda, invadindo	Foto (Erasmus Dias)	Centralizada	Box 1	À direita, invadindo	Box 2	À direita, invadindo	Foto (Salvador D'Aquino)	À esquerda	Foto (carro da Rota)	À esquerda, invadindo	Foto (Dias com fuzil)	À esquerda, invadindo	Video (íntegra)	Centralizado
Imagem (recorte jornal)	À esquerda, invadindo																																														
Foto (Chiquinho)	À esquerda																																														
Foto (Paulistano)	À esquerda, invadindo																																														
Foto (José Noronha Neto)	À direita																																														
Foto (Iara Jamra)	À direita																																														
Foto (José com cachorra)	Centralizada																																														
Foto (Conte Lopes)	À direita																																														
Foto (Celso Vendramini)	À esquerda																																														
Mapa	Centralizado																																														
Foto (fusca azul)	À esquerda, invadindo																																														
Infográfico (balística)	Centralizado																																														
Foto (Lygia Queiroz)	À direita																																														
Foto (Azevedo Marques)	À direita																																														
Infográfico (armas)	Centralizado																																														
Foto (Ernesto Geisel)	À esquerda, invadindo																																														
Foto (Erasmus Dias)	Centralizada																																														
Box 1	À direita, invadindo																																														
Box 2	À direita, invadindo																																														
Foto (Salvador D'Aquino)	À esquerda																																														
Foto (carro da Rota)	À esquerda, invadindo																																														
Foto (Dias com fuzil)	À esquerda, invadindo																																														
Video (íntegra)	Centralizado																																														
Cap. 2	23																																														
Cap. 3	33																																														
Créditos	03																																														
Barra inferior	09																																														
<p style="text-align: center;">PLANO DO ESQUELETO</p> <hr/>																																															
<p style="text-align: center;">TIPO DE NAVEGAÇÃO</p> <hr/>																																															
LINKS	NAVEGAÇÃO																																														
Logo Estadão (barra inferior)	Nav. Cortesia																																														
"Rota 66" (barra inferior)	Nav. Global																																														
"A turma do paulistano"	Nav. Global																																														
"A noite do crime"	Nav. Global																																														
"Vontade de matar"	Nav. Global																																														
"Créditos"	Nav. Cortesia																																														
Links "Próximo capítulo"	Nav. Local																																														
Links para Acervo (introdução)	Nav. Contextual																																														
Links para reportagens antigas (cap. 3)	Nav. Contextual																																														

**Quadro 1** – Análise quantitativa dos planos a partir de Garrett (2011). Fonte: Howell, 2017.

# ANÁLISE QUANTITATIVA DOS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DO CIBERJORNALISMO

MULTIMIDIALIDADE	QUANTIDADE DE RECURSOS					
	INT	C1	C2	C3	TOTAL	
	Foto (ind.)	02	05	06	05	18
	Foto (galeria)	-	12	28	25	65
	Video	-	01	01	02	04
	Áudio	-	-	-	01	01
	Mapa	-	-	01	-	01
	Infográfico	-	02	-	-	02
	Imagem em movimento	-	01	01	-	02

MULTIMIDIALIDADE	LOCALIZAÇÃO DOS RECURSOS	
	RECURSO	LOCALIZAÇÃO
	Galerias de fotos	Integradas à zona de notícia
	Capítulos de vídeos	Integrados, em destaque
	Imagem (recorte jornal)	Integrada à zona de notícia
	Foto (Chiquinho)	Integrada, em destaque
	Foto (Paulistano)	Integrada à zona de notícia
	Foto (José Noronha Neto)	Integrada, em destaque
	Foto (Iara Jamra)	Integrada, em destaque
	Foto (José com cachorra)	Integrada à zona de notícia
	Foto (Conte Lopes)	Integrada, em destaque
	Foto (Celso Vendramini)	Integrada, em destaque
	Mapa	Integrado à zona de notícia
	Foto (fusca azul)	Integrada à zona de notícia
	Infográfico (balística)	Integrado à zona de notícia
	Foto (Lygia Queiroz)	Integrada, em destaque
	Foto (Azevedo Marques)	Integrada, em destaque
	Infográfico (armas)	Integrado à zona de notícia
	Foto (Ernesto Geisel)	Integrada à zona de notícia
	Foto (Erasmus Dias)	Integrada à zona de notícia
	Foto (Salvador D'Aquino)	Integrada, em destaque
	Foto (carro da Rota)	Integrada à zona de notícia
	Foto (Dias com fuzil)	Integrada à zona de notícia
	Video (Integra)	Integrado à zona de notícia
	Áudio	Segregado em zona específica
	Imagens de abertura	Outra: <i>Integradas ao texto</i>

MULTIMIDIALIDADE	IDENTIFICAÇÃO DOS RECURSOS	
	RECURSO	IDENTIFICAÇÃO
	Vídeos	Fotograma; ícone de play
	Infográfico interativo	Ícone de play
	Áudio	Onda sonora; ícone de play
	Galerias	Outra: <i>Fotos cortadas nos extremos da página</i>

MULTIMIDIALIDADE	UTILIDADE DOS RECURSOS	
	RECURSO	UTILIDADE
	Imagem (recorte jornal)	Complementar
	Foto (Chiquinho)	Complementar
	Foto (Paulistano)	Complementar
	Foto (José Noronha Neto)	Complementar
	Foto (Iara Jamra)	Complementar
	Foto (José com cachorra)	Complementar
	Foto (Conte Lopes)	Ilustrativa
	Foto (Celso Vendramini)	Ilustrativa
	Foto (fusca azul)	Complementar
	Foto (Lygia Queiroz)	Ilustrativa
	Foto (Azevedo Marques)	Ilustrativa
	Foto (Ernesto Geisel)	Ilustrativa
	Foto (Erasmus Dias)	Complementar
	Foto (Salvador D'Aquino)	Ilustrativa
	Foto (carro da Rota)	Ilustrativa
	Foto (Dias com fuzil)	Ilustrativa
	4 Imagens de abertura	Redundantes
	Galeria (praia)	Complementar
	Galeria (fusca e armas)	Complementar
	Galeria (país de Chiquinho)	Complementar
	Galeria (pixações)	Complementar
	Galeria (Rota)	Ilustrativa
	Galeria (Erasmus Dias)	Ilustrativa
	Galeria (invasão da PUC)	Complementar
	Mapa	Complementar
	Infográfico (balística)	Complementar
	Infográfico (armas)	Complementar
	3 capítulos de vídeos	Complementares
	Video na integra	Redundante
	Áudio	Complementar

## HIPERTEXTUALIDADE

QUANTIDADE DE LINKS		DESTINO DOS LINKS	
		LINK	DESTINO
Intro.	04	Crédito da imagem (Int)	Jornal de 24/4/75
Cap. 1	01	"páginas dos jornais" (Int)	Jornal de 24/4/75
Cap. 2	01	Recorte do jornal (Int)	Jornal de 24/4/75
Cap. 3	01	"Próximo Capítulo" (Int)	Capítulo 1
Créditos	01	"Próximo Capítulo" (C1)	Capítulo 2
		"Próximo Capítulo" (C2)	Capítulo 3
		"Acesse o texto original" (C3)	Matéria invasão PUC
		"Voltar" (Créditos)	Capítulo 3

## INTERATIVIDADE

RECURSOS INTERATIVOS APRESENTADOS
<input type="checkbox"/> Possibilidade de comentários
<input checked="" type="checkbox"/> Possibilidade de compartilhamento
<input type="checkbox"/> Possibilidade de correção da matéria
<input type="checkbox"/> Possibilidade de construção da matéria
<input type="checkbox"/> Possibilidade de modificação de recursos visuais
<input type="checkbox"/> Acessibilidade para cegos
<input type="checkbox"/> Acessibilidade para surdos
<input type="checkbox"/> Responsividade a dispositivos móveis

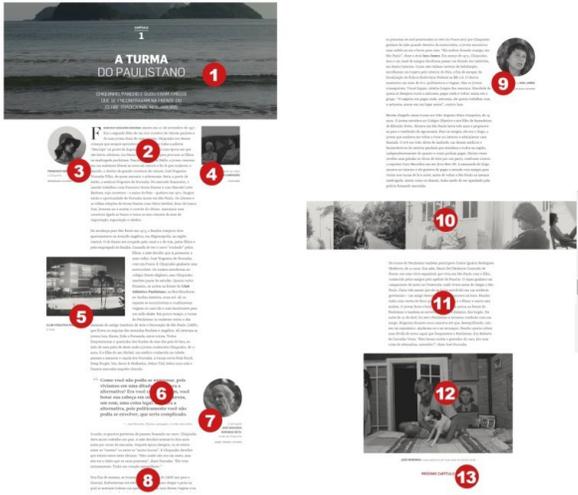
## MEMÓRIA

QUANTIDADE E DESTINO DOS LINKS
Links para documentos -
Links para matérias antigas 4

**Quadro 2 – Análise quantitativa dos elementos característicos do ciberjornalismo a partir de Palacios et al (2011). Fonte: Hoewell, 2017.**

Com base na abordagem quantitativa, os dados levantados permitem constatar que “Rota 66, a confissão” é um produto multimidiático pensado como tal. Percebe-se no *plano da estrutura* que a reportagem se divide em quatro partes, compostas por blocos informativos ou nós. Uma barra na área inferior do site, presente em todas as páginas, leva a nove unidades informativas. Além dela, destacam-se: na introdução, 5 blocos informativos; no capítulo um, 13 (Figura 1); no capítulo dois, 23; no capítulo três, 33; e na seção de créditos, 3. A existência de tantos nós permite supor que há, na mesma proporção, diversas modalidades de informação. Os capítulos dois e três, que concentram mais conteúdos multimídia, contam com um número maior de blocos informativos. Podemos classificar a estruturação dos nós como sequencial. Ainda que se estabeleça uma estrutura hierárquica com os nós da barra da área inferior, a leitura induzida pelo site é sequencial, em que um elemento segue o outro à medida que se desce. Exceção são os links para o *Acervo Estadão* e para matérias anteriores, todos em estrutura hierárquica.

Analisando-se qualitativamente o plano da estrutura, destaca-se a opção pela sequencialidade, já familiar ao leitor, inspirada na estrutura de um livro, havendo inclusive uma divisão por capítulos. Percebe-se também a utilização da estrutura hierárquica, comum à Internet e, portanto, de fácil absorção pelo usuário.



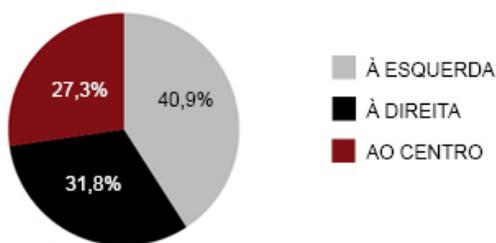
**Figura 1:** Os 13 nós do capítulo 1. Fonte: Hoewell, 2017.

Quanto ao plano do esqueleto, há quatro alternativas de navegação. A barra inferior permite uma navegação global pelo site. Pelos links de “Próximo capítulo” é possível uma navegação local. O link para os créditos, na barra inferior, proporciona a navegação de cortesia. Já os links que levam para o *Acervo Estadão* (na introdução) e para reportagens antigas do site (no capítulo três) constituem a navegação contextual. O site não apresenta mapa ou índices para navegação remota. A existência da barra para navegação global está ligada à estruturação hierárquica proposta pela reportagem e à interatividade. Já as navegações contextual e de cortesia remetem ao hipertexto. A ausência de mapas para navegação remota indica que a complexidade do site não é alta.

Em termos qualitativos, percebe-se que a navegação permite o acesso à estrutura. Há clareza quanto à localização e às possibilidades de navegação, sendo perceptível a sequencialidade. Ainda assim, a indicação para a seção introdutória é pouco evidente.

No *plano da superfície*, analisamos quantitativamente a disposição dos elementos no *grid*. São três colunas, sendo a central destinada basicamente ao texto, e as laterais, a vídeos e fotos. Os elementos recorrentes aparecem em posição fixa, predominantemente ao centro. Nos 22 elementos menos recorrentes, ou com posições variáveis, há alternância entre as colunas (Gráfico 1). Percebe-se equilíbrio no *grid*, com elementos dispostos ora à esquerda ora à direita, buscando dinamismo, sem perda de consistência.

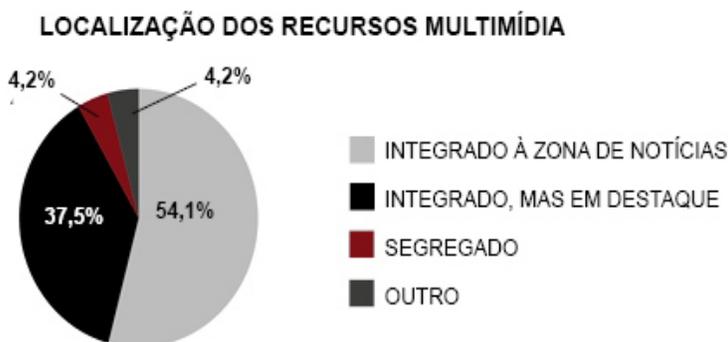
**DISPOSIÇÃO NO GRID DOS ELEMENTOS DE POSIÇÃO VARIÁVEL OU MENOS RECORRENTES**



**Gráfico 1** – Disposição no *grid* dos elementos de posição variável ou menos recorrentes. Fonte: Hoewell, 2017.

Qualitativamente, o plano da superfície, auxiliado pela estrutura sequencial, possibilita que o olhar flua adequadamente, não havendo pontos de dispersão. Com fotos, tipografia e *layout* utilizando-se predominantemente de preto, branco e tons de vermelho, o contraste facilita a leitura. As escolhas tipográficas são na maioria dos casos adequadas e não prejudicam a legibilidade da reportagem. Analisando o *grid*, percebe-se que mesmo sendo pouco rígido, ele cumpre sua função de garantir uniformidade e consistência através do controle e da divisão do espaço. Além disso, com imagens ao lado do texto, ele também lembra a diagramação de um livro, conforme exposto anteriormente.

A multimídia em “Rota 66, a confissão” foi analisada quantitativamente considerando frequência, localização e utilidade dos recursos multimídia utilizados. Há um significativo total de 83 fotos (sendo 65 delas dispostas em sete galerias), quatro vídeos, dois infográficos, um mapa estático, um áudio e duas imagens em movimento. A localização dos elementos varia bastante. De acordo com a classificação de Masip *et al* (2011), pode-se identificar recursos integrados à zona de notícia, integrados à zona de notícia, mas em destaque e segregados em zona específica. Nota-se a ocorrência de um quarto tipo, que foge dos identificados pelos três autores: fotografias e imagens em movimento ao fundo dos títulos estão integradas com a zona de texto, que sobrepõe-se a elas (Gráfico 2).

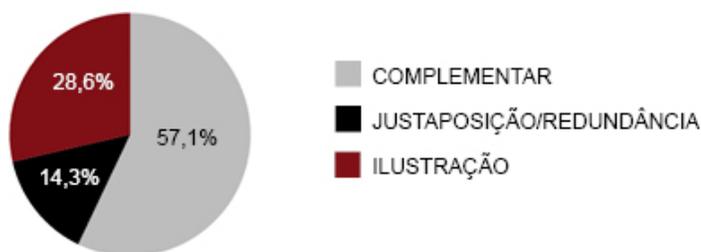


**Gráfico 2.** Localização dos recursos multimídia. Fonte: Hoewell, 2017.

A integração da maior parte dos recursos à zona de notícias é fundamental

para que a reportagem seja entendida como uma narrativa multimídia, devidamente amarrada, com elementos complementares. Já a segregação do áudio e o destaque de alguns dos recursos qualificam o plano da superfície, orientando a leitura do usuário. Classificando-se os 35 recursos multimídia<sup>3</sup> como de utilidade complementar (realça ou enriquece o texto), de justaposição (redundante) ou de ilustração, tem-se a classificação do Gráfico 3. A predominância de recursos complementares indica, mais uma vez, que a reportagem é pensada como narrativa multimídia e que seu discurso está devidamente construído por um conjunto íntegro. Mesmo os elementos ilustrativos atuam em um sentido artístico, essencial a uma reportagem.

### UTILIDADE DOS RECURSOS MULTIMÍDIA



**Gráfico 3.** Utilidade dos recursos multimídia. Fonte: Hoewell, 2017.

Em termos qualitativos, a multimídia em “Rota 66, a confissão” é explorada através de recursos bem elaborados. Os vídeos foram produzidos especialmente para a reportagem online e formam um minidocumentário. Percebe-se a aplicação de recursos artísticos, seja nas imagens desfocadas ou nos enquadramentos menos convencionais.

O infográfico “Direção de entrada das balas” (Figura 2) conta com ilustrações digitais que reproduzem o laudo. Já o mapa estático apenas indica pontos acompanhados de legendas. São, portanto, de simples elaboração. Diferentemente, o infográfico “As armas do caso” (Figura 3) tem grau de elaboração mais alto,

---

3. Considera-se aqui cada galeria como um só elemento, já que as fotos versam sobre a mesma temática.

com interatividade. Ao clicar no *play*, ouve-se o som do disparo das armas e uma linha em movimento reproduz os tiros. Ambos os infográficos são jornalísticos, por estarem focados em um assunto singular e não genérico – ainda que “As armas do caso” contenha traços de infografia enciclopédica, como definem Masip *et al* (2011). Enquanto “Direção de entrada das balas” pertence à primeira geração de infografias, “Armas do caso” é da terceira, pois é multimídia e interativo, só sendo possível na *web*.

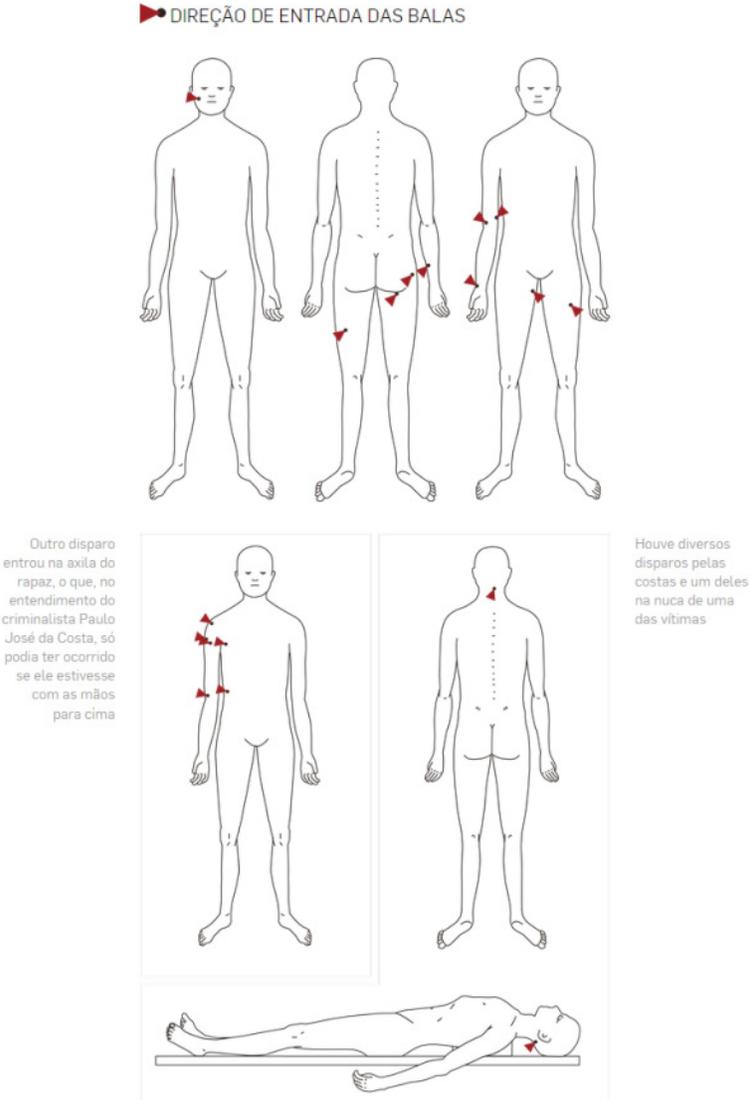
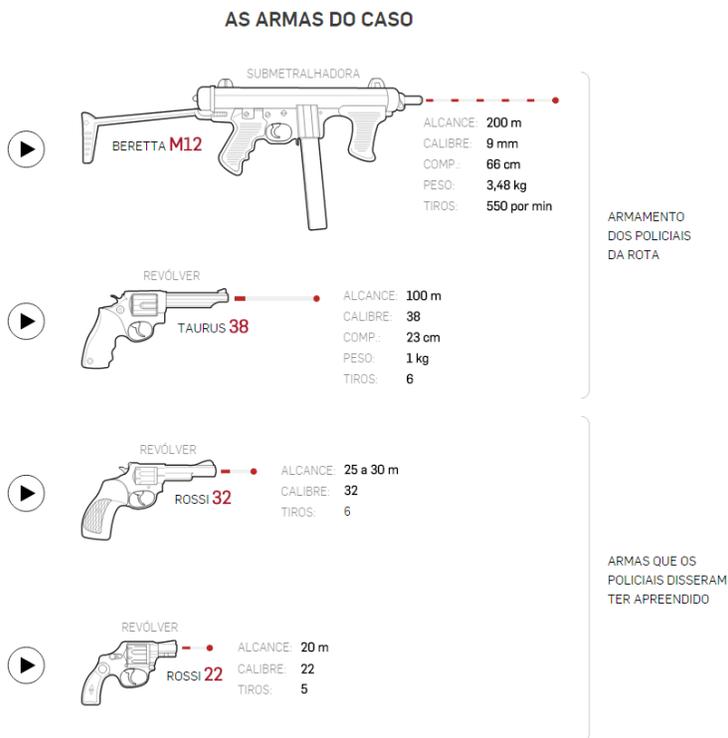


Figura 2: Infográfico “Direção de entrada das balas.” Fonte: Howell, 2017.



**Figura 3:** Infográfico “As armas do caso”. Fonte: Hoewell, 2017.

A *hipertextualidade* aparece de maneira reduzida em “Rota 66, a confissão”. Há apenas quatro links inseridos na reportagem e mais quatro ao fim de cada capítulo. Dos inseridos no texto, três levam ao mesmo lugar (a edição de 24 de abril de 1975 do *Estadão*). Já os links de “Próximo Capítulo” e “Voltar”, ao fim dos capítulos, ligam as seções.

Qualitativamente, percebe-se que os primeiros links são redundantes, enquanto os demais cumprem função de dar sequência à narrativa. Da mesma forma, na barra inferior, os títulos de capítulos e os logotipos conectam páginas.

Também reduzida é a *interatividade*, havendo apenas um dos oito recursos listados com base em Meso *et al* (2011) – a possibilidade de compartilhar (no Facebook, no Google+ e no Twitter). Não se pode comentar, corrigir ou participar da construção da reportagem, muito menos modificar seus recursos visuais, se-

jam o *layout* ou o tamanho das fontes. Não há acessibilidade para cegos e surdos e a responsividade aos dispositivos móveis é parcial, havendo no *tablet*, mas não no *smartphone*.

Sob o viés qualitativo, a interatividade se resume, basicamente, à reação do site a determinados movimentos. Isto é, ao clicarmos para trocar de página, expandir a galeria ou o vídeo, acessarmos links, disparar o *play* ou ao passarmos o mouse sobre as fotos. Ao rolarmos a barra para ler o texto, o site reage apresentando gradualmente os elementos da página.

Apenas dois elementos acessam a memória em “Rota 66, a confissão”: um no capítulo introdutório, o recorte do jornal antigo e links levam para o acervo do *Estadão*; e, no capítulo 3, um link no box “Há 30 anos, os coturnos arrasaram a PUC” leva a uma matéria publicada pelo jornal em 2007.

Em termos qualitativos, o uso da memória tem essencialmente função de contextualização ou mesmo de comprovação do que é afirmado no texto. Na introdução, recorre-se ao jornal impresso, buscando contextualizar o que ocorreu e recuperar a história, associando-o ao material online, qualidade importante para Palacios e Ribas (2011). Da mesma forma, no terceiro capítulo, a reportagem “Sequelas da invasão da PUC continuam” recupera a história.

“Rota 66, a confissão” é um exemplo de narrativa possibilitada pelas potencialidades oferecidas pelo ciberjornalismo. A reportagem alia os planos de estrutura, esqueleto e superfície com harmonia, clareza e eficiência. Os requisitos de conteúdo são pensados a partir da multimídia e a sequência de leitura é montada pelo usuário, recurso próprio da interatividade seletiva (ROST, 2006). Porém, são pouco utilizados hipertextualidade, interatividade e memória. Os links presentes enriquecem, mas são redundantes, restritos ao próprio veículo e escassos – abrindo-se mão de contextualizar eventos e personagens ricos. O uso da memória é adequado e tem caráter complementar, mas é raro, abdicando-se de lembrar acontecimentos históricos. A interatividade é essencialmente seletiva, cabendo ao leitor apenas construir sua ordem de leitura, navegando e escolhendo o caminho a ser percorrido, o que, para Schwingel (2008), constitui o nível mais baixo de interação. A multimídia é provavelmente o grande diferencial de “Rota 66, a confissão”, que reúne diversas mídias pensadas exclu-

sivamente para a reportagem, integrando-as com coordenação. Contribui para isso, o design, com os planos funcionando de maneira adequada.

## 5. Considerações finais

O presente trabalho buscou identificar e avaliar como elementos característicos do ciberjornalismo se apresentam em uma reportagem desenvolvida especialmente para a *web*. Por meio desse objeto singular, procurou-se refletir sobre os elementos que vêm reconfigurando o jornalismo direcionado às plataformas digitais. “Rota 66, a confissão” é exemplo de produto próprio do ciberjornalismo, explorando as possibilidades oferecidas pela *web* e as somando a princípios definidores do campo para reconfigurá-lo e potencializar seu produto. Mas, ainda que alie os planos do design de maneira a facilitar a experiência do usuário e articular elementos de uma narrativa multimídia, “Rota 66, a confissão” tem uso restrito de interatividade, hipertextualidade e memória.

Os conceitos apontados por Pavlik (2001) e Kunczik (1997) ainda parecem longe de serem realidade, uma vez que exigem mudanças mais profundas. Essa busca requer mais que avanços tecnológicos, exigindo o questionamento das barreiras que historicamente impedem o desenvolvimento do jornalismo como idealizado. Com isso em mente, não se pode afirmar que a Internet proporcionou, pelo menos até o momento, a superação de tais dilemas. Mas percebe-se que, sim, ela oferece caminhos para isso. Reportagens como “Rota 66, a confissão” demonstram essa possibilidade de se fazer um jornalismo aprofundado e contextualizado.

## Referências

- BARBOSA, S; MIELNICZUK, L. Ferramenta para Análise de Hipertextualidade em Cibermeios. In: PALACIOS, M. (org.). *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (Vol. 1: Modelos). Covilhã: LabCom, 2011, pp. 37-50.
- CANAVILHAS, J. (org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014.
- CANAVILHAS, J. Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas. In: CANA-

- VILHAS, João. (org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014, pp. 3-24.
- DEL BIANCO, N. A Internet como fator de mudança no jornalismo. In: *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. Covilhã: UBI, 2008.
- ESTADÃO. *Rota 66: A Confissão*. 25 abr. 2015, online.
- FRANCISCATO, C. E. *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- GARRETT, J. J. *The Elements of User Experience: User-Centered Design for the Web and Beyond*. Berkeley: New Riders, 2011.
- KUNCZIK, M. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul – Manual de Comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, J. L. *Curso general de redacción periodística*. Barcelona: Editorial Mitre, 1983.
- MARQUES DE MELO, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MASIP, P. ; MICÓ, J. L.; TEIXEIRA, T.. Ferramenta para Análise de Multimedialidade em Cibermeios. In: PALACIOS, M. (org.). *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (Vol. 1: Modelos). Covilhã: LabCom, 2011, pp. 81-129.
- MESO, K. *et al.* Ferramenta para Análise de Interatividade em Cibermeios. In: PALACIOS, M. (org.). *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (Volume 1: Modelos). Covilhã: LabCom, 2011, pp. 51-80.
- PALACIOS, M. (org.). *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (Volume 1: Modelos). Covilhã: LabCom, 2011.
- PALACIOS, M. *Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate*. Livro de atas – 4º SOPCOM, 2002.
- PALACIOS, M.; RIBAS, B. Ferramenta para Análise de Memória em Cibermeios. In: PALACIOS, M. (org.). *Ferramentas para Análise de Qualidade no Ciberjornalismo* (Volume 1: Modelos). Covilhã: LabCom, 2011, pp. 183-205.
- PAVLIK, J. *Journalism and New Media*. Nova York: Columbia University Press, 2001.

- ROST, A. *La interactividad en el periódico digital*. (Tese de Doutorado). Barcelona: UAB, 2006.
- SCHWINGEL, C. *Sistemas de produção de conteúdos no ciberjornalismo: A composição e a arquitetura da informação nos produtos jornalísticos*. (Tese de Doutorado). Salvador: UFBA, 2008.
- SODRÉ, M.; FERRARI, M. H. *Técnica da Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- TRAQUINA, N. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2008.
- ZAMITH, F. *A contextualização no ciberjornalismo* (Tese de Doutorado). Porto: Universidade do Porto, 2011.

# REDES DE PESQUISA

---

# REDE DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO E TECNOLOGIAS DIGITAIS (JORTEC)

---

**Marcelo Träsel (UFRGS)<sup>1</sup>**

**Raquel Longhi (UFSC)<sup>2</sup>**

**Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR)<sup>3</sup>**

**Walter Teixeira Lima Junior (Unifap)<sup>4</sup>**

## 1. Origens

A Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) pode traçar seus primórdios ao ano de 2006, quando pesquisadores interessados em construir um espaço para pesquisa de forma aberta e colaborativa iniciaram entendimentos e participações em conjunto nos eventos promovidos pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Essa necessidade de promover discussões e pesquisas em conjunto encontrou abrigo formal no Regulamento das Redes de Pesquisa da SBPJor<sup>5</sup>, criado em novembro de 2006, que manifesta a intenção de contribuir para a profissionalização no campo por meio da articulação de Redes, “entendendo que na atual fase da pesquisa como atividade profissional e especializada, o lugar mais adequado para o desenvolvimento de trabalhos acadêmicos de alto nível são as Redes de

---

1. Jornalista, docente no DECOM/Fabico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Comunicação Social (PUCRS) e coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Digital/CNPq. Coordenador da Rede JorTec. Contato: marcelo.trasel@ufrgs.br.

2. Jornalista, professora do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde atua no Curso de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (POSJOR). Coordenadora do Grupo Hipermídia e Linguagem/CNPq. Contato: raqlonghi@gmail.com.

3. Jornalista, professor do Departamento de Ciência e Gestão da Informação e dos programas de pós-graduação em Comunicação e em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação (UFPR), doutor em Ciências da Comunicação (USP), vice-coordenador da Rede JorTec. Contato: rodrigobotelho@ufpr.br.

4. Walter Teixeira Lima Junior é docente na Universidade Federal do Amapá (Unifap), pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Pará (UFPA) e do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Contato: walter.lima@unifap.br.

5. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/sbpjour/institucional/legislacao>>.

Pesquisa, que permitem, ao mesmo tempo, a enriquecedora troca de experiências entre seus membros e maximização de recursos humanos, de infraestrutura e financeiros”.

Dentro desse escopo científico, a Rede JorTec se constitui em torno de premissas que privilegiam a liberdade de pensamento, fomentando a autonomia intelectual com a intenção de estruturar colaborativamente o conhecimento científico na área que envolve o jornalismo e suas relações com as Tecnologias Digitais Conectadas.

Eles perceberam que poderiam articular-se conforme interesses coletivos, produzindo ciência de forma interdisciplinar e colaborativa, sem a preocupação de apenas atender às demandas científicas oriundas das estruturas burocráticas acadêmicas que, muitas vezes, dificultavam a articulação e investigações interdisciplinares. (LIMA JUNIOR, 2015, p. 52).

Em 2007, no 5º Encontro da SBPJor, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Rede propôs a sua primeira mesa de comunicações coordenadas, com apresentações de Walter Teixeira Lima Junior, Sonia Padilha, Carla Schwingel, Sebastião Squirra, Enio Moraes e Beatriz Ribas. No ano seguinte, durante o 6º Encontro da SBPJor, na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), em São Bernardo do Campo, a segunda mesa coordenada da JorTec foi seguida da formalização da Rede, que contou com a assinatura de 19 pesquisadores das cinco regiões do Brasil. O pesquisador Walter Lima foi escolhido como o primeiro coordenador da Rede JorTec.

No 10º Encontro da SBPJor, realizado nas dependências da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) no ano de 2012, em Curitiba, foram eleitos o novo coordenador e vice-coordenador, respectivamente, Marcelo Träsel e Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco. Ambos seguiam atuando nesses cargos até maio de 2017, quando o balanço das atividades das redes foi redigido.

O objetivo da Rede JorTec é produzir pesquisa aplicada nos campos da atividade jornalística, ambiente digital e interfaces de sistemas de informação, redes, mídias sociais, estruturas de algoritmos e produção e difusão de conteú-

dos informacionais, a fim de que os melhores resultados possam ser referência para futuros modelos de negócios que geram receitas. Ao discutir esses aspectos, Lima Junior (2015, p. 64) apresenta definições para cada uma destas orientações:

- **Pesquisa aplicada:** Utilizar pesquisa aplicada para desenvolver processos e produtos jornalísticos atravessados pela tecnologia significa [...] responder a questões tanto do universo acadêmico quanto do mundo do trabalho jornalístico (mercado), proporcionando que o conhecimento gerado atenda à resolução de problemas científicos e da atividade profissional.
- **Pesquisa experimental:** O experimento pode estar fora do ambiente laboratorial, contanto que haja uma interferência do pesquisador em um aspecto da realidade e sejam desenvolvidas técnicas rigorosas de controle sobre as variáveis a fim de observar as relações de causalidade entre elas.

Em linhas gerais, a pesquisa aplicada é definida “por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 20). A opção pela pesquisa aplicada para desenvolver processos e produtos jornalísticos atravessados pela tecnologia diz respeito, no Projeto da rede JorTec, a responder a questões tanto do universo acadêmico quanto do mundo do trabalho jornalístico, fazendo com que o conhecimento gerado atenda tanto à resolução de problemas práticos da atividade quanto a problemas científicos. Para os pesquisadores da rede JorTec, o desafio deste tipo de investigação é construir um modelo de pesquisa que tenha articulação entre o quadro teórico, que fornece os conceitos essenciais à caracterização e definição dos fenômenos, e os modos de operacionalizar a intervenção do pesquisador na realidade, a fim de gerar um processo ou produto que possa produzir uma ação no ambiente. Tal desafio não é apenas operacional, mas remete à dupla concepção de método como lógica do pensamento científico e como procedimento técnico de investigação.

Além dessas perspectivas de pesquisa, a JorTec tem como princípio o trabalho em redes, por entendê-las como estruturas que favorecem a conexão entre pesquisadores de diversos níveis e espaços geográficos diferentes em torno de problemas comuns, que necessitam de uma visão ampliada e colaborativa para que sejam solucionados ou respondidos pela ciência. Nesse sentido, as redes congregam compromisso de atores interessados em realizar trabalhos compartilhados, de forma associada e voluntária, mantendo autonomia e identidade. Com a definição da área de estudo (Jornalismo e Tecnologias Digitais), os pesquisadores alinham os seus objetivos pessoais com os objetivos da Rede, contribuindo regular e efetivamente para o seu fortalecimento, compartilhando resultados e desenvolvendo capacidades.

No jornalismo contemporâneo, a pesquisa aplicada está intrinsecamente ligada às tecnologias digitais, em suas mais variadas consubstanciações. Exemplos estão nos Sistemas Gerenciadores de Conteúdo que formam a interface de gestão e difusão das mídias jornalísticas; nos bancos de dados que precisam ser manipulados para descoberta de informações e conhecimento do jornalismo investigativo; nos algoritmos que determinam buscadores e precisam ser compreendidos em sua essência; nas linguagens de programação que precisam ser dominadas para construção de novas narrativas; nos softwares livres que podem ser utilizados nas redações; no amplo conjunto de técnicas e tecnologias que podem e devem ser desenvolvidas, aprimoradas e apropriadas também por pesquisadores das Ciências da Comunicação.

Para além das possibilidades visualizadas nas estruturas consagradas da academia – por meio de seus grupos de pesquisa, eventos e periódicos –, a configuração de redes para o grupo tem proporcionado encontrar intersecções, onde convivem demandas, problemáticas e interesses de pesquisa. Prova disso está na reunião de aproximadamente 30 pesquisadores de todas as regiões do país, vinculados a instituições públicas federais e estaduais e da iniciativa privada. Assim, configura-se como uma rede nacional, focada numa seara de atividade acadêmica pouco privilegiada no Brasil, conforme o entendimento de seus membros: a pesquisa aplicada.

A JorTec reuniu, ao longo de sua história, pesquisadores de dezenas de ins-

tuições de ensino superior, públicas e privadas, confessionais e comunitárias, em todas as regiões do Brasil. Esses pesquisadores estão reunidos em dez grupos de pesquisa vinculados à Rede, conforme levantamento realizado em reunião no 14º Encontro da SBPJor, realizado em Palhoça (SC) em novembro de 2016:

## QUADRO 1

Grupos de pesquisa vinculados à rede JorTec em maio de 2017

GP	IES	Líder(es) / Representante(s)
Ciberjornalismo	UFMS	Gérson Martins
Ciência, Informação e Tecnologia	UFPR	Rodrigo Botelho-Francisco
Hipermissão e Linguagem	UFSC	Raquel Ritter Longhi e Rita de Cássia Romeiro Paulino
Informação, conhecimento e tecnologia	UFSCar	Rodrigo Botelho-Francisco
Interfaces Sociais da Comunicação: Mídias e Educação, Políticas e Culturas	UFU	Adriana Cristina Omena dos Santos e Mirna Tonus
Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva	Unifap	Walter Lima Junior
Interações e tecnologias na Amazônia	UFPA	Elaide Martins
Laboratório de Estudos em Jornalismo	UFS	Josenildo Luiz Guerra e Carlos Franciscato
Jornalismo Digital	UFRGS	Marcelo Träsel e Luciana Mielniczuk
Novas práticas em Jornalismo	Umesp	Marli dos Santos

A vinculação institucional dos Grupos de Pesquisa credenciados junto a JorTec comprovam a sua capilaridade diante das diferentes realidades sociais, culturais e acadêmicas do Brasil, uma vez que sua presença cobre todas as regiões geográficas brasileiras.

## 2. Balanço geral da produção

Em torno de 30 pesquisadores, envolvendo oito grupos de pesquisa registrados no CNPq e seus núcleos de pesquisa derivados, que reúnem mais dezenas

de pesquisadores em nível de graduação e pós-graduação; instituições de ensino superior localizadas em todas as regiões do Brasil, públicas e privadas; dezenas de artigos publicados, apresentações de trabalho e mesas-redondas em congressos (QUADRO 2) e participação em eventos nacionais e internacionais.

Este é um breve levantamento do trabalho da Rede de Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) entre 2014 e 2016, desenvolvido no projeto “Produção colaborativa de pesquisa aplicada visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos nas convergentes plataformas comunicacionais”.

Tendo em vista atender a chamada universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), os pesquisadores da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) propuseram, em 2013, um projeto de pesquisa coletivo voltado para experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos nas convergentes plataformas comunicacionais. A ideia, fruto de uma reflexão acumulada no histórico da rede, pautou-se em estudos sobre objetos de pesquisa divididos em dois eixos principais:

- Softwares como interface de comunicação e sistemas inteligentes aplicados ao jornalismo.
- Hardwares e dispositivos – aplicabilidade, impacto e tendências dos meios.

A aprovação do projeto pelo CNPq, por sua vez, referendou a proposta da Rede num contexto de projetos que visam “contribuir significativamente para o desenvolvimento científico e tecnológico e inovação do País, em qualquer área do conhecimento”, objetivo expresso no edital da Chamada Universal MCTI/CNPq nº 14/2013. Com isso, inseriu-se no plano de Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ino-

vação (MCTI) para o período de 2012 a 2015, que tem nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) um dos programas prioritários envolvidos nas cadeias mais importantes para impulsionar a economia brasileira, dentre temas como fármacos e complexo industrial da saúde, petróleo e gás, complexo industrial da defesa, aeroespacial, e áreas relacionadas com a economia verde, como energia limpa e o desenvolvimento social e produtivo.

Alguns dos resultados desse projeto de pesquisa estão relatados no quarto livro editado pela JorTec (TRÄSEL; LONGHI; BOTELHO-FRANCISCO; LIMA JUNIOR, 2017), que reúne 15 pesquisadores de 13 instituições de diferentes regiões brasileiras. O título da obra, *Pensar em rede*, reflete os princípios de trabalho do grupo que o produziu: a pesquisa aplicada e a pesquisa experimental em Jornalismo e Tecnologias Digitais. Além de apresentar tecnologias desenvolvidas por participantes do projeto, como o Sistema de Apoio à Comunicação Integrada (SACI)<sup>1</sup> e o Registro Livre<sup>2</sup>, a obra propõe reflexões sobre produtos de pesquisa desenvolvidos por membros da rede ao longo de seus dez anos de existência, como o T-Autor<sup>3</sup>, dentre outros. Esses temas foram articulados, na publicação, a partir do ambiente criativo e aberto próprio das tecnologias digitais e sua existência na Internet. Pensar em Rede significa refletir sobre este tema, bem como trabalhar a partir dos princípios autônomos, compartilhados, participativos, descentralizados e dinâmicos da Rede.

A Rede JorTec já vinha trabalhando numa perspectiva de acompanhamento, análise e levantamento das principais tecnologias digitais presentes no “fazer jornalístico”. Resultado disto pode ser verificado em sua produção científica, que reuniu, ao longo de sete anos, 89 trabalhos apresentados em 16 mesas coordenadas junto às reuniões da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), três livros publicados (SCHWINGEL; ZANOTTI, 2010; SOSTER; LIMA JUNIOR, 2011; LONGHI; D’ANDREA, 2012), além de diversos artigos de seus colaboradores presentes em periódicos científicos. Dentre os temas e objetos de pesquisa que despontaram neste processo estão assuntos relacionados

---

1. Disponível em: <[www.saci-devel.ufscar.br](http://www.saci-devel.ufscar.br)>.

2. Disponível em: <[www.registrolivre.inf.br](http://www.registrolivre.inf.br)>.

3. Disponível em: <[www.labcomufma.com/tautor.htm](http://www.labcomufma.com/tautor.htm)>.

à TV Digital, Rádio Digital, Ciberjornalismo, Mobile, Websites, dentre outras tecnologias desenvolvidas em empresas e universidades brasileiras que possibilitam novas formas de narrativas jornalísticas e de aferir como são engendrados os níveis de participação dos interagentes na composição do conteúdo jornalístico.

## QUADRO 2

Mesas de comunicações coordenadas organizadas pela JorTec em encontros da SBPJor até 2016

Mesas	Encontro	Ano	IES	Cidade	UF
I	5° SBPJor	2007	UFS	Aracaju	SE
II	6° SBPJor	2008	Umesp	São Bernardo do Campo	SP
III e IV	7° SBPJor	2009	USP	São Paulo	SP
V	8° SBPJor	2010	UFMA	São Luís do Maranhão	MA
VI e VII	9° SBPJor	2011	UFRJ	Rio de Janeiro	RJ
VIII, IX e X	10° SBPJor	2012	PUC-PR	Curitiba	PR
XI e XII	11° SBPJor	2013	UnB	Brasília	DF
XIII e XIV	12° SBPJor	2014	Unisc	São Cruz do Sul	RS
XV e XVI	13° SBPJor	2015	UFMS	Campo Grande	MS
XVII	14° SBPJor	2016	Unisul	Palhoça	SC

O quadro 2 é representativo de como as mesas coordenadas se tornaram um *locus* de discussão e organização da rede de forma articulada com a sua memória e com sua perspectiva histórica do pensamento sobre a pesquisa aplicada. A manutenção da numeração continuada das mesmas ao longo dos anos sinaliza a construção do conhecimento sobre Jornalismo e Tecnologias Digitais ao longo da história da JorTec.

### 3. Caminhos futuros

A pesquisa e a produção científica da Rede JorTec são resultado da prospecção de interesses e do intercâmbio científico, algo que no Brasil é possível, em sua maior parte, por meio do fomento governamental, uma vez que a ciência brasileira ainda é dependente quase exclusivamente desse modelo de incentivo.

Portanto, ainda é preciso avançar num movimento de parceria entre outros setores e iniciativas públicas, bem como com os setores privados e não governamentais, para estabelecer um cenário ideal e sinérgico de pesquisa experimental e aplicada.

Entende-se que a pesquisa aplicada, inclusive, é um caminho de diálogo com os diversos setores produtivos e diferentes indústrias, uma vez que apresenta temas tangíveis e soluções de interesse também do setor privado. Em países como os Estados Unidos da América, por exemplo, a pesquisa no ambiente empresarial é algo comum, havendo financiamento e contratações de pesquisadores para inovação de produtos e processos.

Uma agenda em torno da pesquisa experimental e aplicada no jornalismo brasileiro, no entanto, é um tema sensível. Por um lado, o debate encontra barreiras na disposição de trabalho interdisciplinar entre áreas que costumeiramente não trabalham juntas. Prospectar interesse das Ciências da Computação para os problemas da prática jornalística é um desafio. Cientistas desta área comumente estão mais voltados para questões de sua própria área ou, então, da Saúde, onde visualizam, de forma mais fácil, as demandas por experimentações e aplicações. Por outro lado, discutir e propor soluções para o jornalismo no Brasil significa, também, buscar dialogar com atores sociais envolvidos numa dinâmica de concentração de poder em relação aos meios de comunicação muito particular. A agenda dos “donos da mídia” certamente está impregnada por ideologias dos grupos que os representam e que são incoerentes com a reflexão acadêmica e com uma proposta de democratização da comunicação capaz de ser estimulada pela atividade investigativa.

Nesse sentido, os movimentos de intercâmbio e debate são essenciais. Apesar do movimento da Rede estar também pautado nas redes digitais e em suas ferramentas (wikis, chats, fóruns, blogs etc), isto não significa que se possa prescindir das articulações presenciais, para as quais são fóruns por excelência os tradicionais eventos científicos, intercâmbios acadêmicos, bancas de defesas de trabalho, dentre outras iniciativas dependentes também de financiamento. Nos últimos anos, infelizmente, houve grandes abalos nas rubricas dos orçamentos dos governos destinadas a estas atividades. Alguns dos pesquisadores da Jor-

Tec vêm encontrando nas parcerias com a iniciativa privada uma solução para a escassez de verbas de fomento estatais. Embora este movimento seja ainda incipiente, se mostra um caminho viável, pois, por um lado, a pesquisa aplicada costuma interessar mais às empresas do que a pesquisa tradicional; por outro lado, as organizações com fins lucrativos se veem hoje instadas a oferecer contrapartidas à sociedade, sendo o apoio à pesquisa uma possibilidade nesse sentido.

Também tem sido próprio da sociedade contemporânea a discussão sobre *open science* (ciência aberta) e sobre a participação da população na condução da ciência, bem como a divulgação científica. No meio de críticas às visões sobre determinismo e neutralidade da ciência, faz-se necessário debater o financiamento da atividade científica, de forma a atender as demandas sociais e contribuir para democratização da comunicação e do conhecimento.

Por outro lado, a política governamental contemporânea para a Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) contempla, principalmente, a formação de redes de pesquisa reunindo pesquisadores de diversas regiões do Brasil e, em especial, aquelas redes que contam com integrantes de outros países. Além disso, a inovação e desenvolvimento de tecnologia passível de registro e patenteamento são outros dois focos da política de fomento à pesquisa. Assim, embora o cenário para a pesquisa e desenvolvimento de tecnologia e inovação no país seja, no momento, desestimulante, a rede JorTec se encontra numa posição avançada – na área da comunicação, pelo menos – para pleitear verbas de fomento, pois já reúne membros de todas as regiões e desenvolve produtos inovadores de tecnologia. A configuração da rede também amplia as possibilidades de participação em editais regionais, sejam de fomento à pesquisa, sejam voltados à indústria criativa ou softwares sociais, por exemplo. A pesquisa aplicada também se presta à participação em editais internacionais para desenvolvimento de aplicativos voltados ao governo eletrônico, educação, entre outros setores frequentemente beneficiados com verbas de entidades como a Unesco ou Fundação Ford.

Durante a reunião da Rede JorTec em Palhoça (SC), durante o 14º Encontro da SBPJor, ocasião em que a JorTec costuma realizar sua reunião anual, foram definidas duas prioridades para o próximo quadriênio:

- **Internacionalização:** A Rede pretende fazer prospecção de grupos e pesquisadores internacionais com os quais possa se aproximar a partir de eventos, convites e outras formas de interação acadêmica. Ocorrerá, também, a mediação, pela coordenação da JorTec, para participação dos membros da Rede em eventos internacionais, além da submissão de artigos a periódicos em línguas estrangeiras de referência no âmbito de pesquisa do grupo, buscando sempre que possível a coautoria.
- **Definição de novo projeto de pesquisa conjunto:** A JorTec irá propor um novo projeto de pesquisa coletivo, para o período de dois ou três anos, sobre “Pesquisa aplicada em jornalismo digital (questões teóricas, modelos e metodologias, experiências, desafios e tendências)”. A proposta será submetida a editais da Capes e CNPq, bem como editais de instituições internacionais e organizações não necessariamente ligadas à pesquisa, como a Unesco e o Ministério da Cultura.

A partir dessas ações, a Rede JorTec espera encontrar caminhos para seguir produzindo pesquisa aplicada, bem como a reflexão sobre ela, com o objetivo de longo prazo de produzir tecnologia capaz de resolver problemas importantes do cotidiano profissional e contribuir para o desenvolvimento não apenas da ciência nacional, mas também do jornalismo de qualidade.

## Referências

- LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Projeto Rede JorTec: produção colaborativa de pesquisa visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais. *C&S* – São Bernardo do Campo, v. 37, n. 1, pp. 47-68, jan./abr. 2015.
- TRÄSEL, Marcelo; LONGHI, Raquel Ritter; BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo Eduardo; LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. *Pensar em rede: pesquisa aplicada em jornalismo e tecnologias digitais*. Macapá: Unifap, 2017.
- LONGHI, Raquel; D’ANDREA, Carlos (orgs.). *Jornalismo convergente: reflexões*,

*apropriações, experiências.* Florianópolis: Insular, 2012.

SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos (orgs.). *Produção e colaboração no jornalismo digital.* Florianópolis: Insular, 2010.

SOSTER, Demétrio; LIMA JR., Walter (orgs.). *Jornalismo digital: audiovisual, convergência e colaboração.* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2011.

# RENAMI, UMA NARRATIVA QUE NASCEU, CRESCER E SE FEZ REDE

---

**Demétrio de Azeredo Soster (Unisc)<sup>4</sup>**

**Fabiana Piccinin (Unisc)<sup>5</sup>**

**Marta Maia (Ufop)<sup>6</sup>**

**Monica Martinez (Uniso)<sup>7</sup>**

## 1. Um percurso de pesquisa

A concepção e gestação da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) podem ser comparadas a um longo e persistente parto. Se o nascimento propriamente dito se deu em 2015, com a formalização da rede junto à diretoria da SBPJor e a posterior realização de duas mesas coordenadas no 13º encontro da SBPJor, em Mato Grosso do Sul, sua concepção remonta a pelo menos 2008, quando dos primeiros esforços de sistematizar a reflexão sobre a temática narrativas no âmbito da SBPJor tiveram lugar. Somadas às reflexões que vinham sendo realizadas nesse sentido em outras instâncias de pesquisa, os movimentos foram o embrião da Renami tal como a conhecemos hoje.

Este capítulo é tecido a oito mãos, como convém a uma coordenação colegiada, e pensado como uma narrativa nos moldes de Motta (2013). Ou seja, que nos permite, ao estruturarmos e darmos sentido aos acontecimentos, emprestando-os uma integridade mais larga, propomo-nos a narrar como tudo isso se deu; como a vontade nasceu, cresceu e se fez rede.

---

4. Pós-doutor pela Unisinos; professor-pesquisador do PPG Letras – Mestrado e Doutorado e Departamento de Comunicação Social da Unisc (RS).

5. Professor-pesquisadora do PPG Letras – Mestrado e Doutorado e Departamento de Comunicação Social da Unisc (RS).

6. Doutora em Comunicação pela ECA-USP, com pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Ufop e do curso de Jornalismo da mesma Instituição. Líder do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais” (JorNal/Ufop).

7. Doutora pela ECA-USP, com pós-doutorado pela Umesp e estágio pós-doutoral pela Universidade do Texas em Austin. É docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Uniso (SP).

Iniciaremos, do ponto de vista metodológico, dos tempos mais recentes, ou seja, da constituição formal da rede, e seguiremos até onde a vista puder alcançar. Ao tomarmos emprestadas as roupas de Benjamin Button<sup>1</sup>, queremos mais do que contar uma história de trás para a frente; buscar, no diálogo com Marre (1991), uma metodologia reversa, tendo como horizonte de análise uma rede que, desde seus primeiros dias, está demonstrando um vigor digno de nota.

## 2. A hora é agora

Datas oficiais, sabemos, são imprecisas por natureza, haja vista que buscam reduzir a um momento o que não pode ser compreendido – não informam o contexto e a história do que está ocorrendo e, salvo por adivinhação, não nos falam sobre o que acontece depois desse marco. É como, no diálogo com Bergson (2005), tentar explicar o tempo por um momento: ao fazê-lo, dizemos antes do momento que do tempo, haja vista que este, claro, está em movimento e que a única forma que temos de compreendê-lo é por meio de sua condição “em constante transformação”. A saída, neste caso, é pensá-las, as datas, como indicativos de camadas mais profundas de significação.

Nesse sentido, o “ano-símbolo” de nascimento da Renami é 2015, decorrência de uma conjunção favorável à criação de uma rede com foco em narrativas dentro e fora da SBPJor: de um lado, os movimentos que vinham se realizando desde 2008, por meio dos esforços de associados, como Marta Maia e Monica Martinez. De outro, ações focadas nas narrativas midiáticas – organização de livros, artigos, eventos etc. – realizadas por pesquisadores igualmente associados à SBPJor, mas no âmbito da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), caso de Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin.

Por iniciativa de Demétrio de Azeredo Soster, que, à época, dividia as funções de pesquisador com as de diretor administrativo da SBPJor, as vontades se uniram e passaram a dialogar mais estreitamente de tal forma que teve início, formalmente, decorrência dos elementos citados no parágrafo anterior, a constituição

---

1. Personagem do filme de David Fincher (2008). Ambientado em uma Nova Orleans de 1918, mostra Button, interpretado por Brad Pitt, que nasce velho e vai se tornando, ao longo da narrativa, jovem.

da Renami. O principal argumento para a criação da rede era o mapeamento do estado da arte da pesquisa em narrativas dentro e fora dos limites de SBPJor e os livros, artigos e congressos que vinham se derivando deles. Elaborou-se, então, coletivamente, uma relação de quatro passos a serem realizados nesse sentido, a saber:

### 1º passo

Lançamento, junto aos pares, da proposta de criação de uma rede de pesquisas com foco em narrativas para que a viabilidade da mesma fosse discutida conjuntamente.

### 2º passo

Elaboração e discussão de ementa, para posterior encaminhamento à diretora científica, conforme determina o cap. 2º, em seu artigo 4º, do regulamento da SBPJor para a formação de redes:

*ART. 4º – As Redes de Pesquisa que cumprirem o disposto neste regulamento devem encaminhar a proposta formal ao Diretor Científico da SBPJor, que elaborará um informe para ser apresentado à Diretoria da Associação, a quem cabe a aprovação definitiva das propostas.*

### 3º passo

Em sendo aprovada, marcar reunião de fundação na SBPJor no encontro de Mato Grosso do Sul (13º SBPJor), em novembro.

### 4º passo

Formatação coletiva da pauta com vistas ao primeiro encontro.

Transcorrido o percurso, foi encaminhado à diretora científica da SBPJor à época, Luciana Mielniczuk, o ofício solicitando, em nome da coordenação executiva, um pedido de aprovação para criação de uma rede de pesquisa tendo por base a ementa abaixo transcrita e da descrição das atividades a serem desenvolvidas nos próximos dois anos subsequentes. Assim, a Renami nasceu com quatro premissas básicas, a saber:

a) Agregar os pesquisadores ligados à SBPJor que dialogam com o tema “narrativas”.

b) Gerar conhecimento por meio da realização e divulgação de pesquisas coletivas e da reflexão sobre os aportes teóricos, metodológicos, técnicos e históricos dos estudos da narrativa em relação com o jornalismo e a mídia.

c) Privilegiar as interfaces das narrativas textuais e audiovisuais com a literatura, a história, a arte e demais campos do conhecimento, em suportes impressos, eletrônicos e digitais, compreendidos como formas de ver, ouvir, dizer e silenciar.

d) Contemplar, igualmente, as narrativas transmidiáticas, os processos de midiaticização, reconfiguração e inovação das práticas jornalísticas.

Finalmente, a imbricação se estabelece a partir de perspectivas, cenários e intersecções por meio de uma visada plural e compreensiva da realidade, conforme pode ser conferido na ementa de criação abaixo:

*A Rede de Pesquisas “Narrativas Midiáticas Contemporâneas” se propõe, de um lado, a aglutinar os pesquisadores ligados à SBPJor que dialogam com o tema “narrativas”, enquanto que, de outro, a gerar conhecimento por meio da realização de pesquisas coletivas. Pensar as teorias da narrativa como objeto de pesquisa em sua relação com o jornalismo, e a relevância de esta intencionalidade estar materializada na forma de rede, implica não apenas considerar o estado da arte da pesquisa como a própria trajetória desta no âmbito da SBPJor, por exemplo. Em, 2014, a título de ilustração, a pesquisadora Monica Martinez apresentou um paper no 12º encontro anual da SBPJor, em Santa Cruz do Sul, RS, onde realizou um balanço das mesas coordenadas com foco em narrativas realizadas ao longo dos últimos dez anos na referida associação. O texto, disponível nos anais do 12º SBPJor, mesmo restrito ao âmbito da associação, permite que se observe não apenas a relevância de se formar uma rede em torno do tema como, também, a imperiosidade desta, haja vista a necessidade de se aglutinar a pesquisa, considerando que a rede será formada por um conjunto de pesquisadores que farão projetos coletivos e que dialogam, como dito, desde há muito em torno deste tema no âmbito das coordenadas. Ainda refletindo sobre a relação das narrativas como objeto com as pesquisas em jornalismo, objetivo da SBPJor e dos que com ela comungam, há de se salientar que, no ponto de vista temático, esta imbricação se estabelece, por exemplo, pela compreensão do jornalismo e das narrativas midiáticas contemporâneas a partir de perspectivas, cenários e intersecções por*

meio de uma visada plural e compreensiva da realidade. Considere-se, ainda, que a mídia é uma das principais, senão a principal, narradora contemporânea, o que não apenas justifica a emergência de pesquisas sobre a temática bem como sua importância no caminho aqui proposto. Estamos falando de diálogos entre as teorias das narrativas, da mídia e do jornalismo; interfaces entre jornalismo, literatura, história, arte e demais campos do conhecimento, bem como das narrativas, textuais e audiovisuais, em mídias impressas, eletrônicas e digitais compreendidas como formas de ver, ouvir, dizer e silenciar. Também de narrativas transmidiáticas, da midiaticização, da reconfiguração e da inovação das práticas jornalísticas. No que tange ao modelo de pesquisa adotado, a rede de pesquisas “Narrativas Midiáticas Contemporâneas”, uma vez constituída, realizará, de um lado, pesquisas aplicadas, enquanto que, de outro, visadas de caráter reflexivo. Com isso, pretende-se não apenas a identificação de fenômenos de natureza narrativo-jornalística, como, também, a necessária reflexão a respeito dos significados dos mesmos no contexto das pesquisas em andamento.

### 3. Atividades realizadas em 2015

Das atividades propostas e, mais tarde, realizadas em seu primeiro ano de vida, a título de planejamento estratégico, além da formalização junto à diretoria executiva da SBPJor, destacamos cinco movimentos pontuais: 1) primeira pesquisa aplicada, 2) primeira reunião presencial dos membros da Renami, 3) criação de interfaces digitais, 4) elaboração de identidade visual, e 5) realização de mesas coordenadas no congresso do Mato Grosso do Sul.

Vejamos cada um deles isoladamente, ainda que de forma breve:

**3.1 Realização da primeira pesquisa**, visando à identificação do estado da arte da pesquisa em narrativas tanto no âmbito da SBPJor como junto aos grupos de pesquisa que dialogam com este propósito ao longo do país. A pesquisa, idealizada pela coordenação colegiada, foi realizada pela professora doutora Monica Martinez (Uniso), que apresentou os resultados da mesma em artigo assinado conjuntamente com Tadeu Rodrigues Iuama, intitulado *Primeiras reflexões sobre a pesquisa em narrativas midiáticas no Brasil*<sup>2</sup>, no 14º SBPJor, em novembro de 2016, em Palhoça, SC.

---

2. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/44/50>>. Acesso em: 7 maio 2017.

**3.2 Reunião presencial** com todos os membros presentes da rede no 13º SBPJor, em Mato Grosso do Sul (Foto 1). Nesse encontro, realizado após as duas mesas coordenadas sobre narrativas apresentadas durante o evento, discutiram-se tantos os passos propostos quando da criação na Renami como as formas de viabilização dos mesmos.

**Foto 1** – Primeiro encontro da Renami



**Fonte:** acervo Renami

**3.3 Criação de interfaces digitais e identidade visual** para os diálogos internos e públicos dos membros da Rede: a interface digital escolhida para representar a Renami junto ao público externo foi a rede social Facebook<sup>3</sup>, por sua versatilidade e abrangência junto aos associados da SBPJor. A página foi criada

---

3. Disponível em: <[www.facebook.com/narrativasmidiaticascontemporaneas/?fref=ts](http://www.facebook.com/narrativasmidiaticascontemporaneas/?fref=ts)>. Acesso em: 8 maio 2017.

em maio de 2016, conforme demonstra a ilustração 1. Elaborou-se, igualmente, com o objetivo de agilizar o diálogo entre os representantes da rede e deixar registrada a correspondência interna dos componentes da Renami, uma página no Google Groups com o endereço [renami@googlegroups.com](mailto:renami@googlegroups.com) (ilustração 2).

## Ilustração 1 – Página no Facebook



Fonte: Facebook

## Ilustração 2 – Grupo de discussão



Fonte: Google

**3.4 A criação da identidade visual** ficou ao cargo do jornalista e agora mestre pelo PPG Letras da Unisc, José Arlei Cardoso (Unisc).

**Ilustração 3** – Identidade visual da Renami



**Fonte:** arquivo Renami

**3.5 Mesas Coordenadas.** Ao final de 2015, por fim, a Renami, já em seus primeiros momentos, esteve representada no 13º SBPJor por meio da realização de duas mesas coordenadas, propostas por Monica Martinez e Marta Maia, e assim constituídas:

**Mesa I – Coordenada de Narrativas – Convergências, inovações e tensões na contemporaneidade, sob coordenação de Monica Martinez (Uniso)**  
“Entre fato e ficção: Old Mr. Flood de Joseph Mitchell, personagens compostos e jornalismo”, de Monica Martinez (Uniso), Eduardo Luiz Correia (USCS/Fiam Faam) e Mateus Yuri Passos (Unicamp);

“A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo”, de Alciane Baccin (UFRGS);

“‘Parto dos anjos’: narrativa e transformações na produção do jornalismo impresso”, de Edgard Patrício (UFC);

“Blindagem Midiática: o questionamento comunicacional da mediação jornalística”, de Ada Cristina Machado da Silveira (UFSM).

**Mesa II – Reconfigurações, alteridade e diálogos na contemporaneidade, sob coordenação de Marta Maia (Ufop)**

“Narrativas dramáticas: a cobertura política em revista”, de Hila Rodrigues

e Marta R. Maia (Ufop);

“Narrativas Fotojornalísticas: estudo comparativo do mapeamento dos artigos científicos apresentados nos congressos nacionais da Intercom (2010-2014) e SBPJor (2003-2014), de Diogo Azoubel (Uniso);

“Diante do olhar dos outros: aspectos sensíveis de uma política das narrativas midiáticas”, de Thales Vilela Lelo (Unicamp);

“O quarto narrador, a morte da editora e midiatização das narrativas”, de Demétrio de Azeredo Soster (Unisc);

“‘Tradução’ versus ‘Transcrição’ – A narrativa jornalística e a (trans)codificação do(s) discurso(s) da ciência”, de Maurício Guilherme Silva Jr. (UFMG).

#### 4. Atividades realizadas em 2016

Dos eventos a que nos propomos organizar no ano passado: 1) evento nacional focado em narrativas, 2) organização de livro com textos dos membros da rede, para veiculação em 2017, 3) realização de mesas coordenadas no 14º SBPJor, em Palhoça (SC), 4) realização de nova pesquisa e, finalmente, 5) reunião geral da rede para avaliação dos trabalhos realizados até então –, apenas não foi possível realizar o primeiro. Quanto aos motivos, fundamentalmente a crise que se abateu sobre o país e a decorrente redução nos fomentos, o que nos obrigou a transferir nossos planos.

Vejamos cada um dos itens realizados individualmente:

**4.1 Organização de livro.** Em fase de elaboração no momento da redação deste artigo, será composto de 19 capítulos e se pretende, para além do marco inaugural que representa, registrar o estado da arte da pesquisa em narrativas em seu aspecto epistemológico. Está sendo organizado por Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin.

**4.2 Realização de pesquisa mais abrangente.** Na primeira etapa, a pesquisa foi realizada junto aos associados da SBPJor. Os resultados sugeriram alguns pontos a serem adensados. Após a inclusão dos mesmos, a *survey* foi encaminhada, em maio de 2016, para um público nacional mais amplo, envolvendo agora os pesquisadores de narrativas além da comunidade SBPJor, como Intercom e Compós. O objetivo é o de comparar os resultados da primeira pesquisa, limita-

da ao público interno da associação, com os de uma audiência mais ampla que também trata do tema. Os resultados preliminares estão previstos para serem apresentados no encontro de 2017.

**4.3 Reunião geral.** Realizada durante o evento de Palhoça, teve por objetivo reunir todos os pesquisadores em narrativa midiáticas presentes no 14º SBPJor e realizar um balanço geral do primeiro ano de atividades da Renami.

**Foto 2** – Reunião geral



**Fonte:** acervo Renami

**4.4 Mesas coordenadas.** A Renami apresentou no 14º SBPJor quatro sessões de comunicações coordenadas, com um total de 20 trabalhos. As sessões foram Narrativas Tecnológicas, Narrativas Imagéticas, Crítica das narrativas Midiáticas e Narrativas em Jornalismo Literário.

As mesas foram assim constituídas:

**I Mesa Coordenada Renami: Narrativas Imagéticas, coordenada por Alice Baroni (The University of Queensland, Australia).**

“Espaços de (in)visibilidade na produção de narrativas visuais: Fotojornalistas e fotógrafos populares nas favelas cariocas”, de Alice Baroni (PUC/RJ);

“O que contam as imagens do trauma? O fotojornalismo no rompimento da Barragem de Fundão”, de André Luís Carvalho (Ufop/IES) e Karina Gomes Barbosa (Ufop/IES);

“A narrativa semiótica de Dilma: Uma presidente entre fotografias e manchetes”, de Leylianne Alves Vieira (UFMG/IES);

“A reafirmação do eternamente desconhecido nas narrativas jornalísticas sobre a Amazônia Coordenação”, de Vânia Torres Costa (Unama/IES).

## **II Mesa Coordenada Renami: Narrativas Tecnológicas, sob coordenação de Demétrio de Azeredo Soster (Unisc):**

“Hemingway não tuitava nem gugava: A história da obra jornalística do Papa da reportagem”, de Ana Beatriz Magno (UnB/IES);

“O quarto narrador, um golfinho morto na praia e a circulação midiática”, de Demétrio de Azeredo Soster (Unisc);

“Novos modos de dizer o mundo: narrativas jornalísticas multimodais”, de Maurício Guilherme Silva Jr. (UFMG); Lorena Tárzia (UNI-BHIES);

“Participação da audiência em narrativas jornalísticas audiovisuais ao vivo nas redes sociais”, de Paulo Eduardo Lins Cajazeira (UFCA/IES); Cícero Ferreira de Sousa Júnior (UFCA/IES);

“Narrativas imersivas no webjornalismo. Entre interfaces e realidade virtual”, de Raquel Longhi (UFSC).

## **III Mesa Coordenada Renami: Crítica de narrativas jornalísticas, sob coordenação de Marta Maia:**

“A subjetividade nas narrativas jornalísticas e suas implicações em O nascimento de Joicy”, de Dayane Barretos (Ufop);

“Narrativas-discurso e discursos-narrativa – Teoria e prática para uma categorização dos deslizes éticos por jornalistas cearenses”, de Edgard Patrício (UFC);

“A narrativa instável no jornalismo sobre investigações”, de Eduardo Luiz Correia (USCS/Fiam/Faam);

“Apuração *in loco*: o impacto do trabalho de campo nas narrativas jornalísticas

contemporâneas”, de Mara Rovida (USP);

“Crítica midiática e fazer jornalístico: novas narrativas e percepções”, de Marta Regina Maia (Ufop); Rafael Drumond (Ufop); Caio Aniceto (Ufop).

#### **IV Mesa Coordenada Renami: Narrativas em Jornalismo Literário, sob coordenação de Monica Martinez.**

“Escuta, testemunho e memória na narrativa de Svetlana Aleksievitch”, de Trabalhos Jaqueline Lemos (USP);

“O jornalismo literário e a dor na terra esquecida”, de Juan Domingues (PUC-RS);

“Parcialidade assumida na narrativa jornalística: análise das reportagens de Antônio Callado sobre a Guerra do Vietnã”, de Lilian Martins (IES);

“Primeiras reflexões sobre a pesquisa em narrativas midiáticas no Brasil”, de Monica Martinez (Uniso); Tadeu Rodrigues Iuama (Uniso);

“Perspectivas acerca da biografia jornalística”, de Rodrigo Bartz (Unisc);

“Uma leitura ontológica dos diários pessoais”, de Victor Cruzeiro (UnB).

### **5. Como tudo se iniciou**

Em consonância com nosso propósito inicial, ou seja, narrar, em uma perspectiva reversa, a trajetória da Renami desde os dias atuais até seu nascimento é preciso dizer, ainda, que o início de nossa Rede tem seu embrião, como dito, lá em 2008. A gestão da SBPJor era encabeçada por Carlos Eduardo Franciscato, tendo Marcia Benetti como diretora científica. Benetti foi a responsável pela articulação de uma seção do Encontro com a presença de pesquisadores voltados para temas em comum. A professora Marta Maia foi a responsável pela coordenação desse encontro. Sob pena de travar um pouco a narrativa, mas com o compromisso histórico de passar a informação correta, é preciso listar então os autores e seus respectivos trabalhos apresentados na sessão individual 21, ocorrida em São Bernardo do Campo, SP:

1) “Jornalismo e literatura em corpo a corpo: fato, ficção e romance-reportagem na escrita de João Antônio”, de Cláudio Rodrigues Coração (Unesp);

2) “Érico Veríssimo e jornalismo: a hipótese da Espiral do Silêncio em Incidente

em Antares”, de Eduardo Ritter (Jornal das Missões/RS);

- 3) “A construção dos efeitos de verdade: um estudo de caso sobre *Os sertões e Abusado*”, de Maria Alice Lima Baroni (PUC/RJ);
- 4) “Narrativa onisciente no jornalismo: possibilidade de ampliação da captação”, de Marta Regina Maia (Metrocamp) e Felipe Rodrigues (Unicamp);
- 5) “Jornalismo literário e ciência: uma análise quantitativa de reportagens da revista *Piauí*”, de Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos (Unesp);
- 6) “O bom ouvinte: José Hamilton Ribeiro na perspectiva do jornalismo literário e da cultura do ouvir”, de Monica Martinez (Fiam/Faam).

As discussões dessa sessão aconteceram de maneira tão prazerosa que o grupo, na oportunidade, avaliou a possibilidade de apresentar uma coordenada sobre narrativas já para o ano seguinte. E foi o que aconteceu. Várias mensagens foram trocadas e, o mais importante, o método de trabalho delineado naquele ano permaneceria por toda a década. Ou seja, a proposta de leitura coletiva dos trabalhos, com consequentes críticas e sugestões de alterações representa um norte para esses colegas que partilham o desejo pela pesquisa, estudos e reflexões sobre as narrativas contemporâneas.

A história segue de maneira fértil. A aprovação, em 2009, de uma Coordenada acrescenta mais um capítulo à trajetória da Renami. Com o abrangente título “Narradores e narrativas: jornalismo na contemporaneidade”, contou com a coordenação de Marta Maia e teve como objetivo fomentar estudos e reflexões sobre a construção de narrativas a partir de uma perspectiva plural e compreensiva da realidade.

Tendo ainda como *leitmotiv* uma base transdisciplinar, que tenta percorrer caminhos adjacentes ao universo do jornalismo, é claro, mas também busca dialogar com outras áreas do conhecimento, ao reconhecer que outra ordem de apropriações e cisões toma lugar no paradigma narrativo da contemporaneidade. Faz-se necessário, novamente, relacionar os trabalhos apresentados nessa coordenada – de fato, o primeiro movimento objetivo em torno de nossa futura, na época, e presente, em 2017, Rede de narrativas.

- 1) “Os diversos ‘Brasileiros’ em revista”, de Marta Regina Maia (Ufop);
- 2) “Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço”,

de Monica Martinez (Fiam/Faam);

- 3) “Jornalismo (não) retórico? Um estudo de caso sobre o *Abusado*”, de Alice Baroni (PUC/RJ);
- 4) “Jornalismo e literatura: a comunicação como cimento social nas crônicas de David Coimbra”, de Eduardo Ritter (PUC/RS).

O interessante é que revezes – e por mais duros que sejam –, às vezes servem para fortalecer e fazer frutificar as ideias nas quais as pessoas realmente acreditam. Em 2012, como uma tentativa de prevenir o problema do excesso de integrantes, foram propostas duas coordenadas de narrativas. Ambas não foram aprovadas na íntegra e alguns dos trabalhos aprovados foram apresentados como comunicações individuais. Como resultado, em 2013 houve uma espécie de ano sabático. Apenas em 2014 o movimento foi retomado, agora com coordenação de Monica Martinez (Uniso). Um dos artigos, aliás, versava justamente sobre a reflexão do histórico da iniciativa dos estudos de narrativas na SBPJor, que remontam à 2004:

- 1) “O potencial crítico das narrativas jornalísticas sobre o período ditatorial”, de Marta Regina Maia (Ufop) e Thales Vilela Lelo (UFMG);
- 2) “Dez anos de Coordenadas de Narrativas SBPJor (2004-2014)”, de Monica Martinez;
- 3) “Perfil e contraperfil: os três Joe Goulds de Joseph Mitchell”, de Mateus Yuri Passos (Unicamp);
- 4) “Novos jornalistas literários: métodos, técnicas e experimentações”, de Eduardo Ritter (IES);
- 5) “Narrativas da política e da economia na *Revista Bundas*: a revanche pela linguagem”, de Hila Rodrigues (Ufop) e Bruna Lapa (Ufop);
- 6) “(Trans)criações jornalísticas na revista *Minas faz Ciência*”, de Maurício Guilherme Silva Jr. (UniBH).

O fato é que, quando as narrativas têm um propósito, como é o caso desse texto, parece que as palavras deslizam de maneira menos fluente. Entretanto, elas precisam aparecer, já que, como nos ensina Paul Ricoeur (2010), “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (p. 129). Essa é nossa narrativa, portanto, e ela não para por aqui: para este 2017, há

três ações em andamento.

A mais concreta, até o presente momento, é o lançamento do primeiro livro da rede, sobre o qual nos referimos anteriormente. A segunda é a primeira tentativa de alinhamento da rede com estudiosos internacionais do campo, por meio da realização de uma primeira mesa conjunta entre a SBPJor e a IALJS, a *International Association for Literary Journalism Studies*, que está sendo gestada por Juan Domingues, presidente do Comitê Latinoamericano da IALJS. Finalmente, como comunicação é vital numa rede, estuda-se para 2017 a implantação e manutenção de novos canais, por meio da ampliação, e qualificação, do uso de redes sociais pela Renami.

## Referências

- BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MAIA, Marta R.; LELO, Thales V. O potencial crítico das narrativas jornalísticas sobre o período ditatorial. *Brazilian Journalism Research*, (online), v. 11, pp. 122-139, 2015.
- MARRE, Jacques. *A construção do objeto científico na investigação empírica*. Cascavel: Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná, 1991.
- MARTINEZ, Monica; IUAMA, Tadeu Rodrigues. *Primeiras reflexões sobre a pesquisa em narrativas midiáticas no Brasil*. In: Congresso da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor. 14. 2016. Palhoça, SC, *Anais...* Palhoça: SBPJor, 2014.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: UnB, 2013.
- PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (orgs.). *Narrativas comunicacionais complexificadas: a forma*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: A intriga e a narrativa histórica*. v. 1, 2 e 3. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

# A REDE NACIONAL DE OBSERVATÓRIOS DE IMPRENSA (RenoI) E SUA CONTRIBUIÇÃO À BUSCA POR QUALIDADE NO JORNALISMO

---

**Josenildo Guerra (UFS)**<sup>4</sup>

**Danilo Rothberg (Unesp)**<sup>5</sup>

**Luiz Egypto (UFJF)**<sup>6</sup>

## 1. Introdução

Exercido com rigor e sistematização, o monitoramento da qualidade das mídias jornalísticas pelo público nas democracias contemporâneas tem sido praticado em cada vez mais numerosas iniciativas. Respaldados por diferentes saberes, que vão da experiência profissional ao conhecimento científico – incluindo substratos legais e evidências empíricas –, os observatórios de mídia se configuram como um dos alicerces da pesquisa acadêmica mais promissoras da contemporaneidade.

Diante deste contexto, a criação no Brasil da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RenoI), em 2005, foi um passo vital para aglutinar investigações de campo, estudos teóricos e práticas de monitoramento então em andamento. Proposta nos moldes de outras redes já existentes, a RenoI desde seu início se desenhava como articulação singular entre polos independentes, apostando no ativo intercâmbio entre realizações distintas, até aquele momento desconectadas, a fim de atingir um estágio mais complexo de produção de conhecimento.

---

4. Josenildo Luiz Guerra, coordenador da RenoI, possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994), mestrado (1998) e doutorado (2003) em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. É Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe e coordenador do Qualijor (Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicada ao Jornalismo).

5. Danilo Rothberg é bacharel em Comunicação, mestre em Comunicação, doutor em Sociologia e livre-docente em Sociologia da Comunicação pela Unesp (Universidade Estadual Paulista). Docente do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Unesp e coordenador do Plural: Observatório de Comunicação e Cidadania da Unesp.

6. Luiz Egypto é jornalista (UFJF), mestre em História (PUC-SP) e pós-graduado em Direção Editorial (ESPM-SP). Foi professor do Curso de Jornalismo da PUC-SP (1979-2006), redator-chefe do *Observatório da Imprensa* online (1999-2015). Trabalhou nos jornais *Versus*, *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, e na revista *Imprensa*.

Este texto recupera momentos cruciais da trajetória da Renoi a fim de oferecer um registro histórico e uma visão de conjunto de sua contribuição à pesquisa em jornalismo. Em primeiro lugar, são apresentadas uma breve história do surgimento da rede e a caracterização de seu estado após 12 anos de fundação. Em segundo lugar, realizações marcantes são enumeradas e comentadas. Considerações finais propõem um olhar para o futuro da rede.

## 2. Renoi: origens e quadro atual

O *Observatório da Imprensa* (<http://observatoriodaimprensa.com.br>), desde seu surgimento em abril de 1996, adotou a dupla configuração de veículo jornalístico cuja pauta primordial é a crítica de mídia e, em concomitância, de fórum de discussões sobre a mídia aberto à participação da cidadania (DINES, 2006). Foi a partir do *Observatório* que nasceram a Renoi e uma série de instâncias de observação da mídia, regulares ou sazonais, inspiradas no seu exemplo.

Será impossível tratar da crítica de mídia no Brasil sem mencionar o trabalho do jornalista Alberto Dines, mentor e fundador do *Observatório da Imprensa*. No *Jornal do Brasil*, criou ali os *Cadernos de Jornalismo* – mais adiante rebatizados de *Cadernos de Jornalismo e Comunicação* –, cujo primeiro número saiu em 1965. Sua proposta editorial contemplava tanto questões técnicas do ofício como exercícios teóricos e reflexões sobre a profissão, a mídia e a comunicação em geral.

A coluna *Jornal dos Jornais*, assinada por ele e publicada na *Folha de S. Paulo*, entre julho de 1975 e setembro de 1977, converteu-se no marco fundador da crítica de mídia no Brasil (EGYPTO, 2017).

Por iniciativa de Dines, foi criado em 1994 o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), como um “centro de pesquisa e acompanhamento crítico da mídia”<sup>1</sup>, vinculado ao Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (Nudecri), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além de Dines, Carlos Vogt, então reitor da Unicamp, e o professor José Marques de Melo também participaram do grupo fundador.

---

1. Conferir: <[www.labjor.unicamp.br/historico.htm](http://www.labjor.unicamp.br/historico.htm)>.

No Labjor foi gestado o *Observatório da Imprensa*, cuja primeira edição foi para a *web* em 1º de abril de 1996. Em 5 de julho de 1998 apareceu em suas páginas, sob a assinatura do professor Victor Gentilli, a primeira chamada à criação de uma Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (GENTILLI, 1998), finalmente constituída em 2005.

A experiência dos *media watchers* demonstra que, ao se sentirem observados, os veículos jornalísticos tendem a aprimorar seus controles de qualidade e a melhorar o produto que entregam ao público. E a universidade contribui neste contexto com a produção de saberes para fundamentar os procedimentos de observação, desempenhando um papel importante no monitoramento de produtos e processos (SILVA; PAULINO, 2005).

A partir da sua fundação, em 2005, os grupos integrantes da Renoi se dedicaram a dois movimentos simultâneos: cuidar da estruturação e organização da rede; e começar a gerar resultados decorrentes do esforço de articulação empreendido. Estruturar e organizar a Renoi exigiu uma reflexão sobre sua natureza, sua diversidade e os caminhos possíveis de serem explorados a partir daí. Implementar ações em conjunto e gerar resultados exigia superar as distâncias de grupos situados em Estados distintos de um país continental, com diferentes práticas, graus de maturidade e perspectivas de crítica de mídia.

Nesse percurso, a crítica de mídia foi definida como ação voltada para avaliar conteúdos, processos e condutas dos meios de comunicação e seus profissionais. Monitoramento foi entendido como pesquisa voltada para avaliar conteúdos, processos e condutas dos produtos jornalísticos veiculados por meios de comunicação e seus profissionais, a fim de produzir diagnósticos sobre a natureza e a qualidade deste trabalho.

A Renoi é essencialmente uma rede acadêmica. No entanto, sua origem, vinculada ao histórico de experiências que resultaram na criação do *Observatório da Imprensa*, foi decisiva para reconhecer o mérito de iniciativas levadas a cabo por organizações não acadêmicas, a fim de constar em seu regimento a abertura para organizações com esse tipo de perfil. A *Agência de Notícias dos Direitos da Infância* (Andi), hoje *Andi Comunicação e Direitos*, por exemplo, esteve entre os grupos associados à rede.

A atividade de crítica de mídia no âmbito da Renoi prevê ações nos três eixos que estruturam o campo acadêmico: ensino, pesquisa e extensão. Assim, no processo de incorporação de grupos à rede ao longo desses anos, houve e há uma diversidade de experiências, algumas focadas mais em práticas de ensino, outras de extensão ou pesquisa, e algumas que conseguem transitar entre essas três dimensões.

No mais recente censo da rede, realizado em 2015, 17 grupos ratificaram seu interesse de permanecer vinculados:

1. Agência Unama, Universidade da Amazônia (Unama), Belém, Pará, <https://twitter.com/agenciaunama>
2. Canal da Imprensa, Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Engenheiro Coelho, São Paulo, <http://canaldaimprensa.com.br>
3. Crítica de Ponta, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Paraná, <https://criticadeponta.wordpress.com>
4. Diálogos do Pampa, Universidade Federal do Pampa (Unipampa), São Borja, Rio Grande do Sul, [www.unipampa.edu.br](http://www.unipampa.edu.br)
5. Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo (Grupecj), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6097137083388010>
6. Jornalismo Capixaba, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, Espírito Santo, <http://jornalismo-capixaba.blogspot.com.br>
7. Laboratório de Estudos em Jornalismo (Lejor) / Qualijor – Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicada ao Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, Sergipe, <https://qualijor.wordpress.com>
8. Mídia e Política, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, [www.midiaepolitica.unb.br](http://www.midiaepolitica.unb.br)
9. Mídia em Foco, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, <http://midiaemfocofeevale.blogspot.com.br>
10. Observatório da Ética Jornalística – objETHOS, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, <https://objethos.wordpress.com>

11. Observatório da Imprensa, Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo, São Paulo, SP, <http://observatoriodaimprensa.com.br>
12. Observatório da Mídia Regional, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, Espírito Santo, [www.comunicasaude.ufes.br/o-observatorio-da-midia-regional-es](http://www.comunicasaude.ufes.br/o-observatorio-da-midia-regional-es)
13. Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino – Opaje, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, <http://ww2.uft.edu.br/gestao/nucleos/14637-observatorio-de-pesquisas-aplicadas-ao-jornalismo-e-ao-ensino-opaje>
14. Plural: Observatório de Comunicação e Cidadania, Universidade Estadual Paulista, (Unesp), Bauru, São Paulo, [www.faac.unesp.br/observatorio](http://www.faac.unesp.br/observatorio)
15. Renoi Vale do Paraíba, Universidade de Taubaté (Unitau), Taubaté, São Paulo, [www.unitau.br](http://www.unitau.br)
16. SOS Imprensa, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, [www.facebook.com/sosimprensa](http://www.facebook.com/sosimprensa)
17. Observe, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

### 3. Produção e resultados

A relação dos grupos evidencia a presença nacional da rede. A extensão da área de abrangência e a diversidade dos grupos gera uma dificuldade de operacionalizar ações conjuntas, ao mesmo tempo em que, pela amplitude de integrantes, sempre seja possível mobilizar pelo menos parte dos membros para realizar ações conjuntas.

Ao longo de 12 anos de existência, é possível destacar um conjunto de realizações:

- Encontro da Renoi, em 2007 (31/05 a 02/06/2007), na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), coordenado por Victor Gentili em Vitória (ES). No encontro, foram discutidos temas e experiências, durante o qual os vários grupos puderam relatar seu trabalho. Foi possível perceber a variedade e diversidade das experiências, razão pela qual a Renoi se configu-

rou no sentido de acolher, de forma flexível, as diferentes experiências que, no seu conjunto, se convertiam num acervo rico de possibilidades para parcerias futuras.

- Realização de comunicações coordenadas regulares, desde 2007, no âmbito do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Foi a participação regular nesse ambiente destinado à pesquisa científica sobre jornalismo que a Renoi consolidou um braço seu como rede de pesquisa formalmente reconhecida pela *Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo* (SBPJor). Durante os vários encontros anuais, vários temas foram objeto de atenção da rede, permitindo que alguns deles se consolidassem como objeto dos grupos, como os relacionados à transparência e *accountability*, qualidade da informação, ética, processos de produção, entre outros. Ao longo de dez anos, foram 11 sessões de comunicação coordenada:
  - 2007 – Aracaju/SE: “Metodologias de Análise e Crítica de Mídia”.
  - 2008 – São Bernardo do Campo-SP: “Ensino de jornalismo e a qualidade da informação” e “Qualidade da informação jornalística”.
  - 2009 – São Paulo-SP: “Ensino de Jornalismo no Brasil e o currículo da Unesco” e “Ética e Qualidade no Jornalismo Brasileiro”.
  - 2010 – São Luís-MA: “Qualidade jornalística, monitoramento de mídia e pesquisa científica interdisciplinar”.
  - 2012 – Curitiba-PR: “Jornalismo e transparência: o acesso à informação pública” .
  - 2013 – Brasília-DF: “Qualidade no Jornalismo: Teoria e Prática, Pesquisa e Ensino”; “Qualidade no Jornalismo produzido na internet e a difusão popular e nas mídias sociais, aspectos culturais”; e “Qualidade no Jornalismo: metodologias e experiências de avaliação”.
  - 2014 – Santa Cruz do Sul-RS: “A busca da transparência em dois movimentos: a promovida pela atividade jornalística e a sobre ela produzida”.

Além destas, as comunicações individuais de membros da Renoi nos encontros da SBPJor foram numerosas. O intenso processo de debate e discussão

acadêmica no âmbito das sessões de comunicação dos eventos da associação demonstrou afinidades e pontos em comum sobre temáticas e problemas, às quais contribuíram para a elaboração de três livros que reúnem um importante material sobre a crítica de mídia, tanto em termos conceituais quanto em termos aplicados.

O primeiro livro produzido no âmbito da Renoi foi *Observatórios de Mídia: olhares da cidadania* (CHRISTOFOLETTI; MOTTA, 2008). O livro aborda os observatórios de mídia não apenas como uma forma de ler os meios de comunicação, mas também de difundir uma cultura de consumo crítico das informações veiculadas. São considerados uma espécie de “vitrine”, que funcionam como janela da mídia para a sociedade e espelham uma dimensão da sua cidadania.

O segundo livro, *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo* (CHRISTOFOLETTI, 2010), discute a qualidade no jornalismo no contexto da crítica de mídia. O enfoque implica autocrítica no estabelecimento de metas e objetivos, no seu alcance e na avaliação contínua de práticas e processos. A discussão sobre a qualidade, no livro, é apontada como exercício da crítica de mídia, reflexão sobre democracia e responsabilidade social.

O mais recente livro produzido pela Renoi, *Crítica do jornalismo no Brasil: produção, qualidade e direito à informação* (GUERRA; ROTHBERG; MARTINS, 2016), apresenta teorizações e resultados de pesquisa acadêmica que proporcionam um testemunho da diversidade temática e qualidade científica alcançada pelos integrantes da rede em seus trabalhos mais atuais. Noticiabilidade, qualidade do jornalismo e direito à informação são temas centrais, que contribuem para o aperfeiçoamento de teorias e métodos de pesquisa em comunicação e jornalismo.

Além desses três livros, integrantes da Renoi produziram, em parceria com a Unesco, quatro volumes sobre o tema da qualidade, publicados em 2010. No primeiro volume, Guerra (2010) analisa o documento “Indicadores de Desenvolvimento da Mídia” (Unesco, 2010), que lista características fundamentais de um ambiente favorável à liberdade de expressão e à pluralidade, e examina experiências de avaliação de qualidade do jornalismo com base em categorias erigidas segundo parâmetros internacionais relevantes.

No segundo, Egypto (2010) apresenta uma matriz pensada como passo inicial para a elaboração de uma ferramenta de indicadores de qualidade que possa ser aplicada com rigor e sistematização, a fim de servir como subsídio a processos de autoavaliação de empresas jornalísticas e projetos oriundos de políticas de qualidade e programas de excelência desenvolvidos com seriedade.

Christofoletti (2010), no terceiro volume, apresenta resultados do estudo empírico que envolveu entrevistas com editores executivos, gestores e *publishers* em relação a indicadores e políticas editoriais de qualidade de suas organizações – de abrangência nacional e regional – que indicam padrões e preocupações com o tema e divergências sobre uma possível articulação entre pluralidade e qualidade.

No quarto volume, Rothberg (2010) relaciona a demanda de aplicação de indicadores de desenvolvimento das mídias à visão dos profissionais da área sobre qualidade jornalística, ao descrever a realização de uma investigação empírica que apurou visões de jornalistas brasileiros sobre aspectos situados pela Unesco como fatores de qualidade das mídias em uma sociedade democrática.

Além disso, a Renoi ofereceu sua contribuição em várias situações relacionadas a proposições sobre responsabilidade social, acesso à informação e formação de jornalistas.

A rede foi convidada e ofereceu uma contribuição ao processo de consulta pública do *GRI Media Sector Supplement*, um guia de responsabilidade social para organizações de mídia elaborado pelo *Global Reporting Initiative*, importante entidade de referência mundial na produção de guias, padrões e referências para a produção de relatórios de sustentabilidade nas dimensões econômica, ambiental, social e de governança.

A Renoi é uma das signatárias do documento organizado pelo Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas e dirigido à Presidência da República para “solicitar apoio e colaboração no sentido de acelerar o processo de aprovação do projeto de lei PLC 41/2010” (Lei Geral de Acesso à Informação).

Diante das discussões em torno de novas Diretrizes Curriculares para os cursos de Jornalismo, a Renoi apresentou proposta de perfil, competências e habilidades à Comissão constituída pelo MEC para o assunto.

Ao longo desses anos, a Renoi se constituiu como um espaço de relacionamento e articulação, no qual os grupos podem se conhecer e prospectar parcerias. Por ser um grupo relativamente extenso, não é de se esperar que todos se envolvam em todas as atividades da rede. Seu caráter diverso e flexível se deve justamente à necessidade de que os grupos participem na medida de suas possibilidades, afinidades e disposição, quando algo concreto é apresentado como proposta de trabalho.

#### 4. Considerações finais: perspectivas e desafios

A Renoi se sustenta, a princípio, pela disposição, às vezes mais, às vezes menos ativa, que os membros têm de estar em contato uns com os outros. Há, na rede, uma expectativa de que alguém pode acionar, a qualquer momento, um interlocutor para uma troca de experiência, de informação, e que será correspondido. Essa é a base que constitui a rede em sua forma mais elementar.

Entretanto, para além desse patamar mínimo, há esforços de interação mais efetivos que geraram resultados muito positivos para seus integrantes, assim como para a comunidade científica, a partir da produção especializada resultante de um esforço sistematizado, induzido no âmbito da rede, para certos temas e questões. Transparência, *accountability* e qualidade, por exemplo, foram temas que ganharam espaço no âmbito da Renoi, a partir de um esforço articulado de investigação proporcionado pelo formato das comunicações coordenadas da SBPJor.

Fortalecer esses espaços de interação é fundamental. E a partir deles implementar mais ações de pesquisas conjuntas. Nesse sentido, desde 2016, seis grupos integrantes da Renoi [(SOS Imprensa – Brasília (UnB); Mídia e Política – Brasília (UnB); Laboratório de Estudos em Jornalismo (Lejor), através do Qualijor – Programa de Pesquisa em Qualidade, Inovação e Tecnologia Aplicada ao Jornalismo, Sergipe (UFS); Mídia em Foco – Rio Grande do Sul (Feevale); Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (Opaje), Tocantins (UFT); Plural: Observatório de Comunicação e Cidadania – São Paulo (Unesp)] têm se dedicado a um projeto compartilhado intitulado “Jornalismo e *Accountability* no Brasil”.

A Renoi segue, portanto, ciente de que constitui um espaço, um fórum, um ambiente de acolhimento de grupos dispostos e interessados em pensar juntos a crítica de mídia. Nesse sentido, há uma percepção de que seu tempo segue o tempo de seus membros. Mas há também a percepção da necessidade de fomentar e instigar ações articuladas que visem construir projetos em parceria, que deem amplitude e organicidade aos seus esforços de produzir uma reflexão crítica sobre o jornalismo com alcance, regularidade e abrangência próprios de um trabalho em rede.

## Referências

- CHRISTOFOLETTI, R; MOTTA, L. G. (orgs.). *Observatórios de Mídia: olhares da cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, R. Indicadores da qualidade no jornalismo: políticas, padrões e preocupações de jornais e revistas brasileiros. *Série Debates CI Unesco*, n. 3, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189915por.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.
- CHRISTOFOLETTI, R. (org.). *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo*. Covilhã: Labcom Books, Universidade da Beira Interior, 2010. Disponível em: <[www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20101103-christofoletti\\_vitrine\\_2010.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20101103-christofoletti_vitrine_2010.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2017.
- DINES, A. Um compromisso, uma história, um saldo. *Observatório da Imprensa*, 2 mai. 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/um-compromisso-uma-historia-um-saldo>>. Acesso em: 9 maio 2017.
- DINES, A. A distensão é para todos. *Folha de S. Paulo*, 6 jul. 1975, p. 6.
- EGYPTO, L. O jornalista e o engraxate. In: MILGRAM, A.; KOIFMAN, F. (orgs.). *Ensaio em homenagem a Alberto Dines*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2017, pp. 53-57.
- \_\_\_\_\_. Qualidade jornalística: ensaio para uma matriz de indicadores. *Série Debates CI UNESCO*, n. 6, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189918por.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.
- GENTILLI, V. Chamamento às escolas de jornalismo: criemos juntos a Rede Na-

cional de Observatórios da Imprensa. *Observatório da Imprensa*, 5 jul.1998. Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/mat050798a.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/mat050798a.htm)>. Acesso em: 9 maio 2017.

GUERRA, J. L.; ROTHBERG, D.; MARTINS, G. L. (orgs.). *Crítica do jornalismo no Brasil: produção, qualidade e direito à informação*. Covilhã, Portugal: Editora LabCom.IFP, Universidade da Beira Interior, 2016. Disponível em: <[www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201612291659-201618\\_criticajornalismo\\_jguerra.pdf](http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/201612291659-201618_criticajornalismo_jguerra.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2017.

GUERRA, J. L. Sistema de gestão da qualidade aplicado ao jornalismo: uma abordagem inicial. *Série Debates CI Unesco*, n. 5, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189917por.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.

ROTHBERG, D. Jornalistas e suas visões sobre qualidade: teoria e pesquisa no contexto dos “Indicadores de Desenvolvimento da Mídia” da UNESCO. *Série Debates CI Unesco*, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189916por.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.

SILVA, L. M.; PAULINO, F. O. Formas de assegurar a responsabilidade social da mídia: modelos, propostas e perspectivas. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2667-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R2667-1.pdf)>. Acesso em: 9 maio 2017.

UNESCO. *Indicadores de desenvolvimento da mídia: marco para a avaliação do desenvolvimento dos meios de comunicação*. Brasília, DF: 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163102POR.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2017.

# REDE TELEJOR: DOZE ANOS DE ENSINO E PESQUISA EM TELEJORNALISMO

---

**Cristiane Finger (PUC/RS)<sup>2</sup>**

**Cárlida Emerim (UFSCM)<sup>3</sup>**

## 1. Breve histórico

O primeiro movimento que reuniu um grupo de professores e pesquisadores em telejornalismo surge em 2003, durante o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, que aconteceu em Brasília (DF). No evento, a organização aglutinada de trabalhos em torno do telejornalismo foi o precursor da proposição de Comunicações Coordenadas no ano seguinte, na edição do evento em Salvador (BH). Oficialmente, a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TELEJor) foi criada durante o III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado em novembro de 2005, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis (SC). A partir de então, em todas as edições do SBPJor, os integrantes da TELEJor passam a apresentar trabalhos tanto em Comunicações Livres quanto em Comunicações Coordenadas, promovendo discussões, sistematizando pesquisas e ampliando seus grupos de trabalho.

Com o objetivo de organizar essas participações e encontros de discussão, os integrantes criam uma Coordenação, que fica responsável por sistematizar as reuniões, registrar e anotar as memórias das discussões e enviar esses materiais para todos os integrantes bem como para os convidados que participavam junto a TELEJor. A função da coordenação foi se estruturando e ampliando as atividades, assim como também recebeu a colaboração de uma vice-coordenação,

---

2. Jornalista, mestre e doutora em Comunicação Social, professora e pesquisadora na graduação e na pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); Coordenadora da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TELEJor), cristiane.finger@puhrs.br.

3. Jornalista, mestre em Semiótica, doutora em Processos Midiáticos, professora e pesquisadora na graduação e pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vice-coordenadora da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede TELEJor), carlida.emerim@ufsc.br.

criando uma divisão das tarefas devido ao número crescente de integrantes e projetos que foram surgindo.

A Rede TELEJor também tem participado efetivamente em outras entidades como a Intercom, a Compós e na Rede Alcar. Os integrantes também se reencontram com frequência, em grupos de trabalho relacionados ao jornalismo, a televisão – em especial ao telejornalismo –, nos encontros internacionais, como os promovidos pela Associação Latino Americana de Investigadores em Comunicação (Alaic), International Association for Media e Communication Research (IAMCR), Congresso Ibero Americano de Comunicação (Ibercom), entre outros.

## 2. A proposta de unir para fortalecer

O grande objetivo que reuniu esses pesquisadores foi perceber que, embora houvesse muitos colegas dedicando-se a estudar o telejornalismo, não havia uma divulgação das pesquisas e tampouco referenciais bibliográficos que pudessem servir de apoio a quem se interessava pelo campo. Assim, a ideia de ter um grupo que, primeiramente, reunisse as pesquisas e que também pudesse divulgá-las foi crescendo a cada encontro, culminando na criação da Rede. A característica mais marcante da TELEJor é o fato de que todos os pesquisadores têm verdadeira paixão pelo objeto telejornalismo. Tanto é verdade que as críticas, as análises e os desenvolvimentos teórico-metodológicos empreendidos pelo grupo sempre respondem aos preceitos científicos, mas, principalmente, às ideias e soluções de como fazer mais telejornalismo, e melhor. As pesquisas reunidas têm a preocupação em qualificar as práticas do campo, com vistas a cumprir com o papel fundamental do jornalismo na sociedade: produzir conhecimento para contribuir com o desenvolvimento social.

Outras características também configuram o modelo de atuação da Rede TELEJor: 1) a concepção de que pesquisa em telejornalismo se potencializa com a experiência de produção e com a realização de produtos piloto; 2) a preocupação permanente em cientificar os constructos teórico-metodológicos que são desenvolvidos em torno desse jornalismo que se faz para as telas de visão. Talvez essa marca tenha origem na experiência profissional da maior parte dos

fundadores da Rede TELEJor e de seus integrantes posteriores, que apresentam 1) uma larga experiência de atuação no mercado profissional de telejornalismo ou redações de emissoras de televisão; 2) a escolha por voltar às universidades em busca de qualificação em ensino e pesquisa; 3) a estratégia de aproximação entre o mercado e a academia – trazendo para a sala de aula experiências e vivências que qualificam, de forma diferenciada, as pesquisas e o ensino junto aos alunos de jornalismo – e dedicação a modalidades de pesquisa que priorizam um maior rigor científico aos estudos em torno do telejornalismo bem como o compartilhamento dos resultados das investigações empreendidas, não só com aqueles que estudam o tema, mas também com aqueles que atuam diretamente em televisão e telejornalismo. Esse é o ciclo pretendido pela Rede TELEJor, a universidade produzindo conhecimento para a sociedade que responde com mais qualidade e desenvolvimento sociocultural. Afinal, o jornalismo é, acima de tudo, uma função social e o telejornalismo é uma das maiores ferramentas de comunicação para uma grande parcela do público, principalmente àquele que tem acesso apenas ao serviço de televisão aberta. O propósito da TELEJor é o de fortalecer as práticas telejornalísticas, por meio da pesquisa e do ensino e, assim, contribuir para a formação de uma sociedade cada vez melhor, mais justa e igualitária para todos.

### **3. A sistematização e a divulgação científica**

Desde o começo, a opção da Rede TELEJor era a de ter pesquisa coletiva, assim, a partir dos primeiros encontros combinados, os resultados das pesquisas temáticas foram sendo apresentados anualmente, em diferentes eventos, por meio de comunicações livres e coordenadas. Como o que caracteriza a pesquisa da TELEJor é o foco no telejornalismo, esse é o elo que abriga todos os pesquisadores do grupo e agrega, a cada ano, mais integrantes que se interessam pelo campo. Assim, ao longo do processo de amadurecimento enquanto grupo, com o próprio funcionamento enquanto Rede, essas pesquisas temáticas eram apresentadas nos eventos e mantinham o objeto telejornalismo, mas recorriam a diferentes teorias e metodologias. Um resultado macro que se aferiu do processo foi que as diferentes propostas testadas e apresentadas nos encontros ajudou,

de forma natural, a sistematizar os resultados e a prospectar caminhos ao longo destes 12 anos.

Em 2006, três anos depois que a Rede já se consolidava como um espaço de referência nas discussões em torno do telejornalismo, lançou-se a primeira publicação impressa, o livro *Telejornalismo: a nova praça pública*<sup>1</sup>, no IV Encontro do SBPJor que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que reunia o resultado das discussões do grupo em torno da condição central da mídia tevê, em especial o telejornalismo, na sociedade como espaço para a resolução dos problemas sociais e de agendamento midiático. Dois anos depois, em 2008, outro livro solidifica resultados de discussões coordenadas, sob o título *Sociedade do Telejornalismo*<sup>2</sup>, mostrando a centralidade dos debates dos agendamentos públicos que se mobilizavam através dos telejornais, uma visibilidade que banalizava e estetizava os problemas sociais. Em 2009 e 2010, a Rede TELEJor publica um livro em cada ano, ambos dedicados a homenagear grandes datas para o telejornalismo nacional. O livro *40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional: olhares críticos*<sup>3</sup> tematizou o telejornalismo que passou a ser exibido em rede nacional em 1969 e mostrou análises de conquistas e de dificuldades, a partir de diferentes vertentes teóricas. No ano seguinte, outra data importante é tema da publicação coletiva, fruto das indicações que surgiram dos encontros e das discussões travadas sobre o telejornalismo no Brasil. O *60 anos de telejornalismo em rede nacional: histórias, análise e crítica*, de 2010, foi o primeiro a sistematizar os capítulos por linhas de pesquisa e a organizar núcleos de discussão em suas abordagens.

Como comprovam essas publicações, todas foram importantes porque acompanharam não só períodos diferenciados e marcantes da história do telejornalismo como também foram estruturando a dinâmica de grupo de estudos que seria o modelo adotado pela Rede TELEJor. Se antes, mesmo com modelos e teorias distintas, o direcionamento em torno de grandes temáticas pontuais já respondia a um processo cujos resultados eram próximos, com o passar dos en-

---

1. O livro foi publicado pela Editora Insular, de Florianópolis, que se tornaria mais tarde, a Editora da Coleção Jornalismo Audiovisual, que é a publicação principal da Rede desde 2009.

2. O livro foi publicado pela Editora Vozes, de Petrópolis (RJ).

3. Livro publicado pela Insular, de Florianópolis.

contros, começa a amadurecer a ideia de uma unificação maior de objetivos da Rede TELEJor, em prol de uma troca mais efetiva de experiências e de enfrentar um desafio: criar uma coleção que mantivesse a publicação periódica da produção intelectual do grupo.

Assim, a partir dos encontros organizados nos últimos quatro anos, principalmente nas Comunicações Coordenadas da SBPJor, que atuam de forma complementar, trazendo temas únicos com diferentes desdobramentos, a Rede TELEJor alcança um escopo teórico e um amadurecimento na produção intelectual dos integrantes que permitiu lançar a *Coleção Jornalismo Audiovisual*<sup>4</sup>, que tem mantido regularidade anual de publicação e refletido grande parte dos resultados de pesquisas em telejornalismo desenvolvidas no Brasil.

O primeiro título, *O Brasil (é)ditado*, além de inaugurar a *Coleção Jornalismo Audiovisual*, tematiza uma discussão importante ao campo do telejornalismo naquele momento: o avanço das notícias de Internet furando as mídias tradicionais, ofertando novas possibilidades de informação e novas versões sobre os fatos.

No ano seguinte, o Brasil foi sacudido pelas manifestações de junho e a mídia televisiva também. O telejornalismo foi fortemente atacado e muitas de suas crenças foram questionadas em torno de seus fazeres produtivos e de suas narrativas. A Rede lança então a obra *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*, problematizando as coberturas televisivas nos diferentes estados do país, refletindo sobre a cobertura realizada pela grande mídia e fora dela, na chamada mídia independente.

Como resposta ao próprio amadurecimento das inúmeras discussões e propostas que já vinham sendo apresentadas na Rede, o terceiro volume da *Coleção Jornalismo Audiovisual*, *Telejornalismo em questão*, contempla as diferentes perspectivas para investigar e compreender os noticiários que estão todos os dias nas grades de programação das emissoras de televisão, mas que também transbordam conteúdos para outros dispositivos, incorporando características de outras mídias e mudando a sua relação com o telespectador. Este é,

---

4. Coleção coordenada editorialmente pela Rede TELEJor e editada pela Editora Insular, de Florianópolis (SC), referência na publicação de livros sobre jornalismo no país.

sem dúvida, o livro mais conceitual, de base teórica e metodológica da Coleção, permitindo ao leitor um passeio pelas diferentes formas de se analisar o objeto telejornalismo.

*Telejornalismo e Praça Pública: 65 anos de Telejornalismo* aproveita a data comemorativa para sistematizar as discussões em torno da história, dos avanços e retrocessos do telejornalismo nesse período recente da história do meio no Brasil. A publicação também faz referência e homenagem ao primeiro livro lançado pelo grupo em 2006 e que originou, de fato, a formação da rede de pesquisadores. Os trabalhos reunidos na publicação de 2015 resultaram de pesquisas desenvolvidas por investigadores das cinco regiões do país que, em conjunto, entenderam que o telejornalismo é um campo de estudo e reflexão acerca do jornalismo e da sociedade. As pesquisas foram desenvolvidas com três temáticas diferentes. A primeira resgata um pouco da história do telejornal, com percursos entre programas e personagens, a segunda versa sobre as tecnologias, práticas e interações na trajetória do jornalismo televisivo e a terceira sobre estilos e coberturas telejornalísticas.

Em 2016, o quinto volume dá continuidade à linha temática de estudos que norteia as publicações da Rede TELEJor na coleção, intitulado de *Telejornalismo e Poder*, é publicado em meio a um período de grande crise política e econômica no país, com uma conturbada relação com as instituições políticas. Dessa vez, 17 pesquisadores se debruçam a aprofundar as questões do poder e as relações que este estabelece com o telejornalismo e a sociedade. Um primeiro grupo analisou conceitos e modelos, tentando entender, à luz dos acontecimentos contemporâneos, a operacionalidade dos conceitos básicos dos estudos do campo frente a ao novo contexto. O segundo grupo se dedicou a analisar a prática do fazer, observando a cobertura política e as questões de produção de conteúdo em relação ao poder de mostrar, de dizer, de calar, de omitir etc. E o terceiro grupo de pesquisadores, com base nos estudos de gênero, investigou o modo de tratamento, tanto em forma quanto em conteúdo, ofertado pelo telejornalismo em relação a diferentes grupos sociais. O escopo do livro permite afirmar que o poder extrapola as relações políticas com a mídia, tendo reflexos também no consumo, na educação, no comportamento social e no dia a dia das pessoas que, muitas vezes,

consideram a televisão e, por conseguinte, o telejornalismo não apenas um meio mais abrangente, mas um dos mais influentes do nosso país.

Cabe ainda ressaltar que todas essas obras, desde a publicada em 2006, instituíram um Conselho Editorial internacional, formado por pesquisadores importantes e personalidades diferenciadas dos estudos de jornalismo e de comunicação. Entre os nomes estão os de Miquel Rodrigo Alsina de Barcelona, na Espanha; João Carlos Ferreira Correia, de Covilhã, em Portugal; Lila Luchessi, de Buenos Aires, na Argentina; Antônio Hohlfeldt, de Porto Alegre, no Brasil, entre outros.

Como a Rede TELEJor cresceu e hoje reúne em seus encontros muitos mestrandos, doutorandos, mestres e doutores, foi preciso estabelecer uma avaliação e uma revisão cega, por pares, para escolher os artigos que devem compor cada volume, sempre atentando para a qualidade, mas também para a diversidade e o “frescor” das ideias destes estudiosos.

A própria Rede estabeleceu uma coordenação e vice-coordenação alternada entre seus membros, que mudam em média a cada dois anos. Também foi preciso criar um Conselho Consultivo formado pelos membros mais antigos, que determinam suas diretrizes e carregam a sua história independente dessas mudanças. Fazem parte deste grupo, atualmente, os professores doutores: Flávio Porcello (UFRGS); Iluska Coutinho e Christina Musse (Universidade Federal de Juiz de Fora-MG); Alfredo Vizeu (Universidade Federal de Pernambuco) e Edna Mello (UFT-TO).

Assim fazem parte da Rede TELEJor integrantes e líderes de inúmeros Grupos de Pesquisa do Diretório CNPq como: Grupo de Pesquisa Televisão e Audiência; Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais; Comunicação, Cidade e Memória; Jornalismo e Contemporaneidade; Gêneros Midiáticos e Responsabilidade Social; Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo, entre outros. E entre os integrantes da Rede TELEJor há pesquisadores do Sul, Sudeste, Centro-oeste, Norte e Nordeste do Brasil, perfazendo uma grande parte de cobertura do território nacional, sistematizando não só pesquisadores e suas pesquisas, mas a troca de experiências em ensino e em extensão universitária, permitindo à Rede atuar em diferentes aspectos do universo acadêmico e social.

#### 4. Percursos metodológicos

Como se apontou, uma característica da Rede TELEJor é a de manter o objeto de estudo no telejornalismo, além de organizar temáticas atuais e direcionar o olhar dos pesquisadores sobre essas temáticas, de forma a aglutinar os resultados. Porém, o escopo teórico-metodológico parte de cada grupo ou indivíduo, garantindo a fruição do processo de pesquisa e abrindo possibilidades de interpretações diferentes sobre o mesmo objeto-tema.

As decisões e encaminhamentos sobre os temas a serem tratados geralmente são apresentados ao grande grupo durante as reuniões da SBPJor, pois estes já foram conversados e acertados via redes sociais<sup>5</sup>. Depois de escolhidos os temas – sempre aqueles que mais mobilizam a sociedade –, as investigações são desenvolvidas no período de um ano, já que, no ano seguinte, os resultados são sistematizados e apresentados tanto em Comunicações Coordenadas, Comunicações Livres e publicações em diferentes eventos, sob a chancela da Rede TELEJor. Aliás, cabe ressaltar que a Rede mantém canais de comunicação e conversação com todos os participantes, além de, eventualmente, enviar e-mails aos cadastrados.

Em relação aos constructos teóricos mais empregados pelos pesquisadores, têm-se a Teoria do Newsmaking, Hipótese do Agendamento, Análise do Discurso, Análise de Conteúdo, Semiótica, Etnografia, História Oral, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Teoria da Notícia, Estudos de Recepção, Estudos da Memória e Identidade, entre outros.

A experiência tem mostrado que a riqueza dos estudos que a Rede TELEJor tem apresentado nestes 12 anos é exatamente o de conseguir articular essas diferentes vertentes teóricas e analíticas em torno de um só objeto, o telejornalismo. E a estratégia empregada pela rede é a de usar os temas da atualidade, que emergem do social, e que oferecem o fio condutor da pesquisa em rede.

---

5. A Rede Telejor está no Facebook, como um grupo fechado – que permite a qualquer um encontrar o grupo e ver quem participa, mas apenas os participantes podem fazer publicações; tem site no WordPress no endereço <<http://telejornalismoemquestao.blogspot.com.br/>>; e um *mailing list* dos integrantes. O grupo de coordenação mantém um canal direto (via WhatsApp) e realiza reuniões via Skype, a cada 15 dias.

## 5. Desafios e futuro

Os maiores desafios, sem dúvida, têm sido os de encontrar formas de trabalhar em conjunto, consultar e sistematizar todas as respostas e resultados que circulam em nossa Rede. Mesmo com algumas limitações, se tem conseguido atender a todas as questões citadas – afinal trata-se de um grande grupo, presente nas cinco regiões do país, envolvendo em torno de 63 pesquisadores, oriundos de todas as instâncias e níveis acadêmicos, como também profissionais que atuam no mercado de trabalho. Mesmo distantes geograficamente a Rede consegue promover a investigação de temas comuns, a partir do mesmo objeto de estudo com o mínimo de metodologias compartilhadas. Reitera-se que embora os resultados tragam olhares diferentes, a diferença é que se configura como a riqueza do modelo de pesquisa coletiva empregada pela TELEJor.

Para o ano de 2017, a partir da reunião ocorrida no SBPJor de Palhoça (SC), o grupo votou por sistematizar uma pesquisa coletiva em torno do ensino de telejornalismo no Brasil, por acreditar que é um campo importante para a formação de novos profissionais e que não tem recebido o reconhecimento, nem o apoio, necessário. Tal tema – o ensino de telejornalismo – contempla uma faceta importante dos nossos integrantes. Além de oriundos do mundo prático nas redações das emissoras em todo o país, os pesquisadores da Rede TELEJor são também professores nos cursos de jornalismo nas mais importantes universidades públicas e privadas brasileiras.

A pesquisa se torna relevante nesse período histórico recente, tendo em vista a mudança ocorrida nos currículos desses cursos, provocadas pelas Novas Diretrizes Curriculares do Ministério da Educação e Cultura para os Cursos de Jornalismo, em 2016. A proposta da primeira etapa é fazer um registro do lugar ocupado pelo telejornalismo na formação dos novos profissionais de jornalismo. Num segundo momento, além de resgatar as diversas etapas do ensino do telejornalismo, propõe-se empreender uma reflexão teórica sobre a prática de suas rotinas. O objetivo desta pesquisa, que talvez seja a primeira com duração de mais de um ano realizada pela Rede TELEJor, é o de conhecer, organizar e divulgar um percurso importante e pouco tratado da formação profissional do jornalista, com vistas a sistematizar subsídios para melhor preparar nossos alunos no

enfrentamento dos desafios da televisão e do telejornalismo diante da cultura da convergência.

Mas, como objetivo fulcral, a Rede TELEJor quer divulgar e valorizar as pesquisas produzidas por brasileiros que se dedicam a estudar o telejornalismo, buscando contribuir para a eficácia desse corpo de profissionais que fazem ciência no Brasil – com poucos incentivos e, nem por isso, deixando de realizar um trabalho sério, contínuo e importante para a educação no país.

## Referências

- EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; PORCELLO, Flavio (orgs.). *Telejornalismo e Poder*. v. 5. Florianópolis: Insular, 2016.
- PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; MOTA, Célia Ladeira (orgs.). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006.
- PORCELLO, Flávio; VIZEU, Alfredo; COUTINHO, Iluska (orgs.). *40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional: olhares críticos*. Florianópolis: Insular, 2009.
- \_\_\_\_\_. *60 anos de telejornalismo em rede nacional: histórias, análise e crítica*. Florianópolis: Insular, 2010.
- PORCELLO, Flavio. *Desafios, Limites e Possibilidades da Rede de Pesquisadores em telejornalismo*. Brazilian Journalism Research (SBPJor). v. 7, n. 2, 2011. pp. 47-53.
- \_\_\_\_\_. *O Brasil (é)ditado*. v. 1. Florianópolis: Insular, 2012.
- \_\_\_\_\_. *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*. v. 2. Florianópolis: Insular, 2013.
- VIZEU, Alfredo (org.). *A Sociedade do Telejornalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *Telejornalismo em Questão*. v. 3. Florianópolis: Insular, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Telejornalismo e Praça Pública: 65 anos de Telejornalismo*. v. 4. Florianópolis: Insular, 2015.

# A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA PESQUISA EM JORNALISMO EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

---

**Carlos Franciscato**  
**Rafael Grohmann**  
**Sérgio Gadini**

## 1. Introdução

A pesquisa em jornalismo vem alcançando uma institucionalização dentro do sistema de pós-graduação no Brasil que tem se intensificado nos últimos anos, com o surgimento de cursos de mestrado específicos na área e a ampliação do número de linhas de pesquisa em programas de comunicação tendo o jornalismo como foco central de estudos. Esse movimento de expansão teve seu início há 40 anos, na década de 1970, com as defesas das primeiras teses de doutorado em jornalismo no Brasil, mesma época em que houve o início da pós-graduação em comunicação no país. Na década seguinte, trabalhos como de José Marques de Melo, Nilson Lage e Adelmo Genro Filho auxiliam a reforçar a pesquisa específica em jornalismo.

Nos anos de 1990, a investigação em jornalismo atravessa um refluxo institucional na pós-graduação. Se por um lado as investigações se ampliam em quantidade e diversidade, a pós-graduação em comunicação movimenta-se em direção a um modelo que privilegia as teorias da comunicação, guardando pouco espaço para as áreas específicas. Será apenas com a virada da década de 2000, período caracterizado por um movimento de expansão dos PPGs em Comunicação, que os espaços para jornalismo novamente se abrem com a criação da linha de pesquisa em “Jornalismo e Sociedade” no Mestrado e no Doutorado da Universidade de Brasília e a formação de grupos de trabalho específicos em jornalismo em eventos como a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Em 2003, pesquisadores em jornalismo se reúnem em um congresso na UnB e consideram estratégico institucionalizar o campo, fundando a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor).

Novo ciclo de expansão do jornalismo nos PPGs se inicia na metade dessa década. A UFSC consegue aprovar na Capes, em 2007, o programa de Mestrado em Jornalismo. A experiência inovadora sinaliza ser precursora de uma nova fase, que estimula o surgimento de linhas de pesquisa específicas em programas tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos) e em programas novos (Faculdade Casper Líbero e Universidade Federal do Piauí). Em 2013, surgem dois novos PPGs em Jornalismo: da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da Universidade Federal da Paraíba, este inaugurando a pós-graduação profissional na área. Duas novas experiências de mestrado profissional são criadas no FIAM-FAAM – Centro Universitário (2015) e na Escola Superior de Propaganda e Marketing (2016).

A expansão da pós-graduação em jornalismo exemplifica um movimento de crescimento de toda a área de comunicação nas décadas de 2000 e 2010, fazendo com que, em 2017 (dados até maio), a pós-graduação em Comunicação no país reunisse um universo de 77 cursos de mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado que participam da área de Comunicação e Informação<sup>1</sup> junto à Capes (Tabela 1). Destes, apenas dois programas de pós-graduação em Comunicação no país apresentam as três modalidades de cursos (Mestrado Acadêmico, Doutorado e Mestrado Profissional), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ) e a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM – SP).

**Tabela 1** – Cursos de pós-graduação em Comunicação no Brasil (até maio/2017)

Mestrado	Doutorado	Mestrado Profissional	Total
47	24	6	77

**Fonte:** site Capes.

1. A Capes determinou, por meio da Portaria Capes nº 234, de 15/12/2016, a alteração da denominação da área de avaliação, passando de Ciências Sociais Aplicadas I para Comunicação e Informação. Em 2017, a área de Comunicação e Informação junto à Capes está sendo coordenada pelos docentes Mauricio Lissovsky (UFRJ – coordenador), Marisa Bräscher Basílio Medeiros (UFSC – coordenadora adjunta) e Gisela Eggert Steindel (UDESC – coordenadora adjunta de Mestrado Profissional).

Entre os 77 cursos de pós-graduação em Comunicação<sup>2</sup>, cinco são cursos de mestrado em jornalismo (três acadêmicos e dois profissionais) e um curso de doutorado. Além disso, outros seis cursos na área de comunicação apresentam linhas de pesquisa em jornalismo. Englobam um conjunto rico e específico de conhecimentos que envolve teorização, desenvolvimento metodológico, relações com a graduação e com o mundo da produção em jornalismo.

A proposta de realização de seminários específicos reunindo programas de pós-graduação com ênfase em jornalismo (cuja sigla é PósJor) surgiu em 2013, como uma das possíveis atividades do 11º Encontro Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), buscando estimular a aproximação, a troca mais contínua de experiências na pós-graduação e a constituição de identidades na formação avançada em jornalismo. Neste primeiro seminário, foram apresentadas contribuições da pós-graduação brasileira ao ensino, à capacitação e à pesquisa na área do jornalismo, a partir de relatos de membros destes programas de pós-graduação, constituindo um primeiro panorama da atuação dos programas existentes, das linhas de pesquisa dedicadas à área, assim como da produção técnico-científica efetivada nos últimos anos.

Neste artigo, vamos abordar este esforço de institucionalização da pesquisa em jornalismo nos programas de pós-graduação brasileiros. Inicialmente, é necessário entender a base acadêmica constituída em cursos de graduação em jornalismo a partir da metade do século passado. Em seguida, destacaremos alguns perfis predominantes desta pós-graduação específica, como as experiências de mestrado profissional e a emergência da pesquisa aplicada. Assim, os seminários PósJor surgem para criar um ambiente favorável à articulação destas iniciativas.

Ensino e pesquisa do jornalismo no Brasil

O ensino de Jornalismo no Brasil, com status de formação universitária, registra o ano de 1947 com a criação da primeira Escola pela Fundação Cásper Líbero (em São Paulo), seguida pela implantação do curso de Jornalismo da Uni-

---

2. Os 77 cursos são mantidos por 55 programas de pós-graduação em Comunicação. Destes programas, 25 ofertam simultaneamente duas modalidades de curso (mestrado e doutorado acadêmico).

versidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1948. Alguns anos depois, em 1961, começa a funcionar o primeiro curso de Jornalismo na região Nordeste: na Universidade Católica de Pernambuco, sob coordenação do jornalista, professor e pesquisador Luiz Beltrão, também reconhecido como um dos pioneiros da pesquisa em Comunicação Social no País.

Em ritmo lento, mas associado ao processo de urbanização, o Brasil chega ao final da década de 1980 com cerca de 50 cursos universitários em Comunicação em que há oferta da habilitação ou curso de Jornalismo. Majoritariamente, as instituições que ofertam Jornalismo são públicas (federais, além de estaduais em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro). É a partir da década de 1990 e nos primeiros anos deste século que a oferta de cursos de Jornalismo registra uma “explosão”, passando para mais de 200 e, respectivamente, atingindo a marca de 350 autorizações de funcionamento no final da década seguinte (2010).

É neste contexto que a oferta da pós-graduação surge primeiro em Comunicação e, mais de três décadas depois, registra um reconhecimento pela criação de cursos voltados à pesquisa em jornalismo. Sua institucionalização dentro do sistema de pós-graduação no Brasil se intensifica no início do século XXI, com o surgimento de cursos de mestrado específicos na área e, também, com a ampliação do número de linhas de pesquisa em programas de comunicação tendo o jornalismo como foco central de estudos. Esse movimento de expansão teve seu início há mais de 40 anos, com a defesa, em 1973, da primeira tese de doutorado em Jornalismo no Brasil, pelo professor José Marques de Melo, na Universidade de São Paulo.

A década de 1970 marca o surgimento da pós-graduação em Comunicação no país, com os programas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1970), Universidade de São Paulo (1972), Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972), Universidade de Brasília (1974) e Metodista de São Paulo (na ocasião, ainda Instituto – IMES, em 1978), todos em nível de mestrado, inicialmente.

É neste contexto que surgem boa parte das dissertações e teses, que geram publicações bibliográficas, como as obras de Marques de Melo e a de Nilson Lage, na UFRJ, em 1979. No início da década de 1980, Marques de Melo consolida um campo de investigação em jornalismo junto ao PPG da ECA-USP, tornando-se

referência nacional na área. Na mesma década, Adelmo Genro Filho defende, em 1986, a dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, com a obra *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*, que se torna um dos clássicos conceituais em jornalismo no Brasil.

A política econômica no Brasil dos anos 1990 amplia a oferta de vagas no ensino superior privado e, regra geral, limita o crescimento da universidade pública e, por consequência, “congela” a pesquisa e a pós-graduação em todas as áreas. Na comunicação, não é diferente: as poucas ofertas de novos cursos na área focam em amplas e genéricas perspectivas, relegando a pesquisa em jornalismo a eventuais esforços isolados e com pouco espaço na pós-graduação. É só a partir de meados da década de 2000 que surgem as primeiras iniciativas de PPGs que reconhecem um espaço existente na busca por projetos de investigação em jornalismo, tanto como linhas de pesquisa em programas de comunicação e, em seguida, com cursos específicos em estudos, processos, teorias e rotinas editoriais em jornalismo.

O fortalecimento da pós-graduação registra, simultâneo ao processo de formação de pesquisadores, a retomada de revistas acadêmicas e também a organização de entidades representativas da investigação no campo. O grupo de trabalhos em Jornalismo da Intercom, criado em meados dos anos 1980, logo indica o aumento de demandas de espaços institucionais e também eventos para discutir a pesquisa em Jornalismo. Fortalece-se, assim, o GT da ALAIC, surge o GT em Jornalismo da Compós e, em novembro de 2003, um grupo de pesquisadores funda a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) durante encontro na Universidade de Brasília.

A sintonia de demandas integra esforços de grupos de docentes em todo o País e, em 2007, a Capes autoriza a abertura do PPG em Jornalismo da UFSC, o primeiro na área em nível nacional.

### 3. De Brasília a Campo Grande até Palhoça

É na mesma perspectiva que, em 7 de novembro de 2013, acontece o *I Seminário de Pós-Graduação em Jornalismo*, paralelo ao 11º Encontro Anual da

Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizados na Universidade de Brasília. A primeira edição do Seminário da Pós-graduação reuniu expositores representantes dos PPGs e Linhas de Pesquisa em Jornalismo para a mesa “perfil e áreas de atuação da pós-graduação em jornalismo”. Na segunda etapa do evento, os participantes apontaram estratégias de ações cooperativas, parcerias institucionais e formação de redes de programas, com base nas experiências apresentadas pelos PPGs e Linhas de Pesquisa, assim como discutiram um formato de produto editorial reunindo experiências do seminário e aprovaram um relatório final das propostas de trabalho.

A primeira edição do seminário PósJor no país realizou um mapa da situação da pós-graduação, com base em apresentações de representantes dos PPGs em Jornalismo, na ocasião, em funcionamento (UFSC, UEPG e UFPB) e por integrantes das linhas de pesquisa em atividades nos PPGs em Comunicação (UnB, UFRGS e Unisinos). Em seguida, houve um debate com destaque para estratégias de ações cooperativas, parcerias institucionais e formação de redes de programas, com base nas experiências apresentadas pelos PPGs.

O *II Seminário Nacional da Pós-Graduação em Jornalismo* foi realizado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande, no dia 4 de novembro de 2015. Participaram do seminário representante do PPGJor da UFSC (Eduardo Meditsch), MsJor da UEPG (Sérgio Gadini) e Jornalismo da FIAM (Rafael Grohmann). As indicações do texto aprovado em novembro de 2015 revelam algumas das principais demandas dos pesquisadores que atuam nos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo do país:

- Incentivar, a partir das coordenações colegiadas dos PPGs em Jornalismo, ações para estabelecer relações entre os programas de pós-graduação em Jornalismo, linhas e grupos de pesquisa especializados em jornalismo nos demais programas de Comunicação, para que superem dificuldades de atuação provocadas por eventual isolamento;
- Ampliar, em sintonia com entidades representativas do Jornalismo (pesquisa, ensino e pós-graduação), a apresentação de propostas para

um crescente reconhecimento e institucionalização de novas propostas de PPGs, áreas de concentração e linhas de pesquisa especializadas no campo;

- Fortalecer, por meio de permutas e diálogos, as publicações mantidas pelos PPGs em Jornalismo já existentes (*Estudos de Jornalismo e Mídia*, *Âncora*, *Pauta Geral*, *Parágrafo*, *BJR*, dentre outras), atentando para a importância de qualificar as respectivas produções editoriais mantidas pelos PPGs e entidades acadêmicas de Jornalismo;
- Discutir e avaliar, permanentemente, a instituição de uma “cultura” de pesquisa no Jornalismo, a partir dos cursos de graduação, pós-graduação e ações extensionistas, bem como iniciativas em redes e grupos de estudo, em atuação orgânica nos PPGs da área, bem como com todos os demais PPGs em Comunicação que mantêm linhas ou foco investigativo em Jornalismo;
- Solicitar, junto à direção da SBPjor, que o *Seminário Nacional da Pós-Graduação em Jornalismo* seja uma atividade anual integrante da agenda do encontro da entidade, buscando envolver estudantes e docentes pesquisadores nos debates e demandas que dizem respeito à pesquisa realizada nos programas e nas linhas de investigação especializadas em jornalismo;
- Incentivar, junto aos PPGs, as perspectivas conceituais e metodológicas da investigação jornalística como referência de ‘pesquisa aplicada’, dialogando e aprendendo com os demais setores do conhecimento científico (aplicado), “considerando, em especial, mas não exclusivamente, os programas de mestrado profissional da área”.

### 3. A institucionalização da pesquisa na pós-graduação em Jornalismo

Nos últimos anos, houve uma maior institucionalização da pesquisa em jornalismo nos programas de pós-graduação da área de Comunicação e Informação (antiga área de Ciências Sociais Aplicadas I) na Capes, no sentido de um maior número de programas e linhas de pesquisa atreladas diretamente ao jornalismo. Isso não significa desconsiderar outros programas e/ou linhas que façam pesquisas em jornalismo, mas somente que há uma faceta mais institucionalizada.

Em 2017, há cinco programas de pós-graduação *stricto sensu* em Jornalismo, sendo dois acadêmicos (UFSC e UEPG) e três profissionais (UFPB, FIAM-FAAM e ESPM). Apenas um deles (UFSC) oferece também doutorado. Dois programas se localizam na região Sul do país, dois no Sudeste e um no Nordeste. Três são pertencentes a universidades públicas (duas federais e uma estadual) e duas a instituições privadas (Quadro 1).

**Quadro 1** – Programas de pós-graduação em Jornalismo no Brasil (ano-base: 2017)

Ano	Instituição	Programa	Modalidade	Nível
2007	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Jornalismo	Acadêmico	M/D
2013	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Jornalismo	Acadêmico	M
2013	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Jornalismo	Profissional	M
2015	FIAM-FAAM – Centro Universitário	Jornalismo	Profissional	M
2016	Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)	Produção Jornalística e Mercado	Profissional	M

**Fonte:** pesquisa empírica.

Esses programas somam, no total, nove linhas de pesquisa: “Jornalismo, Cultura e Sociedade” e “Tecnologias, Linguagens e Jornalismo”, da UFSC; “Processos de Produção Jornalística” e “Processos Jornalísticos e Práticas Sociais”, da UEPG; “Processos, Práticas e Produtos”, da UFPB; “Linguagens Jornalísticas e

Tecnologias” e “Jornalismo e Mercado de Trabalho”, do FIAM-FAAM; “Produção de Conteúdo” e “Lógicas de Modelo e Gestão em Jornalismo”, da ESPM.

**Quadro 2** – Linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação em Jornalismo no Brasil (ano-base: 2017)

Instituição	Linhas de Pesquisa
UFSC	Jornalismo, Cultura e Sociedade /Tecnologias, Linguagens e Jornalismo
UEPG	Processos de Produção Jornalística / Processos Jornalísticos e Práticas Sociais
UFPB	Processos, Práticas e Produtos
FIAM-FAAM	Linguagens Jornalísticas e Tecnologias / Jornalismo e Mercado de Trabalho
ESPM	Produção de Conteúdo / Lógicas de Modelo e Gestão e Jornalismo

**Fonte:** pesquisa empírica.

Há ainda quatro periódicos científicos ligados aos programas em Jornalismo: *Estudos em Jornalismo e Mídia*, da UFSC (Qualis B1), fundada em 2004; *Revista Parágrafo*, do FIAM-FAAM (Qualis B4), fundada em 2013; *Âncora*, da UFPB (Qualis B4), fundada em 2014, e *Pauta Geral*, da UEPG (Qualis B5), fundada em 2014.

Identifica-se, em 2017, seis linhas de pesquisa de programas da área de Comunicação e Informação relacionadas diretamente ao jornalismo: “Jornalismo e Sociedade” (UnB), “Jornalismo e Processos Editoriais” (UFRGS), “Linguagem e Práticas Jornalísticas” (Unisinos), “Processos e Práticas em Jornalismo” (UFPI), “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento” (Cáspér Líbero) e “Jornalismo, Mídias e Cultura” (UFT). Três oferecem cursos de mestrado e doutorado (UnB, UFRGS e Unisinos) e três somente mestrado (UFPI, Cáspér Líbero e UFT). Dois PPGs com linhas de pesquisa se localizam no Sul do país, um no Sudeste, um no Centro-Oeste, um no Norte e um no Nordeste. Cinco pertencem a universidades públicas e uma à instituição privada (Quadro 3).

**Quadro 3** – Linhas de pesquisa em Jornalismo em programas de pós-graduação em Comunicação e Informação (ano-base: 2017)

Instituição	Programa	Linha de Pesquisa	Modalidade	Nível
Universidade de Brasília (UnB)	Comunicação	Jornalismo e Sociedade	Acadêmico	M/D
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Comunicação e Informação	Jornalismo e Processos Editoriais	Acadêmico	M/D
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	Comunicação	Linguagem e Práticas Jornalísticas	Acadêmico	M/D
Universidade Federal do Piauí (UFPI)	Comunicação	Processos e Práticas em Jornalismo	Acadêmico	M
Faculdade Cásper Líbero	Comunicação	Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento	Acadêmico	M
Universidade Federal do Tocantins (UFT)	Comunicação e Sociedade	Jornalismo, Mídias e Cultura	Acadêmico	M

**Fonte:** pesquisa empírica.

Assim, cinco programas em jornalismo, com nove linhas de pesquisa, e seis linhas de pesquisa pertencentes a programas em Comunicação estruturam a pesquisa em jornalismo no Brasil em nível de pós-graduação, totalizando 15 linhas de pesquisa. Ao fazer uma breve análise do conteúdo das ementas das linhas de pesquisa – texto institucional norteador –, podemos identificar que a palavra que mais aparece é a mais óbvia: jornalismo, com 28 menções nas 15 linhas de pesquisa. Mas as expressões subsequentes nos auxiliam a compreender quais os sentidos predominantes deste “jornalismo”: produção (17 menções), prática/práticas (11), processo/processos (10), social/sociais (10), tecnologia/tecnologias (9), informação (7), produto/produtos (7). Isso evidencia, de alguma maneira, as interfaces entre os programas e a necessidade de diálogo entre eles.

A presença de três mestrados profissionais em jornalismo (60% dos programas da área e um terço das linhas de pesquisa – 5 em 15) nos faz pensar sobre a emergência dessa modalidade *stricto sensu* no país. Em 1995, uma portaria (Nº 47, de 17 de outubro) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (Capes), presidida por Abílio Baeta Neves – que retornou ao cargo em 2016 – tratava de um “Programa de Flexibilização do Modelo de Pós-Gradua-

ção Senso Estrito em Nível de Mestrado”. O autofinanciamento dos cursos e os projetos de parceria com o setor produtivo (bem como atividades de extensão) eram a tônica deste documento, que falava somente em “mestrados dirigidos à formação profissional”.

Somente em 1998, na portaria N° 080, de 16 de dezembro, há a resolução sobre o reconhecimento dessa flexibilização. Então, o curso é denominado “mestrado profissionalizante”. Segundo a Capes, a demanda decorre de uma “necessidade da formação de profissionais pós-graduados aptos a elaborar novas técnicas e processos” (Capes, 1998, s/n). Não há diferenças substanciais entre esta portaria e a de 1995, que propõem estrita consonância com o setor produtivo. Além disso, a expressão “profissionalizante” poderia dar um sentido técnico-instrumental ao curso.

Após um período de vácuo em relação a essa modalidade de mestrado, em 2009, o então ministro da Educação Fernando Haddad publica uma portaria normativa (N° 17, de 28 de dezembro de 2009), onde o curso é nomeado, então, como “mestrado profissional”. Nesta portaria, o curso é compreendido de forma mais ampla, sem perder o caráter profissional e de aplicação. No artigo 3º, isso fica mais bem delineado, ao afirmar que o mestrado profissional possibilita:

I - a capacitação de pessoal para a prática profissional avançada e transformadora de procedimentos e processos aplicados, por meio da incorporação do método científico, habilitando o profissional para atuar em atividades técnico-científicas e de inovação; II - a formação de profissionais qualificados pela apropriação e aplicação do conhecimento embasado no rigor metodológico e nos fundamentos científicos (Capes, 2009, s/n).

Isto é, o rigor metodológico e os fundamentos científicos não são esquecidos ou menosprezados, mas a partir deles serão pensados os conhecimentos aplicados, destinados à “transformação” de procedimentos e processos.

A portaria está em consonância com o documento de área de Comunicação e Informação da Capes em 2016, o primeiro a prever avaliação diferenciada para os mestrados profissionais. Neste documento, sinaliza-se que cada projeto

dentro de um curso desta modalidade deve prever pelo menos um tipo de impacto, citando e explicando alguns deles, tais como: social, cultural, econômico, tecnológico, legal, profissional e sanitário. Ou seja, os mestrados profissionais devem ter um caráter aplicado a partir de fundamentos científicos e rigor metodológico e não somente a partir de um teor mercadológico ou *in company*, mas considerando outras dimensões de aplicação.

No dia 23 de março de 2017, a Capes publica nova portaria (Nº 389) para efetuar a implementação dos doutorados profissionais. Em relação à portaria anterior, esta é mais enxuta, mas mantém o mesmo espírito da portaria anterior – mais aberto. Segue o artigo 2º, com relação aos objetivos do mestrado e do doutorado profissional:

- I - capacitar profissionais qualificados para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos, visando atender demandas sociais, organizacionais ou profissionais e do mercado de trabalho;
- II - transferir conhecimento para a sociedade, atendendo demandas específicas e de arranjos produtivos com vistas ao desenvolvimento nacional, regional ou local;
- III - promover a articulação integrada da formação profissional com entidades demandantes de naturezas diversas, visando melhorar a eficácia e a eficiência das organizações públicas e privadas por meio da solução de problemas e geração e aplicação de processos de inovação apropriados; e
- IV - contribuir para agregar competitividade e aumentar a produtividade em empresas, organizações públicas e privadas (Capes, 2017, s/n).

Deste modo, podemos compreender que as demandas podem vir do mercado de trabalho, mas também de caráter social, organizacional ou profissional, e com vistas ao desenvolvimento da sociedade, em dimensão local, regional ou nacional.

É, pois, a partir do contexto das portarias de 2009 e 2017 que se deve compreender a emergência dos mestrados profissionais em Jornalismo. A partir da necessidade de projetos de cursos de mestrados mais focados em relação à gran-

de área da comunicação, o Jornalismo, até agora, possui o maior número de mestros profissionais na comunicação<sup>3</sup>.

O primeiro a ser criado foi o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2013, o único até o presente momento a ter trabalhos defendidos. Sua área de concentração é em “Produção Jornalística” e possui somente uma linha de pesquisa, “Processos, Práticas e Produtos”. Em setembro de 2015, o mestrado profissional do FIAM-FAAM – Centro Universitário foi aberto, com a área de concentração “Práticas Jornalísticas” e as linhas de pesquisa “Linguagens Jornalísticas e Tecnologias” e “Jornalismo e Mercado de Trabalho”. No início do ano seguinte, teve início o mestrado em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), com área de concentração de mesmo nome e linhas “Produção de Conteúdo” e “Lógicas de Modelo e Gestão em Jornalismo”.

Os projetos de pesquisa dos programas envolvem temas como: jornalismo imersivo, inovação, desenvolvimento e difusão de aplicações interativas, jornalismo e dispositivos móveis, livro-reportagem, telejornalismo, recepção jornalística, inovação, rotinas produtivas, empreendedorismo, jornalismo alternativo e modelos de negócio, entre outros. Podemos compreender que, em certa medida, há três eixos que perpassam os interesses dos programas: a) linguagens e narrativas; b) tecnologias e dispositivos móveis; c) trabalho e gestão. Neste sentido, há potencialidades para diálogos e maior interface entre os programas.

#### 4. A pesquisa aplicada na pós-graduação em jornalismo

Os seminários do PósJor nos anos de 2015 e 2016 discutiram a “pesquisa aplicada em jornalismo”. Este tópico não é recente na literatura sobre jornalismo. Há pelo menos uma década estudos têm sinalizado possibilidades para esta abordagem, particularmente porque, dentro da comunidade científica brasileira, jornalismo (como uma subárea da comunicação) situa-se dentro da área das Ciências Sociais Aplicadas (MEDITSCH, 2004; MACHADO, 2004, 2005; FRANCISCATO, 2006). Machado já apontava, na época, que a hesitação dos pesquisadores

---

3. Fora os três de Jornalismo, a subárea de comunicação tem os seguintes mestros profissionais: Tecnologias e Linguagens da Comunicação (UFRJ), Comunicação e Indústria Criativa (Unipampa) e Inovação na Comunicação de Interesse Público (USCS).

em jornalismo em optar por realizar pesquisa social aplicada (preferindo localizar-se no campo das ciências humanas) gerava, na área, uma incapacidade em desenvolver metodologias próprias de pesquisa e, em consequência, dificuldades em se constituir como um campo de conhecimento:

Ao defendermos a prioridade para a pesquisa aplicada nada mais queremos que, com mais de dois séculos de atraso, o circuito da produção de conhecimento seja completado no campo do jornalismo. Com o estímulo à pesquisa aplicada haveria a possibilidade para a pesquisa auto-reflexiva, - a que determina o nível de amadurecimento do próprio campo - e que permitiria a cobertura de uma lacuna que provoca muitos prejuízos ao processo de formação: o desenvolvimento de métodos de pesquisa e metodologias de ensino no campo do jornalismo (MACHADO, 2005).

Resumidamente, a pesquisa aplicada é definida “por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 20). Conforme Santaella,

A motivação principal das pesquisas aplicadas, por seu lado, está na contribuição para resolver um problema. Para tal, ela aplicará conhecimentos já disponíveis, mas das aplicações podem resultar não apenas a resolução do problema que a motivou, mas também a ampliação da compreensão que se tem do problema, ou ainda a sugestão de novas questões a serem investigadas (SANTAELLA, 2001, p. 140).

O lugar da pesquisa aplicada na ciência não é, no entanto, uma questão meramente metodológica. Em vez disso, o centro do debate sobre seu uso passa pela reflexão e definição das políticas científicas de uma nação, seja por meio de recursos estatais ou privados. Compete ao Estado articular a ação dos agentes de pesquisa e criar condições para a complementaridade entre ciência e tecnologia, pesquisa básica (pura) e aplicada. Stokes (2005) debruça-se para compreender

as relações entre ciência e tecnologia em contextos históricos específicos, como os Estados Unidos ao final da Segunda Guerra Mundial, tentando formular um modelo de análise que superasse a dicotomia entre pesquisa básica e aplicada.

Uma das críticas que Stokes faz refere-se à pertinência do modelo que estabelece uma relação linear em um hipotético movimento de ligação entre um conhecimento que parte da ciência básica e vai em direção à ciência aplicada. O autor entende não ser este o movimento real da produção científica, sugerindo, em contrapartida, um modelo em forma de quadrilátero que possui quatro quadrantes, cada um com ênfase diferenciada: se pesquisa básica ou aplicada, suas relações com a produção de entendimentos fundamentais sobre uma questão ou, então, considerações sobre seu uso prático. Dentre esses quatro quadrantes, o autor dá atenção especial ao que denomina de “Quadrante de Pasteur”, por meio do qual reforça a importância da “pesquisa básica inspirada pelo uso” (2005, p. 132) e de experiências em que estão presentes variados graus de interação entre ciência e tecnologia.

A área de Comunicação tem, como objeto de estudo, os fenômenos comunicacionais, os quais demandam sua transformação e tratamento, por esta comunidade científica, em problemas empíricos (concretos e práticos), diferenciando-se dos problemas conceituais mais vinculados principalmente às ciências básicas (LAUDAN, 2011). Desta forma, poderíamos supor que a pós-graduação em Comunicação adotasse, com alguma frequência, perspectivas de pesquisa aplicada no sentido definido por Santaella.

Entretanto, em consulta ao Banco de Teses e Dissertações da Capes<sup>4</sup>, repositório de todos os trabalhos finais dos programas de pós-graduação brasileiros, encontramos um número muito baixo de trabalhos em pesquisa aplicada na área de Comunicação. A pesquisa abrangeu os anos de 2013 a 2016, incluindo os trabalhos em Ciências Sociais Aplicadas de quatro subáreas: Biblioteconomia, Ciência da Informação, Comunicação e Museologia. Uma busca no repositório do banco de dissertações e teses da Capes operando a palavra-chave “pesquisa aplicada” no dia 14 de abril de 2017, utilizando a ferramenta da plata-

---

4. <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

forma para localizar trabalhos que apresentavam essa expressão em um desses três elementos – título, resumo ou palavra-chave – possibilitou encontrar 29 resultados (Tabela 2).

**Tabela 2** – Teses e Dissertações com o termo “pesquisa aplicada” – 2013 a 2016

Subárea	Trabalhos
Biblioteconomia	1
Ciência da Informação	20
Comunicação	7
Museologia	1

**Fonte:** Banco de Teses e Dissertações/Capes.

Os dados acima refletem, em linhas gerais, a vocação de pesquisa de cada subárea de pós-graduação conforme volume e tipos de pesquisa realizados nesses quatro anos. Para este artigo, o foco é identificar os trabalhos na subárea de Comunicação. De início, buscou-se, de forma mais precisa, o sentido atribuído ao termo “pesquisa aplicada” nos trabalhos para confirmar se enquadram-se na concepção expressa anteriormente.

Dos sete estudos de pós-graduação que continham o termo no título, resumo ou palavra-chave, uma dissertação usava-o para negar tratar-se de pesquisa aplicada e outros três trabalhos detalharam sua metodologia caracterizando-a como pesquisa descritiva para produção de diagnósticos sobre fenômenos ou situações. Apenas três pesquisas (dissertações) demonstravam estar executando pesquisa aplicada. Casualmente, os três trabalhos eram sobre jornalismo, sendo dois oriundos do Mestrado em Jornalismo da UFSC e um terceiro do Mestrado em Comunicação da UFPR. As duas primeiras desenvolviam processos e produtos para o jornalismo digital (ALEXANDRE, 2016; OLIVEIRA, 2013) e a terceira um modelo de jornal comunitário (ORLANDINI, 2016). Deve-se registrar que nenhum outro fenômeno dentro das demais especialidades da área de Comunicação foi objeto de pesquisa aplicada nos quatro anos abrangidos pela pesquisa, o que expressa a pouca vocação concreta da área de Comunicação como um todo

para este tipo de investigação, embora esteja presente, nesta comunidade, uma retórica que defenda sua importância para a Comunicação.

O *III Seminário de Pós-Graduação em Jornalismo*, realizado durante o 14º Encontro Anual da SBPJor, em 2016, na cidade de Palhoça (SC), teve a pesquisa aplicada como tema central das discussões. Após relatos apresentados por representantes de programas em pós-graduação e a ênfase na importância desta pesquisa para os estudos sobre jornalismo, alguns tópicos foram sistematizados como uma possibilidade de constituição de uma agenda de temas e desafios para uma maior institucionalização deste tipo de pesquisa na pós-graduação:

- a) O produto final de uma pesquisa aplicada: apesar de esta pesquisa buscar, em linhas gerais, a resolução de problemas de ordem prática, o que significa isto para a concepção de uma dissertação ou tese? Seu objetivo se limitaria a isso ou sua responsabilidade como produto final de um mestrado ou doutorado é também produzir (refinar, ampliar) conhecimento teórico da ciência básica?
- b) Mecanismos de avaliação da pesquisa aplicada: já que a dissertação ou tese são os produtos finais avaliados por bancas de conclusão de curso, torna-se necessário indicar critérios ou requisitos que um trabalho baseado em pesquisa aplicada deve atender. Por exemplo: basta a concepção de protótipos de produtos ou mesmo de processos? É necessário o teste destes protótipos em situação real de uso? A concepção e o teste devem levar à produção de conhecimento teórico de ordem conceitual ou seu alcance pode ficar restrito à dimensão prática? Aqui, talvez surja a diferença entre uma pesquisa aplicada em seu sentido geral, que pode estar limitada aos seus resultados práticos, e um trabalho de conclusão de um curso de mestrado e doutorado, que tem por meta (e talvez por dever) a produção de conhecimento científico, o que significa contribuir para a construção da ciência básica.

- c) A pesquisa individual ou em equipe: uma dissertação ou tese produzidas sob o foco da pesquisa básica já possuem toda uma circunscrição das atividades e metodologias a serem utilizadas considerando-se as exigências e viabilidade para sua conclusão dentro do período de trabalho. Entretanto, o desenvolvimento de novos processos e produtos não necessariamente consegue ser iniciado e concluído no intervalo de 30 meses (mestrado) ou 48 meses (doutorado). Alternativas a esta dificuldade podem ser a participação de mestrandos ou doutorandos em projetos de pesquisa com produtos práticos já em andamento ou a constituição de equipes para dar conta da multiplicidade de tarefas que incluem a criação e finalização de um protótipo. Nos dois casos, o desafio é estabelecer fronteiras claras que permitam destacar, para fins de avaliação, o trabalho específico do discente de pós-graduação daquele trabalho realizado por outros membros da equipe, incluindo seu professor orientador.
- d) A questão ética na pesquisa aplicada: sabe-se que toda ação humana tem uma dimensão ética, o que alcança também todas as formas de conhecimento científico. Entretanto, a pesquisa aplicada indica que o conhecimento científico em produção afetará diretamente comunidades (indivíduos, grupos, organizações ou a sociedade como um todo), enquanto que, na pesquisa básica, essa consequência poderá ser indireta ou de longo prazo. Portanto, o controle ético sobre a pesquisa aplicada é ainda mais necessário. Há, aqui, uma discussão mais explícita sobre as finalidades do conhecimento produzido (“para que” realizar determinada pesquisa aplicada) e também quem serão os agentes sociais beneficiados por ela, como as corporações empresariais jornalísticas, a administração do Estado ou as organizações da sociedade civil (“para quem” determinada pesquisa aplicada é realizada).
- e) Interações com o ensino: ao propor uma mudança de foco do diagnóstico realizado tradicionalmente pela pesquisa básica e valorizando

o desenvolvimento de novos processos e produtos, a pesquisa aplicada toca em questões que são fundamentais para a formação de novos jornalistas. Em particular, a busca por novos processos de produção jornalística nos setores produtivos relaciona-se ao desafio do aprimoramento das metodologias de ensino no ambiente de graduação. Este é um lugar, por excelência, da experimentação de novas linguagens, processos e produtos, portanto pode ser também parceiro na produção do conhecimento aplicado na pós-graduação.

- f) Interações com a extensão: a resolução de um problema prático indica a preocupação central, mencionada anteriormente, sobre a dimensão do “uso” social do conhecimento científico. Ou de que formas a universidade contribui para o enfrentamento de problemas práticos da sociedade, algo que está no escopo das ações de extensão. É preciso, então, criar critérios e procedimentos para aproximar e diferenciar as ações de pós-graduação e de extensão.

## 5. Considerações finais

Nas três edições já realizadas, os seminários de pós-graduação em jornalismo têm procurado debater o perfil de implementação dos PPGs em Jornalismo e os desafios em busca da excelência científica, bem como os modelos de formação pós-graduada acadêmica e profissional. Assim, as discussões desenvolvidas têm contribuído para indicar movimentos da pesquisa na abordagem de problemas que envolvem as mudanças nas rotinas de produção, circulação e recepção dos conteúdos jornalísticos, sob a égide do paradigma tecnológico-informacional.

O fato de os seminários estarem se realizando anualmente articulados aos encontros da SBPJor vem contribuindo para maior integração entre, por um lado, uma perspectiva institucional focada no funcionamento da pesquisa na pós-graduação e, por outro, as multiplicidades de perspectivas de estudo e leituras sobre o jornalismo em mesas-redondas e grupos de trabalho, em que transitam debates tradicionais sobre teorias e metodologias de pesquisa em jornalismo e perspectivas emergentes e inovadoras. Esta interação entre a pós-graduação e a

pesquisa em jornalismo em geral amplia tanto as possibilidades de investigação quanto a diversidade dos atores acadêmicos participantes, incluindo-se também professores e alunos da graduação.

Um dos objetivos dos seminários tem sido o estímulo à formação de consórcios, projetos comuns e ações cooperativas, visando ao fortalecimento da pós-graduação e da pesquisa interinstitucional. Isso se torna mais necessário para pesquisadores inseridos em programas de pós-graduação em Comunicação em que o suporte institucional para pesquisa específica em jornalismo seja proporcionalmente menor em relação às outras subáreas prioritárias desses programas.

Além disso, um dos horizontes dos debates nos seminários tem sido o incentivo à criação de novos cursos e linhas de pesquisa em Jornalismo. Este é um aspecto institucional relevante dos debates, mas as edições do seminário têm almejado também contribuir ao processo de crescimento no domínio teórico-metodológico sobre o fenômeno jornalístico e, ao mesmo tempo, na capacidade de desenvolvimento de instrumentos para qualificar a atividade.

## Referências

- ALEXANDRE, T. B. *Telemobile: Indicativos para um modelo de telejornal para dispositivos móveis*. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- Capes. Portaria Nº 080, de 16 de dezembro de 1998. Dispõe sobre o reconhecimento dos mestrados profissionais e dá outras providências. Disponível em: <[www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria\\_Capes\\_080\\_1998.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_Capes_080_1998.pdf)>. Acesso em: 15 maio 2017.
- \_\_\_\_\_. Portaria Nº 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. *Diário Oficial da União*. Brasília DR, 29 dez, 2009.
- \_\_\_\_\_. Portaria Nº 389, de 23 de março de 2017. Dispõe sobre o mestrado e doutorado profissional no âmbito da pós-graduação stricto sensu. *Diário Oficial da União*. Brasília DR, 24 mar, 2017.
- FRANCISCATO, C. E. Considerações Metodológicas sobre a Pesquisa Aplica-

da em Jornalismo. *Anais do IV Encontro da SBPjor*. Porto Alegre:UFRGS, 2006.

LAUDAN, L. *O progresso e seus problemas: rumo a uma teoria do crescimento científico*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

MACHADO, E. Dos Estudos sobre o Jornalismo às teorias do Jornalismo (Três Pressupostos para a Consolidação do Jornalismo como Campo de Conhecimento). *e-compós – Revista de Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Ed.1, dez 2004. Disponível em: <[www.compos.org.br/e-compos](http://www.compos.org.br/e-compos)>. Acesso em: 14 fev. 2005.

\_\_\_\_\_. Pesquisa aplicada ao desenvolvimento. *Observatório de Imprensa*. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=324DAC003>>. Acesso em: 3 mar. 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. Estudos em Jornalismo. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Vol XXVII, nº 2, jul/dez 2004. São Paulo: Intercom, 2004, p. 93-107.

MELO, José Marques de. e CASTRO, Daniel (orgs.). *Panorama da Comunicação e das telecomunicações no Brasil*. 2011/2012, Vol. 3: Memória. Brasília: IPEA/Socicom, 2012.

OLIVEIRA, V. R. *Interfaces jornalísticas em tablets: o design digital da informação nos aplicativos móveis*. 269 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ORLANDINI, M. G. *Comunicação comunitária a exercício da cidadania: produção do jornal Pisa Ligeiro*. 142 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal do Paraná, 2016.

PROGRAMAS de Pós-Graduação em Jornalismo realizam 2º Seminário Nacional em Campo Grande. UFMS, Ciberjor, 03/11/2015. Disponível em: <[www.ciberjor.ufms.br/sbpjor2015/2015/11/03/programas-de-pos-graduacao-em-jornalismo-realizam-o-2o-seminario-nacional-em-campo-grande-durante-sbpjor-2015](http://www.ciberjor.ufms.br/sbpjor2015/2015/11/03/programas-de-pos-graduacao-em-jornalismo-realizam-o-2o-seminario-nacional-em-campo-grande-durante-sbpjor-2015)>. Acesso em: 5 maio 2017.

- SANTAELLA, L. *Comunicação e Pesquisa – Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- TONUS, Mirna e GADINI, Sérgio Luiz. “Ensino de jornalismo”. In: MELO, José Marques de. e CASTRO, Daniel (orgs.). *Panorama da Comunicação e das telecomunicações no Brasil*. 2011/2012. Flagrantes. Brasília: IPEA/Socicom, 2012, pp. 201-206.